



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**HÉRICA MARQUIANE MORAIS BERLANDA**

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM ARAGUAÍNA/TO: DAS  
NARRATIVAS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM PRODUZIDAS PELOS  
ALUNOS**

**ARAGUAÍNA / TO**

**2019**

HÉRICA MARQUIANE MORAIS BERLANDA

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM ARAGUAÍNA/TO: DAS  
NARRATIVAS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM PRODUZIDAS PELOS  
ALUNOS

Monografia apresentada ao curso de  
Graduação em Letras/Português, da  
Universidade Federal do Tocantins  
(UFT) – Câmpus Araguaína, como pré-  
requisito para conclusão da disciplina de  
Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof. Dr. João de Deus  
Leite.

ARAGUAÍNA / TO

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

B514e Berlanda, Hérica Marquiane Morais .  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM  
ARAGUAINÁ/TO : DAS NARRATIVAS DE ENSINO E DE  
APRENDIZAGEM PRODUZIDAS PELOS ALUNOS . / Hérica  
Marquiane Morais Berlanda. – Araguaína, TO, 2019.  
136 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português,  
2019.

Orientador: João de Deus Leite

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Narrativas. 3. Vulnerabilidade  
social. 4. Vulnerabilidade de escolar. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de  
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que  
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime  
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da  
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

HÉRICA MARQUIANE MORAIS BERLANDA

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM ARAGUAÍNA/TO: DAS  
NARRATIVAS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM PRODUZIDAS PELOS  
ALUNOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, junto ao curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, foi avaliado para a obtenção do grau de licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. João de Deus Leite

Aprovado em 05/12/2019

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. João de Deus Leite – UFT  
(Orientador)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Claudia Castiglioni – UFT  
(Examinadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Andréia Nascimento Carmo – UFT  
(Examinadora)

ARAGUAÍNA  
2019

Dedico este trabalho a meu filho Kayo Gabriel Berlanda, que luto por ele todos os dias, que, mesmo estando longe por alguns quilômetros, ele tem sido tão compreensivo e atencioso comigo; sempre estamos juntos mesmo com esta distância. Obrigada meu amor, todo esse esforço é para uma melhoria de vida para nós dois, não foram dias fáceis, mas, ao me lembrar de você, conseguia forças para concluir minha caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, ao meu Deus, por estar sempre comigo nesta minha caminhada, dando-me força e saúde para continuar. Mesmo eu estando cansada e querendo desistir, eu sentia sua mão me erguendo e colocando pessoas maravilhosas para me ajudar, com uma atitude ou até mesmo com palavras. Toda honra e toda glória dada a ti Senhor.

Ao meu grande mestre e orientador João de Deus Leite, que sempre esteve me ensinando, corrigindo e acreditando em mim mesma. Esse homem é mil. Muito obrigada professor, por me ajudar nesta caminhada da minha vida. Este trabalho é tanto seu quanto meu.

Agradeço, também a minha família. Aos meus pais, por tudo que já aconteceu em nossas vidas, por não terem desistido de mim e sempre me incentivando a estudar. Mãe, obrigada por cuidar do meu filho enquanto eu estudava. Amo vocês, mamãe e papai.

Ao meu irmão, Henrique Jhonata, que me acompanhou nesta caminhada comigo. Moramos juntos, concluímos algumas disciplinas juntos e, agora, iremos nos formar juntos. Que orgulho que tenho de você mano. Ao meu irmão Heitor Eduardo, que sempre dizia que eu iria conseguir. Mesmo não estando morando junto comigo, mas sempre me falando palavras de ânimos e me ouviu desabafar. Obrigada maninho, amo-te. Obrigada família, amo vocês.

Ao meu filho, amor da minha vida. Todo esse esforço é por você. Quando pensei em desistir, você foi o meu maior motivo para continuar. Sempre ficou ao meu lado, mesmo a distância, estávamos sempre juntos. Com idas e vindas, você sempre foi paciente, mamãe ama você meu amor. É, por isso, que dedico este trabalho para você, é por você tudo isso, logo, logo nosso sonho será realizado, filho.

Ao meu namorado e amigo Bruno, que sempre esteve ao meu lado. Mesmo eu surtando, às vezes, mas você sempre foi paciente comigo e nunca desistiu de mim. Obrigada, por ter me ajudado, neste trabalho e nas minhas pesquisas. Sei que não sou a melhor namorada do mundo, mas saiba que sempre que precisar estarei aqui, igual, quando você sempre esteve comigo.

Aos meus familiares, que me ajudaram, de alguma forma, sejam com palavras, sejam atitudes. Agradeço, em especial, às minhas tias Betânia e Shirleia, que sempre me ajudaram com meu filho, principalmente nos momentos em que não pude estar presente. Obrigada titias.

Aos meus amigos e companheiros da universidade, João Victor e Morgana, que sempre estiveram comigo desde o primeiro período. Apesar de ter me abandonado no último período (risos), brincadeira amigos, eu sei que foi melhor para a vida acadêmicas de vocês. Como tenho orgulho dos profissionais que vocês estão se tornando; parabéns e muito sucesso nessa caminhada.

Agradeço aos meus colegas de classe, cada um tem sua participação na minha vida acadêmica, essa turma é *show* obrigada a todos vocês.

Aos meus professores, que contribuíram para minha formação, vocês foram a base da minha caminhada. Agradeço, em especial, a minha professora de Estágio Supervisionado Curricular (ESC) e de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Vilma Nunes, muito obrigada por sempre nos ajudar e por acreditar em nós.

E, por fim, meu agradecimento à Universidade Federal do Tocantins; é uma honra ser aluna do curso de Letras e dessa universidade linda.

A Educação de Jovens e Adultos não é um presente, nem um favor, tal como antes a própria legislação ou a prática das políticas educacionais a viam. Desde a Constituição de 1988 ela se tornou um direito de todos os que não tiveram acesso à escolaridade e de todos que tiveram este acesso mas não puderam completá-lo.

(CURY,2004, p.1)



## RESUMO

Neste trabalho, abordamos as narrativas de oito alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de duas escolas públicas estaduais de Araguaína/Tocantins. De cada escola, entrevistamos quatro alunos. Eles foram levados a enunciar sobre as suas histórias de vida e sobre as condições como alunos da EJA. Estamos partindo da perspectiva de que há circunstâncias sócio-histórica e ideológicas comuns e particulares, produzindo-os na condição de sujeito. Para usarmos os termos teóricos da Análise de Discurso francesa, de orientação pecheutiana, quadro conceitual a que nos filiamos, trata-se de pensar que as narrativas deixam flagrar “processo de individuação do sujeito”. Há um “contexto no sentido lato” (Cf. ORLANDI, 2014), que, paradoxalmente, produzam esses processos. É paradoxal, pois, do ponto de vista discursivo, um contexto não se totaliza no outro; não se trata de uma visão determinista. Sendo assim, neste trabalho, orientamo-nos a partir da seguinte pergunta de pesquisa: Como os alunos da EJA entrevistados por nós significam a sua condição de alunos nesse seguimento de ensino? Traçamos o seguinte objetivo geral: analisar e problematizar o modo como os alunos da EJA entrevistados por nós discursivizam a sua condição nesse segmento de ensino, de maneira a pensar na correlação entre “vulnerabilidade social” e “vulnerabilidade de escolar”. E elaboramos os seguintes objetivos específicos: traçar um certo perfil socioeconômico e cultural das duas turmas das escolas estaduais que enfocamos, buscando circunscrever o “contexto em sentido lato” em que os alunos entrevistados estão inseridos; identificar os principais motivos que fizeram com que os alunos entrevistados deixassem de estudar e aqueles que fizeram com que eles retornassem à escola; analisar a relação deles, em termos discursivos, com os professores que ministram aulas, na EJA, e, conseqüentemente, com o modo como eles aprendem. Por meio de aplicação de questionário, adaptado do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), traçamos o perfil sociodemográfico e cultural dessas duas turmas. Para dimensionarmos as narrativas dos alunos entrevistados, foi elaborado um roteiro com perguntas discursivas. Por meio de transcrição, tendo por base a notação emprestada ao Projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC), foram transcritos os áudios. A partir de recortes discursivos (RD), retirados das transcrições, compusemos o nosso capítulo de análise. As análises mostram que é comum, dadas as narrativas dos alunos, processos de individuação de sujeito que deixam flagrar uma correlação entre vulnerabilidade social e vulnerabilidade escolar. A relação dos alunos entrevistados com a escola é marcada por uma rarefação no laço, já que eles, embora acessem à escola, acabam não permanecendo nela.

**Palavras-Chaves:** Educação de Jovens e Adultos; narrativas; vulnerabilidade social; vulnerabilidade de escolar.

## ABSTRACT

In this work, we approach the narratives of eight students of Youth and Adult Education (EJA), from two state public schools of Araguaína / Tocantins. From each school, we interviewed four students. They were led to state their life stories and conditions as students of EJA. We are starting from the perspective that there are common and particular socio-historical and ideological circumstances, producing them as subject. In order to use the theoretical terms of the French Discourse Analysis, with a pecheutian orientation, a conceptual framework to which we subscribe, it is a matter of thinking that the narratives allow the “individuation process of the subject” to be caught. There is a “context in the broad sense” (Cf. ORLANDI, 2014) that paradoxically produces these processes. It is paradoxical, for from the discursive point of view one context does not total in another; This is not a deterministic view. Thus, in this paper, we are guided by the following research question: How do the students of the EJA interviewed by us mean their condition as students in this teaching follow-up? We set the following general objective: to analyze and problematize the way that the students of EJA interviewed by us discursivate their condition in this segment of education, in order to think about the correlation between “social vulnerability” and “school vulnerability”. And we elaborated the following specific objectives: to draw a certain socioeconomic and cultural profile of the two classes of the state schools that we focus, trying to circumscribe the “context in a broad sense” in which the interviewed students are inserted; identify the main reasons why students interviewed dropped out of school and those that made them return to school; to analyze their relationship, in discursive terms, with the teachers who teach in EJA, and, consequently, with the way they learn. By applying a questionnaire, adapted from the National Examination for Certification of Youth and Adult Skills (ENCCEJA), we draw the sociodemographic and cultural profile of these two classes. To scale the narratives of the interviewed students, a script with discursive questions was elaborated. Through transcription, based on the notation loaned to the Urban Cultured Oral Standard Project (NURC), the audios were transcribed. From discursive clippings (RD), taken from the transcriptions, we composed our chapter of analysis. The analyzes show that, given the students' narratives, subject individuation processes that allow a correlation between social vulnerability and school vulnerability are found.

The relationship of the students interviewed with the school is marked by a weakening of the bond, since they, although accessing the school, end up not staying in it.

**Keywords:** Youth and Adult Education; narratives; social vulnerability; school vulnerability.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Cronograma de coleta de informações .....	32
Quadro 2 - Educação de Jovens e Adultos.....	33
Quadro 3 - Importância e motivos que os alunos trabalham. ....	42
Quadro 4 - Quais os motivos influenciaram os alunos terem abandonado ou não frequentado a escola regular.....	48
Quadro 5 - Importância e motivos que os alunos trabalham. ....	59
Quadro 6 - Qual o motivo influenciaram os alunos terem abadoonado ou não frequentado a escola regular.....	66
Quadro 7- Correlação entre vulnerabilidade social e vulnerabilidade escolar. ....	102

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 ou mais idade no Brasil – 1940/2010.....	23
Figura 2- Propaganda do Mobral na revista Abril.....	27

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de alunos que responderam ao questionário.....	34
Gráfico 2 - Números de homens e mulheres responderam ao questionário.....	35
Gráfico 3 - Número de pessoas que moram com os alunos.....	36
Gráfico 4 - Tipo de residência que os alunos moram. ....	36
Gráfico 5 - Escolaridade dos pais dos alunos. ....	37
Gráfico 6 - Escolaridade das mães dos alunos.....	38
Gráfico 7 - Renda familiar mensal dos alunos.....	39
Gráfico 8 - Renda mensal dos alunos. ....	40
Gráfico 9 - Atualmente em que os alunos trabalham.....	41
Gráfico 10 - Quantas horas semanais os alunos trabalham. ....	43
Gráfico 11 - Idade que os alunos começaram a trabalhar. ....	44
Gráfico 12 - Como os alunos avaliam ter estudado e trabalhado durante os estudos. ....	45
Gráfico 13 - Quantas vezes os alunos reprovaram.....	46
Gráfico 14 - O principal motivo que fez com que os alunos os alunos voltassem a estudar.....	47
Gráfico 15 - Qual série os alunos haviam deixado de estudar. ....	48
Gráfico 16 - Número de alunos que responderam ao questionário. ....	51
Gráfico 17 - Número de pessoas que moram com os alunos.....	52
Gráfico 18 - Tipo de residência em que os alunos moram.....	53
Gráfico 19 - Escolaridade dos pais dos alunos. ....	54
Gráfico 20 - Escolaridade das mães dos alunos.....	55
Gráfico 21 - Renda familiar mensal dos alunos.....	56
Gráfico 22 - Renda mensal dos alunos. ....	56
Gráfico 23 - Números de quantos alunos trabalha ou já trabalhou.....	57
Gráfico 24 - Atualmente em que os alunos trabalham. ....	58
Gráfico 25 - Quantas horas semanais os alunos trabalham. ....	60
Gráfico 26 - Idade que os alunos começou a trabalhar.....	61
Gráfico 27 - Como os alunos avalia ter estudado e trabalhado durante os estudos. ....	62
Gráfico 28 - Quantas vezes os alunos já reprovou.....	63
Gráfico 29 - O principal motivo que faria os alunos voltar a estudar. ....	64
Gráfico 30 - Qual série os alunos haviam deixado de estudar. ....	65

## ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de discurso
CEA	Campanha de Educação de Adultos
CER	Campanha de Educação Rural
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENCCEJA	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
MEB	Movimento de Educação de Base
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
NURC	Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro
ONU	Organização das Nações Unidas
PPP	Projeto Político Pedagógico
RD	Recorte Discursivo
SEA	Serviço de Educação de Adultos
SGE	Secretaria de gestão escolar
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2. DO HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL E NO TOCANTINS</b>	<b>19</b>
2.1 Histórico da EJA no Brasil	19
2.2 Do histórico da EJA no Tocantins	29
<b>3. CAPÍTULO METODOLÓGICO: ENTRE O CAMINHO TRILHADO E AS TÉCNICAS UTILIZADAS NA PESQUISA</b>	<b>32</b>
3.1 Caracterização do universo da pesquisa – Escola Estadual Vila Nova	32
3.2 Caracterização da turma – Escola Vila Nova	33
3.3 Caracterização do universo da pesquisa – Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.	49
3.4 Caracterização da turma – Colégio Adolfo Bezerra de Menezes	50
3.5 Critérios de seleção dos participantes da pesquisa	67
3.6 Procedimento do <i>corpus</i> e procedimento de análise	67
<b>4. CAPÍTULO TEÓRICO</b>	<b>69</b>
<b>5. CAPÍTULO DE ANÁLISE: ENFOCANDO AS NARRATIVAS DOS ALUNOS DA EJA</b>	<b>72</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>106</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>109</b>
ANEXO 01 – Questionário adptado do ENCCEJA	109
ANEXO 02 – Roteiro da entrevista	114
ANEXO 03 - Normas para transcrição de textos orais	115
ANEXO 04 - Transcrições	117

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se volta para as narrativas de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de duas escolas públicas de Araguaína/Tocantins. Desde o momento em que cursamos a disciplina *História da Educação de Jovens e Adultos*, ofertada no Curso de Graduação em Letras/Português, da Universidade Federal do Tocantins (UFT)/Câmpus Araguaína, essa modalidade de ensino nos interessou. Somado a essa oferta, a nossa relação com a EJA advém, também, da esfera familiar. Tivemos parentes próximos que retornaram à educação básica como forma de reparar o tempo em que estiveram fora da escola, tendo em vista alguns motivos, como a necessidade de trabalhar. E eles encontraram, na EJA, essa possibilidade de reinserção escolar.

No cenário educacional brasileiro, a EJA se configura como uma modalidade de ensino que recebe um público específico, em termos de “idade esperada” para se concluir o tempo de permanência na educação básica. Essa realidade se aplica àquele que abandonou a escola por algum motivo. Outra realidade refere-se àqueles que, por uma questão de acesso, nunca puderam frequentar e permanecer na escola. É que, nesse cenário educacional, há muitos brasileiros analfabetos que passaram a se interessar pela educação, como ainda mostraremos, neste trabalho, a partir de uma historicização, produzida no primeiro capítulo. Esses brasileiros tendem a ingressar na EJA, se foram a eles dadas as oportunidades sociais e escolares.

Este trabalho, ao contemplar as vozes daqueles que estão diretamente envolvidos na EJA, passa, inclusive, a pensar na eficácia e no alcance da EJA, em termos de política pública educacional. Trata-se de política pública, pois, em termos governamentais, busca-se reparar a condição de acesso e de permanência de um grupo vulnerável (ou grupos vulneráveis) na escola. Trata-se de política pública, também, porque depende do engajamento de diferentes profissionais, para que a realidade brasileira seja invertida, no que se refere à taxa de analfabetismo. Trata-se de política pública, ainda, porque são necessários investimentos financeiros na



formação de profissionais que atuarão na EJA, bem como na produção e na distribuição de materiais que atendam a esse público.

Diante de todo esse cenário que compõe as condições sócio-históricas e ideológicas da EJA, no Brasil, lançar luz às narrativas de alunos ajuda-nos a pensar na experiência de vida de cada um. Para além das homogeneizações que são necessárias produzir para se propor e executar uma política pública, olhar para a singularidade, também, é necessária. Para usarmos os termos do quadro teórico a que nos filiamos, poderíamos dizer que olhar para os “processos de individuação dos sujeitos” é relevante. É que esses processos nos permitem pensar no modo como cada sujeito lida com certa historicidade, isto é, cada um tem uma constituição. Não se trata de uma constituição consciente e controlável. Acima de tudo, é uma constituição contraditória e desigual, em termos de que as oportunidades sociais não são iguais para todos.

O acesso e a permanência à escola, para dizermos do fato deste trabalho, perpassam os processos de individuação, pois, para além da condição sociológica, há uma constituição subjetiva. Falar em subjetividade convoca uma dupla condição: o “contexto em sentido estrito” (Cf. ORLANDI, 2014, p.14) e o “contexto em sentido lato” (Cf. ORLANDI, 2014, p.14). No capítulo teórico, iremos abordar, de modo detalhado esses contextos. Mas, por ora, importa considerar que a subjetividade abre horizontes para o modo como certa historicidade incide na história de vida, singularizando cada um.

A Análise de discurso francesa mostra-se como um campo teórico produtivo, neste trabalho, pois cria condições teóricas para pensarmos na relação entre esses dois contextos, tendo em vista as narrativas dos alunos da EJA que entrevistamos. Cabe ressaltar que, à luz desse campo, esses dois contextos não se superpõem nem podem ser concebidos em uma visão determinista. A perspectiva discursiva, ao abrir vias para pensarmos em processos de individuação de sujeito, tematiza a dispersão da historicidade, produzindo os sujeitos. E as narrativas deflagram esses processos.

Considerando a perspectiva teórica de que há “processos de individuação do sujeito”, vamos perseguir, neste trabalho, a seguinte pergunta de pesquisa: Como os alunos da EJA entrevistados por nós, que foram 08, significam a sua

condição de alunos nesse seguimento de ensino? Essa condição envolve tanto a história de vida deles, que, em geral, é marcada por certa vulnerabilidade social. Tal condição envolve, também, a relação deles com os professores, em termos de ensino, e com eles próprios, em termos de aprendizagem. Como viemos tematizando, neste trabalho, essa condição é ancorada em processos sócio-históricos e ideológicos.

Para levar a bom termo a execução da pesquisa, traçamos o seguinte objetivo geral: analisar e problematizar o modo como os alunos da EJA entrevistados por nós discursivizam a sua condição nesse segmento de ensino, de maneira a pensar na correlação entre “vulnerabilidade social” e “vulnerabilidade escolar”. E elaboramos os seguintes objetivos específicos: traçar um certo perfil socioeconômico e cultural das duas turmas das escolas estaduais que enfocamos, buscando circunscrever o “contexto em sentido lato” em que os alunos entrevistados estão inseridos; identificar os principais motivos que fizeram com que os alunos entrevistados deixassem de estudar e aqueles que fizeram com que eles retornassem à escola; analisar a relação deles, em termos discursivos, com os professores que ministram aulas, na EJA, e, conseqüentemente, com o modo como eles aprendem.

Em termos de método, isto é, do caminho filosófico que construímos para alcançar os referidos objetivos, é preciso destacar que nos orientamos pelo método dedutivo e indutivo. O primeiro responde pela necessidade de nos filiar a premissas de uma teoria, como foi caso da Análise de Discurso francesa de orientação peuchetiana e desenvolvida, no Brasil, por Orlandi. A premissa mais ampla é a de que há processos de individuação do sujeito que se deflagram na e pela narrativa. O sujeito se revela, em termos discursivos, quando é interpelado pela ideologia, como veremos mais adiante. O segundo diz respeito ao fato de nos voltarmos para experiências particulares, dado o processo de coleta de informações. No caso, trata-se de duas escolas públicas estaduais, na cidade de Araguaína/Tocantins. Ou seja, o nosso foco são as narrativas de oito alunos dessas escolas, que são constituídos por condições socio-históricas e ideológicas, ao mesmo tempo, comum e particulares.

No que tange ao modo como percorremos esse caminho, que já se trata da metodologia, trabalhamos com a aplicação de um questionário que adaptamos do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA). Essa aplicação serviu-nos de base para traçarmos um certo perfil sociodemográfico e cultural dessas duas turmas. Também, como técnica de coleta, elaboramos um roteiro com perguntas discursivas, de maneira a criar condições, para que os alunos da EJA pudessem produzir as suas narrativas. Por meio de transcrição, dada a notação emprestada ao Projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC), ouvimos os áudios e os transcrevemos para estruturá-los em recortes discursivos (RD) para a composição do capítulo de análise.

Dada a posição teórica de analista de discurso, os recortes discursivos são concebidos como materialidade histórica, pois eles deixam flagrar aspectos da constituição dos alunos que enunciam. No caso, é por meio dessa materialidade que construímos espaços de interpretação para pensar na história de vida dos alunos. Pinçando enunciados desses recortes discursivos, é que vamos fazer trabalhar elementos da historicidade que individualizam os alunos, na condição de sujeitos discursivos.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos propriamente ditos, além da introdução, das considerações finais, das referências e dos anexos. No primeiro capítulo, apresentamos uma historicização sobre a EJA no Brasil e no Tocantins, buscando mostrar as condições de produção dessa modalidade de ensino no cenário nacional e estadual. No segundo capítulo, destacamos algumas informações sobre as duas escolas foco da pesquisa e sobre as duas turmas. Também, destacamos os critérios de seleção dos participantes da pesquisa. Ainda, nesse capítulo, circunstanciamos o processo de constituição do *corpus* e do procedimento de análise. No terceiro capítulo, destacamos e apresentamos conceitos teóricos que embasa nossa pesquisa. Para tanto, nos filiamos a teoria da análise de Discurso Francesa, de orientação pichentiana. No quarto capítulo, já de posse da materialidade histórica, apresentamos as análises e as problematizações em torno das narrativas dos oito alunos da EJA.

## 2. DO HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL E NO TOCANTINS

Neste capítulo, iremos tecer comentários acerca da EJA, tanto no Brasil como também no Tocantins. Buscaremos traçar o percurso do ensino de Jovens e Adultos no Brasil ao longo da história. Posteriormente, iremos apresentar algumas considerações sobre o ensino de Jovens e Adultos no Tocantins, objetivando circunstanciar as políticas públicas implementadas no estado voltadas para o ensino dessa modalidade. Portanto, de agora em diante, faremos um levantamento acerca do ensino de jovens e adultos desde o período colonial, e, posteriormente, iremos retratar como essa modalidade foi implementada no Tocantins.

### 2.1 Histórico da EJA no Brasil

Nesta seção, iremos tecer apontamentos acerca da EJA, essa modalidade de ensino tem como objetivo principal ofertar acesso à educação básica a jovens e a adultos, principalmente àqueles que não tiveram acesso à educação na idade apropriada. Esse público é amparado pelo Art. 205, da constituição federal, que postula:

Art. 205. A educação, **direito de todos** e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, **visando ao pleno desenvolvimento da pessoa**, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1998; **grifo nosso**)

Como abordado no artigo, citado anteriormente, todos têm direito à educação, e esse dever está sob responsabilidade do Estado e da família. Para oportunizar a educação para todos, os estados brasileiros devem criar políticas públicas de inclusão, principalmente para aqueles que estão à margem da sociedade<sup>1</sup>. Vale ressaltar que essa educação já foi negada, principalmente para mulheres, como também para jovens e adultos que não tiveram oportunidades de

---

<sup>1</sup> Quando nos referimos à “margem da sociedade”, estamos aludindo a pessoas que estão “separadas” do resto da sociedade, aquelas que não estão no centro das discussões. Grande parte do público da EJA está na margem da sociedade, pelo fato de a não ter concluído a educação básica, por grande maioria fazer parte de classe social, economicamente, baixa, implicando uma condição de vulnerabilidade social entre outros.

cursar a educação básica na “idade ideal”. As políticas públicas surgem justamente para buscar atender esse público, que, em grande parte da história, não tiveram oportunidade de acesso à educação, e, assim, as políticas buscam proporcionar a regressão do número de analfabetos no país.

Iremos retroceder no tempo para abordarmos como era a educação no Brasil, e, ainda, qual era a visão da sociedade para aqueles que eram analfabetos. Pensando no âmbito da educação, de em forma geral, os primeiros registros de ensinamentos no Brasil, como também de jovens e de adultos, ocorreu na relação entre os jesuítas e os indígenas. O objetivo desse ensinamento era a alfabetização dos indígenas, uma vez que essa ação ficou caracterizada como aculturação e como catequização.

Naquela época, havia o pensamento de que os indígenas não tinham uma religião, e que os colonizadores deveriam apresentar sua religião a esse povo. A língua portuguesa foi ensinada com o objetivo de dominação daquele povo. Assim, com uma língua em comum haveria relação de comunicação mais direta e eficaz. O processo de alfabetização, realizada pelos jesuítas, teve fim, em 1759, pelo motivo de eles terem sido expulsos dos “reinos e domínios” de Portugal.

No período Imperial, segundo Strelhow (2010), iniciavam-se as discussões de incluir a classe denominada inferior (classe composta por homens e por mulheres livres e por negros escravizados) no processo educacional primário<sup>2</sup>. Entretanto, a lei ficou apenas no papel, não houve mobilização por parte do governo para garantir educação para todos. De acordo com Strelhow (2010, p.51; grifos nossos):

E a partir do Ato Constitucional de 1834, ficou sob a responsabilidade das províncias a instrução primária e secundária de **todas as pessoas**, mas que foi designada especialmente para jovens e adultos. É importante ressaltar que a educação de jovens e adultos era carregada de um princípio **missionário e caridoso**. **O letramento destas pessoas era um ato de caridade das pessoas letradas às pessoas perigosas e degeneradas.**

---

<sup>2</sup> Constituição do Império (de 25/3/1824) – “A instrução primária é gratuita a todos os cidadãos.”  
**CONSTITUIÇÃO POLITICA DO IMPERIO DO BRAZIL (DE 25 DE MARÇO DE 1824)**

Observando o Ato Constitucional, de 1834, sob comando o imperador Dom Pedro I, o então governo deveria proporcionar acesso a todas as pessoas. Entretanto, temos conhecimento de que não foi realizada essa mobilização, uma vez que mulheres e negros escravizados não tinham oportunidades de estudar. Vale ressaltar que a educação primária e secundária, que atualmente corresponde à educação básica, era de responsabilidade das províncias (estados); já o ensino superior ficou sob responsabilidade ao governo Imperial. Portanto, a elite tinha a atenção do governo Imperial, e as províncias daqueles menos favorecidos.

Naquele período, as pessoas que não eram letradas eram consideradas “perigosas e degeneradas”, uma vez que, segundo a concepção da época, os analfabetos eram ignorantes e não tinham nada na mente; era necessário iluminar a mente dessas pessoas. Portanto, o ensinamento para analfabetos era visto como ato de caridade, e não como um direito do povo e um dever do estado.

Antes da proclamação da república, circulava, na sociedade, como já mencionamos a ideia de que pessoas não alfabetizadas desprovidas de pensamentos críticos, uma vez que eram consideradas como incapazes. De acordo com Rui Barbosa (1882), citado por Strelhow (2010, p. 51) “os analfabetos são considerados, assim, como crianças, incapazes de pensar por si próprios”. Era comum encontrarmos relações feitas entre crianças e analfabetos, pois muitos acreditavam que ambas precisavam do mesmo ensinamento. Mas sabemos que há grande diferença entre o ensino destinado a crianças e aquele para jovens e adultos, uma vez que o perfil de cada um é distinto. Esse tipo de pensamento corrobora para que as pessoas que não eram analfabetas perdessem seu direito ao voto. Assim, o “poder democrático” ficava na mão de pessoas elitizadas, que tinham acesso à educação.

Em 1878, foram criados, no Brasil, cursos noturnos que apresentam algumas semelhanças ao que hoje concebemos com a EJA. Neste período, foi aprovado, no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, a criação de cursos para adultos, entretanto era delimitado quem poderia participar desses cursos. Vejamos, a seguir, o decreto Nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878;

Art. 1º Em cada uma das escolas publicas de instrucção primaria do 1º gráo do municipio da Côrte, **para o sexo masculino**, é creado um curso

nocturno de ensino elementar para adultos, compreendendo as mesmas materias que são leccionadas naquellas escolas.

Art. 5º Nos cursos nocturnos poderão matricular-se, em qualquer tempo, **todas as pessoas do sexo masculino, livres ou libertos, maiores de 14 annos.** [...] (LEIS DO IMPÉRIO DO BRASIL de 1878; grifos nossos)

Como pudemos observar, por meio da citação anterior, tais cursos noturnos eram ofertados a pessoas do sexo masculino; restringindo, assim, o acesso e deixando privado para as mulheres à educação. Nessa época, ainda havia escravidão no país<sup>3</sup>, aqueles que eram escravizados não poderiam ter acesso à educação. Portanto, nesse período, só poderiam ingressar, nos cursos noturnos, homens livres e que fossem maiores de 14 anos. Esse curso oportunizou àqueles que trabalhavam durante o dia, acesso à educação.

Após algumas décadas, o Governo Federal, por meio da constituição de 1934, acrescenta a educação de adultos à Lei sem fazer restrição de sexo e de idade. A constituição de 1934, Art. 150, parágrafo único “a” postula, “[...] ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória extensivo aos adultos”. Nesse período, a educação de adultos passou a ser de responsabilidade da União Federal, buscando, assim, diminuir o número de analfabetos no país. De acordo com Freitas (2009):

Investir na Educação de Adultos poderia se constituir-se de maneira eficaz de, em curto prazo, **diminuir as altas taxas de analfabetismo**, poderia também repercutir na qualidade da educação de crianças pequenas, o que também contribuiria para a contenção dos aumentos das taxas de analfabetismo. Educação de adultos analfabetos e a educação elementar das crianças estariam diretamente associadas. (FREITAS, 2009, p. 211; grifos nossos.)

Vale ressaltar que, de acordo com a constituição de 1934 (Art. 108), não poderiam ter direito a votos “os que não saibam ler e escrever”, restringido, assim, o voto à elite que tinha acesso à educação. As políticas públicas começaram a se intensificar a partir da década de 1940, período em que foi criado: o Fundo Nacional do Ensino Primário (1942), pelo Decreto-Lei Nº 4.958, que à visava ampliação e à

---

<sup>3</sup> Somente no dia 13 de maio de 1888, com a criação da Lei Áurea pela Princesa Isabel, foi oficializada o fim da escravidão no Brasil (**LEI Nº 3.353, DE 13 DE MAIO DE 1888.**)

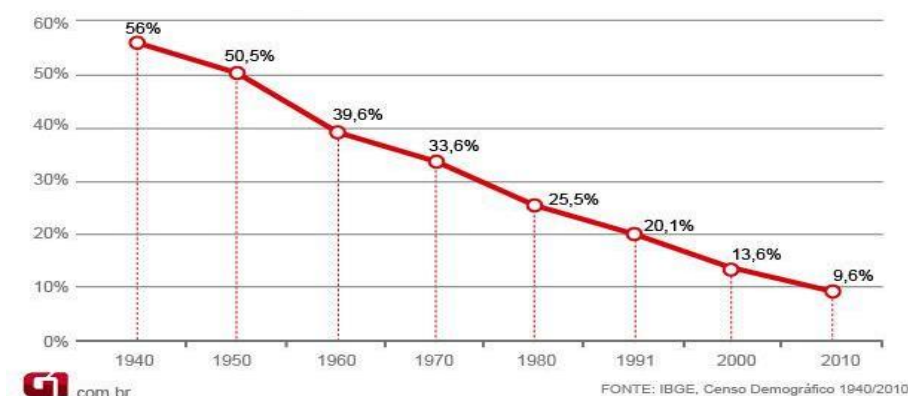
melhoria no sistema escolar; Serviço de Educação de Adultos – SEA (1947); Campanha de Educação de Adultos – CEA (1947), Campanha de Educação Rural – CER (1952); e, na década de 50, Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958).

Tais programas, citados anteriormente, tiveram como objetivo desenvolver ações que promovessem uma educação melhor do que era ofertada, buscando, desse modo, atingir a zona urbana e rural do território brasileiro. De acordo com Freitas (2009):

Tinha como objetivo promover uma “educação de base” ou a “**educação fundamental comum**” a todos os brasileiros da zona urbana e rural que não sabiam ler e escrever. Isso significava, de um lado, desenvolver uma ampla ação para atingir mais da metade da população brasileira considerada analfabeta. [...] A campanha também tinha um conteúdo aberto à lógica da produção de uma nova disciplina, **visando o mundo do trabalho urbano**. (FREITAS, 2009, p. 213; grifos nossos)

Podemos observar traços dessa proposta, atualmente; o governo busca proporcionar base de ensino comum a todos, observando, também, aspectos regionais que variam de acordo com a região. Outro ponto abordado é a qualificação, a educação proporciona a oportunidade de conhecer mais acerca do sistema capitalista, ou seja, de compreender o sistema que rege o mercado de trabalho. Vejamos, a seguir, uma tabela que demonstra a taxa de analfabetismo entre os anos de 1940-2010 no Brasil:

Figura 1- Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 ou mais idade no Brasil – 1940/2010



(Fonte: G1<sup>4</sup> utilizando dados do IBGE, Censo Demográfico 1940/2010)

<sup>4</sup> <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/11/ibge-indica-que-analfabetismo-cai-menos-entre-maiores-de-15-anos.html>



Com base nos percentuais exposto na Figura 1, notamos uma diminuição do número de analfabetos no cenário social brasileiro. Se cotejamos o ano de 1940 a 2010, vamos ver uma queda significativa. Essa queda pode ser explicada pela proposição de políticas públicas educacionais, buscando assegurar o acesso e a permanência de brasileiros na escola.

Após o fim da primeira guerra mundial, houve uma grande mobilização para a erradicação do analfabetismo, pelo motivo de que os países com grandes taxas de analfabetismos eram considerados como “nações atrasadas”. Observando o gráfico anterior (Fig. 1), podemos notar que mais da metade da população era analfabeta, na década de 40, ou seja, o Brasil estava entre as “nações atrasadas”. Essa categorização e a pressão se intensificaram pelo surgimento da Organização das Nações Unidas (ONU, doravante) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, de agora em diante). De acordo com Strelhow (2010)

A orientação da ONU e da UNESCO era de que a educação era o meio de desempenhar o desenvolvimento das “nações atrasadas”. **Isso demonstra que os programas de educação instalados estavam preocupados mais na quantidade de pessoas formadas do que a qualidade.** Além dessas recomendações, era plausível ao momento histórico interno brasileiro o aumento de pessoas que, diante da lei, pudessem exercer o **direito do voto** no caminho da democratização. Outro fator, que contribuiu à uma educação de massa, é a consideração da pessoa analfabeta como **ignorante, incapaz, cabeça dura, sem jeito para as letras.** (STRELHOW, 2010, p. 53; grifos nossos)

Como pudemos observar, por meio da citação anterior, havia sempre a relação entre crianças e adultos não alfabetizados. Assim, o ensino deveria ser semelhante para ambos. Entretanto, havia a concepção de que os adultos eram mais fáceis de alfabetizar; então, naquela época, imaginava-se que não era necessário alguém especializado/formado para ministrar aulas, só era preciso ser alfabetizada. De acordo com o documento elaborado pelo INEP, deve haver preocupação com a qualificação dos alfabetizadores, vejamos parte do texto, a seguir:

Qualquer programa que tenha como foco a erradicação definitiva do analfabetismo do País deve priorizar um elemento que é central para o seu sucesso: **a qualificação dos alfabetizadores.** O descuido com esse

aspecto ajuda a entender o fracasso de boa parte dos programas de alfabetização em massa que marcam a história do País. (BRASIL, S/ANO, p. 11; grifos nossos)

No início da década de 60, houve a disseminação de ideias acerca da educação popular, ocasionando, dessa maneira, a democratização do ensino. Foi nessa década que Paulo Freire proporcionou grandes discussões em relação ao ensino de jovens e de adultos. Freire (1968) buscava levar a sociedade refletir acerca dos preconceitos e privações que os analfabetos sofriam, como já comentamos anteriormente. Houve, também, a intensificação de movimentos populares, vejamos:

Estudantes e intelectuais atuaram junto a grupos populares, desenvolvendo novas perspectivas de cultura e educação, organizadas por diferentes instituições, com graus variados de ligação com o Estado. Destacaram-se: Movimento de Educação de Base (MEB) e Movimento de Cultura Popular do Recife, iniciados em 1961 e os Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE). (BRASIL, S/A, p. 3-4)

Foi somente, nos anos 60, que a educação para adultos foi estendida, no sentido além de oferecer o ensino primário (ensino fundamental) ofereceu-se, também, o curso ginasial (ensino médio). O grande marco na educação foram as contribuições de Freire, pois ele buscava estimular a participação da sociedade na política, no sentido de se desenvolver, ativamente, atividades e ações de interesse público.

Freire começou a tecer considerações sobre a metodologia de ensino que, por muitas vezes, tematizavam os alunos, principalmente os analfabetos, como uma tabua rasa, ou seja, sem conhecimentos prévios. Assim, na esteira de Freire, surgia a proposta de ensino que buscasse valorizar os conhecimentos já adquiridos pelos alunos e também de acordo com sua realidade.

Freire partia da relação de duas perspectivas acerca da educação, olhando pelo viés da dominação e da opressão. A educação tinha/tem esse caráter de atribuir ao indivíduo poder perante a sociedade, a depender da formação que determinada pessoa tem; ela detém certo poder. Aqueles que eram considerados sem instruções, analfabetos, eram oprimidos. Percebemos essa opressão pelas

discussões feitas até aqui, em que os analfabetos eram excluídos da sociedade, não tinham direito a voto, eram rotulados de “incapaz”.

Freire recebeu apoio do governo federal, no ano de 1964, fazendo parte de um programa do Ministério da Educação chamado de Programa Nacional de Alfabetização de Adultos. Neste mesmo ano foi instaurada no Brasil a ditadura militar, assim muitos que estavam a frente de discussões acerca da educação foram oprimidos, inclusive Paulo Freire.

Durante o final da década de 60 e início da década de 70, o governo criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização, conhecido como MOBRAL. Tal movimento ganhou ampla divulgação e foi instaurado em todo o país, o objetivo era erradicar o analfabetismo no Brasil em apenas dez anos. Foi considerado, de acordo com Santana (2007), como um dos programas de alfabetização mais caro do país. O projeto tinha um caráter nacionalista, em que todos da sociedade deviam estarem engajados a acabar com o analfabetismo. De acordo com Santos (2014)

O Mobral serviu enquanto uma forte estratégia frente às ideias do regime em demonstrar preocupação com as classes populares. Para atingir quase todos os municípios brasileiros, foi organizada toda uma logística militar, utilizando uma enorme carga propagandística. **A intenção era captar maior número de analfabeto** às salas de aulas improvisadas com o propósito de alfabetiza-lo em um tempo curto (**cinco meses**). E através dos **meios de comunicação de massa**, foram convocados indivíduos para fazerem parte do movimento que aniquilaria o “mal do analfabetismo. (SANTOS, 2014, p. 331; grifos nossos)

Como abordado na citação anterior, o Mobral buscava alfabetizar pessoas em cinco meses, e tal programa buscava apoio da sociedade para atingir o maior número de pessoas não alfabetizadas. Portanto, para ampla divulgação o governo investiu grandemente em propagandas. Consideramos, a seguir, a Figura 2 em que apresentamos uma propaganda do governo:

Figura 2- Propaganda do Mobral na revista Abril.

**Pelo amor de Deus, ensine alguém a ler.**

Se você é prefeito, empresário, estudante, você pode ajudar.  
Se você dirige um sindicato, uma organização religiosa, uma associação, você pode ajudar.  
Então ajude.  
O Mobral vai alfabetizar 7 milhões de brasileiros até 1973.  
E deixará este país sem um analfabeto, em dez anos. Isso tudo já começou. O Movimento Brasileiro

de Alfabetização já está funcionando em 457 cidades. E está precisando de sua ajuda.  
Vá procurar o Mobral de sua cidade e veja o que você pode fazer.  
Ou então escreva ao Mobral, no Rio.  
Rua da Imprensa, 16.  
Edifício do Ministério da Educação.  
Mas, pelo amor de Deus, dê uma chance a quem nunca teve nenhuma.

**MOBRAL**  
MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO

20 ANOS  
1965-1985  
EDITORA ABRIL

Iniciativa das revistas Abril de apoio ao Mobral.

Fonte: Oswaldo Hernandez (2012).

Observando a figura 2, podemos observar o discurso apelativo para que as pessoas participassem de forma ativa para a redução dos níveis do analfabetismo. De acordo com Strelhow (2010),

[...] também houve recrutamento de alfabetizadores sem muita exigência, rebuscando a idéia (sic.) de que para educar uma pessoa adulta é necessário ser apenas alfabetizada, sem entender o método pedagógico. Por fim, o **Mobral foi extinto em 1985**, com a chegada da Nova República, e seu final foi marcado por denúncias sobre desvios de recursos financeiros, culminando numa CPI (Comissão Parlamentar de Investigação). **Muitas pessoas que se alfabetizaram pelo Mobral acabaram desaprendendo a ler e escrever.** (STRELHOW, 2010, p. 55, grifos nossos)

Observamos, novamente, que não havia preocupação com a formação dos alfabetizadores. O governo apenas se interessava em reduzir a taxa do analfabetismo, por causa da pressão exterior. O Mobral foi extinto, em 1985, justamente por não conseguir alcançar seus objetivos, uma vez que as pessoas estavam “desaprendendo a ler e escrever”. Esse “desaprender a ler e escrever”

está relacionada ao objetivo do governo; diminuir a taxa de analfabetismo no país. Portanto, parte dos alunos saíam do Mobral antes mesmo de aprender a ler e a escrever. Ressaltamos que o Mobral não tinha vínculo com o Ministério da Educação. Nesse mesmo ano, foi criada a Fundação Educar, substituindo o programa anterior e vinculado ao Ministério da Educação. No ano de 1988, foi criada uma nova Constituição brasileira, assegurando, dessa maneira, leis de acesso à educação para todos. Vejamos:

Art. 208: O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I- ensino fundamental obrigatório e gratuito, **inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.**

Art 206: O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I- **igualdade de condições de acesso e permanência na escola.**

Art 3: Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

IV- promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, **idade** e quaisquer formas de discriminação.

(CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1998; grifos nossos)

Tais leis (re)afirmavam o direito de jovens e de adultos que não concluíram a educação básica a regressarem ao ambiente escolar. Entretanto, no ano de 1990, durante o governo de Collor, a Fundação Educar “foi extinta sem ser criado nenhum outro projeto em seu lugar. A partir daí então, começou a ausência do governo federal nos projetos de alfabetização.” (STRELHOW, 2010, p.55). De acordo com Haddad (1997), o discurso de inclusão, que estava crescendo perante a sociedade, foi substituído por discurso de exclusão.

Em 2003, assume o governo Luís Inácio Lula da Silva; houve mudanças de ações do governo. A alfabetização de jovens e de adultos passou a ser pautada nos planos governamentais e, também, nos programas sociais voltadas a demandas básicas populares. Tal governo retomou projetos para a erradicação do analfabetismo, lançando, assim, o programa Brasil Alfabetizado<sup>5</sup>. Esse programa

---

<sup>5</sup> “**Objetivo:** Promover a superação do analfabetismo entre jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos e contribuir para a universalização do ensino fundamental no Brasil. Sua concepção reconhece a educação como direito humano e a oferta pública da alfabetização como porta de entrada para a educação e a escolarização das pessoas ao longo de toda a vida.” BRASIL (s/ano), disponível em < <http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>>

está em vigor até os dias atuais. Durante a implementação, houve críticas, no sentido de manter algumas práticas, que já ocorreram no passado e que não geraram resultados, expressivamente, positivos. De acordo com Eiterer e Reis (2009), o programa Brasil alfabetizado tinha “[...] curta duração do módulo de ensino e aprendizagem, ausência de instrumentos de acompanhamento e avaliação, improvisação de alfabetizadores com nenhuma ou escassa formação pedagógica [...]”.

De acordo com Strelhow (2010),

[...] em 2004, com a mudança do Ministro da Educação, o programa foi reformulado, retirando-se a meta de erradicar o analfabetismo de 4 anos e a duração dos projetos de alfabetização foi ampliada em **2 meses, de 4 meses para 8 meses**. (STRELHOW, 2010, p.56; grifos nossos)

Observamos que o então governo buscou alterar o processo de ensino e de aprendizagem, ampliando, nessa medida, a duração do programa em cada modalidade. Destacamos que, durante o governo Lula, houve aumento nos investimentos da educação de jovens e de adultos e, também, de programas sociais que atendiam as classes sociais mais atingidas pelo analfabetismo. Porém, cabe ressaltar que, o alto investimento não significou que metas foram alcançadas.

Consideramos, a seguir, um breve histórico sobre a EJA no estado do Tocantins.

## 2.2 Do histórico da EJA no Tocantins

Nesta seção, iremos abordar o histórico da EJA no Tocantins, estado onde está localizada Araguaína, cidade em que realizamos a nossa pesquisa. Tocantins é o estado mais novo do Brasil, criado em 1988 possuindo um território de 277.720 km<sup>2</sup>, localizado no Norte do Brasil. O território do Tocantins pertencia ao estado de Goiás, o desmembramento ocorreu em 1988. Miracema foi nomeada como a capital, até Palmas ser construída.

Em 1996, o estado do Tocantins oferta a EJA, cumprindo, desse modo, a Constituição Federal (Art. 6º) e, principalmente, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB). De acordo com a LDB (9.394/96):

Artigo 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Parágrafo 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Parágrafo 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Portanto, de acordo com o artigo citado, todos os estados brasileiros tiveram que ofertar a educação a jovens e a adultos; e não foi diferente no estado do Tocantins. A EJA foi regularizada, no Tocantins, pelas Resoluções Estaduais (Nº 061/96), continuando com a mesma regra que foram estabelecidas nacionalmente.

Foi publicado, no ano de 1997, a Resolução nº 037/97, que postulam as leis no Sistema Estadual de Ensino do Estado do Tocantins na EJA, que estabeleceram cursos e exames supletivos que abrangem na Base Nacional Comum do Currículo, aceitando os estudos regulares. No ano de 2000, realizou-se a implantação das Diretrizes Nacionais (Resolução CNE/CEB nº 001/2000); o estado passa a contemplar melhor os jovens e os adultos sem escolaridade, mostrando mais atenção para esse público.

No ano de 2001, a EJA, no Tocantins, seguia as Diretrizes Curriculares Nacionais, sendo regularizada pela Resolução nº 135/2001 em que se estabeleceu as idades do público alvo que deveriam matricular na EJA. Assim sendo, com 14 anos, os alunos poderiam matricular-se no Ensino Fundamental e no Ensino Médio; eram a partir dos 17 anos. Havia, também, uma idade mínima para aqueles que realizavam o exame de Educação de Jovens e Adultos (ENCCEJA): 15 anos, para a conclusão do ensino fundamental, e 18 anos, para o ensino médio. Era necessário que todas as instituições de ensino fossem registradas para poderem ofertar essa modalidade de ensino.

Em 2002, a SEDUC - TO iniciou uma discussão sobre uma proposta curricular para a EJA, assim, para todo o estado do Tocantins. Em 2003, foram entregues documentos em todas as escolas para que pudessem discutir sobre

a proposta Curricular de Educação de Jovens e Adultos. Dessa maneira, os professores poderiam sugerir algumas mudanças. Entre os anos de 2003 a 2006, foram realizadas formações especialmente para os professores da EJA, buscando discutir as propostas curriculares, os métodos e as práticas pedagógicas.

No ano de 2007, foi o primeiro ano em que a SEDUC, realizou uma formação exclusiva para os professores da EJA. Essa ação foi promovida pela SEDUC, mostrando uma preocupação acerca da EJA e para melhorar a qualidade da educação ofertada aos jovens e adultos do Tocantins.

Muitas instituições superiores, responsáveis por formação de futuros discentes, não oferecem disciplinas voltadas à EJA. Portanto, muitos professores chegam sem uma formação de qualidade e apropriada para ensinar esse público da EJA; muitos alunos dessa modalidade estão longe da escola ou até mesmo nunca estudaram. Muitos professores lecionam aulas na EJA para ganharem quarenta aulas semanais; a maioria desses professores não tem uma carga horária completa e, assim, são vinculados à EJA para completar sua carga horária.

Essa informação foi obtida por nós durante o contato que estabelecemos com algumas escolas durante a realização das atividades dos Estágios Supervisionados Curriculares (ESC) I, II, III IV nos anos de 2018 e 2019. Na etapa de coleta de material desta pesquisa, isto é, durante a aplicação dos questionários juntos aos alunos da EJA, ouvimos novamente, por parte dos professores, essa necessidade de se assumir aulas na EJA, como mecanismo de fechamento de carga horária.



### 3. CAPÍTULO METODOLÓGICO: ENTRE O CAMINHO TRILHADO E AS TÉCNICAS UTILIZADAS NA PESQUISA

Neste capítulo, iremos detalhar a metodologia que norteiam este trabalho, buscamos, dessa maneira, detalhar os caminhos percorridos. As informações foram coletadas em dois colégios estaduais de Araguaína - TO. Vejamos, a seguir, o Quadro (1) que demonstra o período de coleta de dados para este trabalho:

*Quadro 1- Cronograma de coleta de informações*

<b>ETAPAS/Meses</b>	<b>Setembro de 2019</b>	<b>Outubro de 2019</b>	<b>Novembro de 2019</b>
<b>Aplicação dos questionários.</b>	<b>X</b>		
<b>Entrevistas com alunos.</b>		<b>X</b>	
<b>Análise de documentos oficiais dos colégios.</b>			<b>X</b>
<b>Coleta de informações.</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>

Fonte: Elaboração da autora.

Apresentaremos, a seguir, as informações obtidas, em ambos colégios, tornando por base os documentos oficiais do colégio, os questionários aplicados e as entrevistas, roteiro estruturado.

#### 3.1 Caracterização do universo da pesquisa – Escola Estadual Vila Nova

Nesta subseção, iremos realizar a contextualização de uma das escolas foco de pesquisa. Começaremos pela Escola Estadual Vila Nova; nesta escola, aplicamos questionários, realizamos entrevista e analisamos documentos oficiais.

A escola foi constituída no ano de 1991, para atender o público do setor Vila Norte, sendo localizada em uma zona periférica de Araguaína -TO. A escola atende tanto o setor Vila Norte, quanto os setores próximos à escola; alguns dos bairros atendidos são: Maracanã, Vila Goiás, Costa Esmeralda, entre outros setores.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP), são matriculados em média quinhentos alunos, em que são divididos nos ensino fundamental II, do 6º ao 9º ano, e na EJA, no 2º e 3º segmentos. Segundo o mesmo documento, os alunos atendidos pela escola “provêm de famílias carentes e semianalfabetas” (2019, p.9).

Veremos, a seguir, dados disponibilizados pelos PPP da instituição acerca da educação de Jovens e Adultos. Vejamos o Quadro (2):

Quadro 2 - Educação de Jovens e Adultos

	Taxa de Aprovação (%)	Taxa de Reprovação (%)	Taxa de Abandono (%)
2016	86,5%	13,2%	1%
2017	94%	6%	11%
2018	89,9%	10,1%	0

Fonte: TOCANTINS, 2019, p. 11.

Por meio do quadro, apresentado anteriormente, podemos observar as seguintes taxas: de “aprovação dos alunos”, “taxa de reprovação” e “taxa de abandono”. No ano de 2016, a taxa de aprovação foi de 86%, a mais baixa dos três anos (2016-2018). Em 2017, foi a maior com 94% e, 2018, com 89,9%, ambas referente a taxa de aprovação. Quanto à taxa de reprovação, a menor foi, no ano de 2017, com apenas 6% e a maior foi, no ano de 2016, com 13,2% de reprovação. Em relação à taxa de reprovação, em 2018, houve 10,1% dos alunos não aprovados. Quanto a taxa de abandono, a menor taxa foi, em 2018, que não teve nenhuma porcentagem; a maior foi, em 2017, com 11% e, em 2016, com 1%.

De acordo com o PPP, a Escola Vila Nova possui ótimos professores com ótimas qualificações, professores mestrados, com mais de uma graduação, professores fazendo doutorados. Cada vez mais os professores têm se preparado para atender melhor os alunos.

### 3.2 Caracterização da turma – Escola Vila Nova

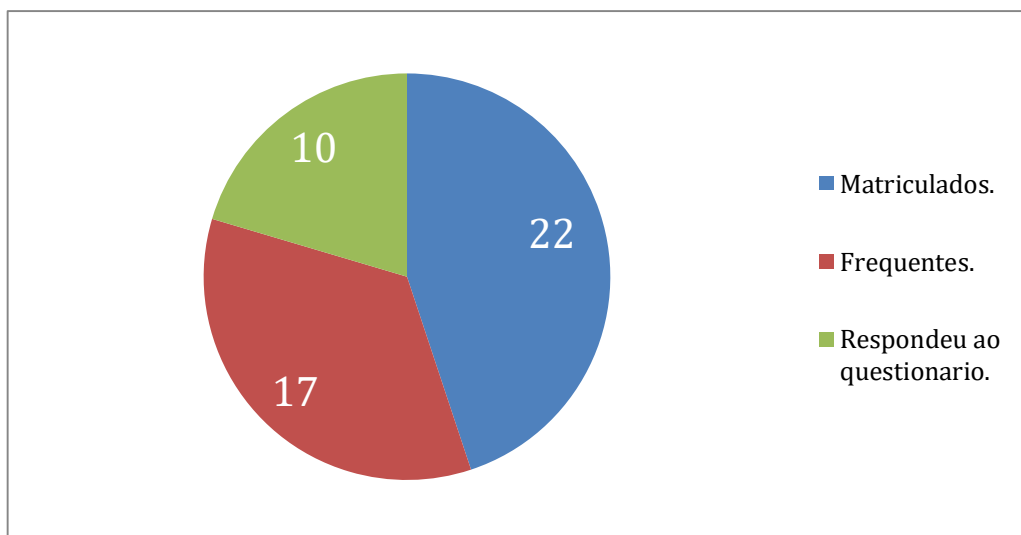
A turma escolhida na escola para a nossa pesquisa na EJA foi o 3º ano. Há variações de idade dos alunos, alguns mais jovens, outros mais adultos. Antes de realizar a pesquisa, conversamos com o coordenador e com o diretor e, também, com a professora de Língua Portuguesa da instituição.

Na turma foi aplicado o questionário adaptado do ENCCEJA (Cf. Anexo 01), com vinte e duas perguntas, sendo todas objetivas. Aplicamos o questionário durante a aula da professora de Língua Portuguesa. Nessa aula, fazia-se presentes dez alunos. De acordo com a professora, a turma conta com um total de vinte e dois matriculados, sendo que apenas dezessete, realmente, frequenta as aulas. A professora comentou que a falta dos alunos está relacionada ao horário da aula, pois, quando se aproxima do último horário os alunos vão embora. A aula em que aplicamos foi no quarto horário.

A professora de Língua Portuguesa, que pedimos ajuda e apoio, foi chamada por nós Diana<sup>6</sup>, é graduada em Letras e já cursou pós-graduação. Ressaltamos que a contribuição da docente foi essencial para realização da etapa de aplicação dos questionários.

A partir de agora, iremos comentar as perguntas contidas no questionário. Para melhor ilustração, utilizamos gráficos para exposição das informações. Vejamos o gráfico (1), que demonstra os dados relacionados ao número de alunos que responderam ao questionário, número de alunos que estão devidamente matriculados e aqueles que frequentam as aulas.

Gráfico 1 - Número de alunos que responderam ao questionário.



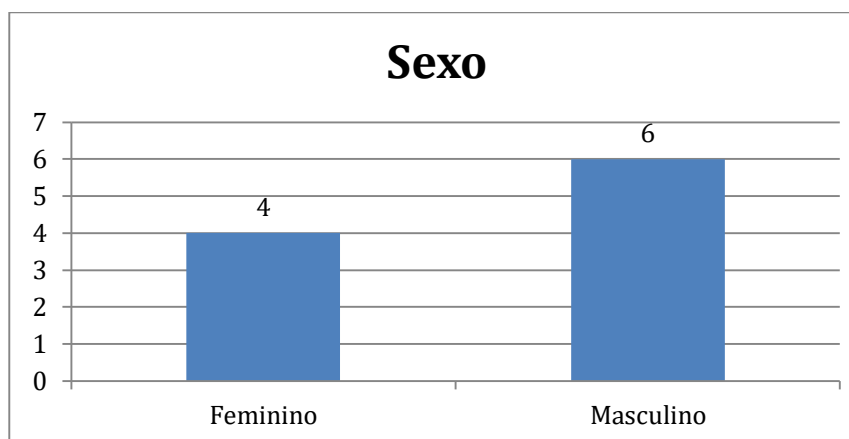
Fonte: elaboração da autora.

---

<sup>6</sup> Nome fictício, com o objetivo de resguardar a identidade da docente.

Como comentamos anteriormente somente dez alunos responderam ao questionário, que foi aplicado no dia 10/09/2019, em uma terça-feira. De acordo com os dados obtidos, responderam ao questionário quatro mulheres e seis homens. Vejamos o gráfico (2) que apresenta essa informação:

Gráfico 2 - Números de homens e mulheres responderam ao questionário.



Fonte: elaboração da autora.

A segunda pergunta, presente no questionário, está relacionada ao número de pessoas que moram com os alunos foco da pesquisa. Apresentamos aos alunos cinco respostas possíveis: "moro sozinho"; "uma a três"; "quatro a sete"; "oito a dez" e "mais de dez". Vejamos, a seguir, as respostas obtidas em forma de gráfico (3) Oito pessoas marcaram a variável "uma a três" pessoas, e duas pessoas marcaram a variável "quatro a sete" pessoas. Eis o gráfico:

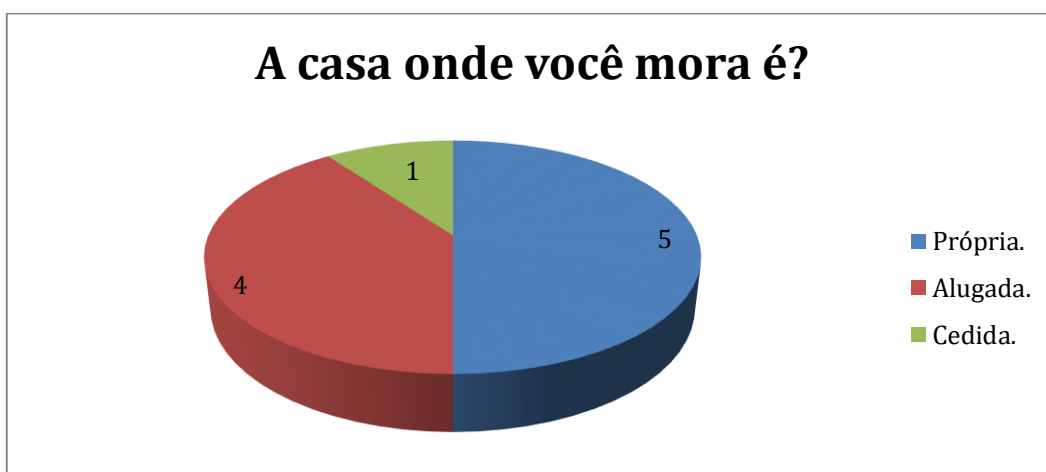
Gráfico 3 - Número de pessoas que moram com os alunos.



Fonte: elaboração da autora.

Posteriormente, os alunos foram questionados em relação à casa onde eles moravam. Apresentamos aos alunos as seguintes opções: “própria”, “alugada” e “cedida”. Obtivemos os seguintes dados: cinco alunos afirmaram que moram em casa própria; quatro alunos responderam que moram em casas alugadas; e apenas um aluno afirmou que morava em uma casa cedida. Para melhor ilustração, vejamos os dados obtidos em forma de gráfico, a seguir:

Gráfico 4 - Tipo de residência que os alunos moram.



Fonte: elaboração da autora.

Questionamos aos alunos onde as suas casas estavam localizadas; apresentamos aos alunos as seguintes opções: “zona rural” e “zona urbana”, “comunidade indígena” e “comunidade quilombola”. De acordo com as respostas obtidas, todos os alunos moram em zona urbana. Podemos inferir que há uma melhor possibilidade de esses alunos se locomoverem para chegar ao colégio; isso pelo motivo de morarem na própria cidade. Contudo, é preciso pontuar que, a depender de onde moram, de onde trabalham e de onde estudam, o acesso e a permanência na escola pode ser fragilizado.

Perguntamos aos alunos qual era o nível de escolaridade de seu pai. Vejamos o cenário a que chegamos: um aluno marcou que não sabia informar; outro aluno afirmou que seu pai não havia estudado; outro aluno marcou a opção que seu pai cursou o “ensino médio”; cinco alunos marcaram da “1ª à 4ª série do ensino fundamental”; dois alunos não responderam. Vejamos, a seguir, o gráfico que demonstra os resultados obtidos:

Gráfico 5 - Escolaridade dos pais dos alunos.

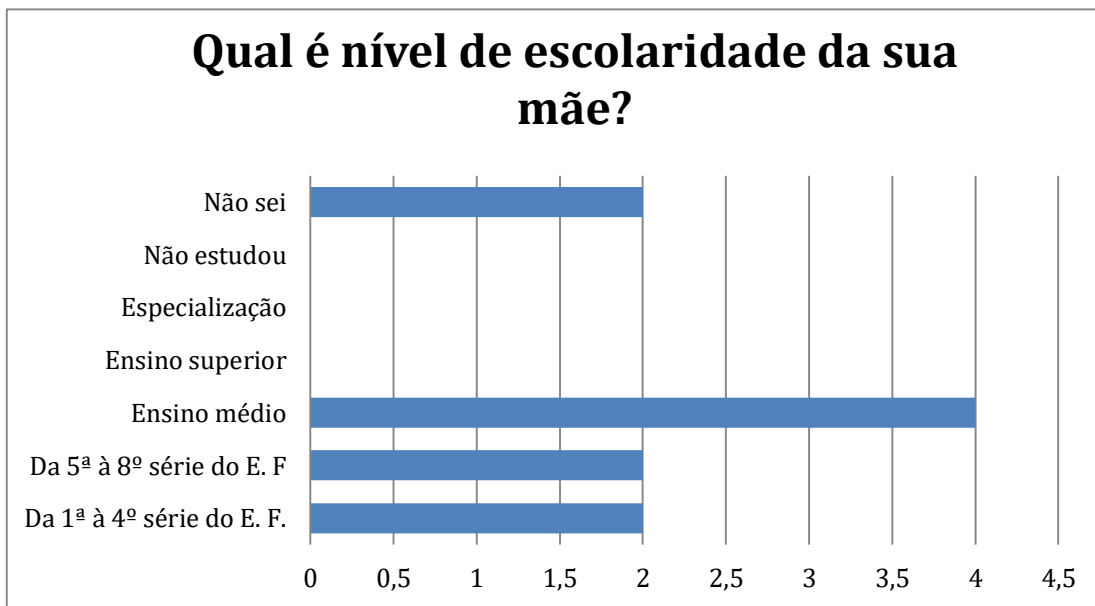


Fonte: elaboração da autora.

A próxima questão está relacionada ao nível de escolaridade de suas mães. Os resultados foram os seguintes: dois alunos não sabia o nível de escolaridade de

suas mães; outros dois alunos marcaram da “1ª à 4ª série do Ensino Fundamental”; dois, também, marcaram que as suas mães estudaram da “5ª à 8ª série do Ensino Fundamental” e quatro alunos responderam que suas mães cursaram o ensino médio. Demonstramos os resultados obtidos em forma de gráfico, vejamos a seguir:

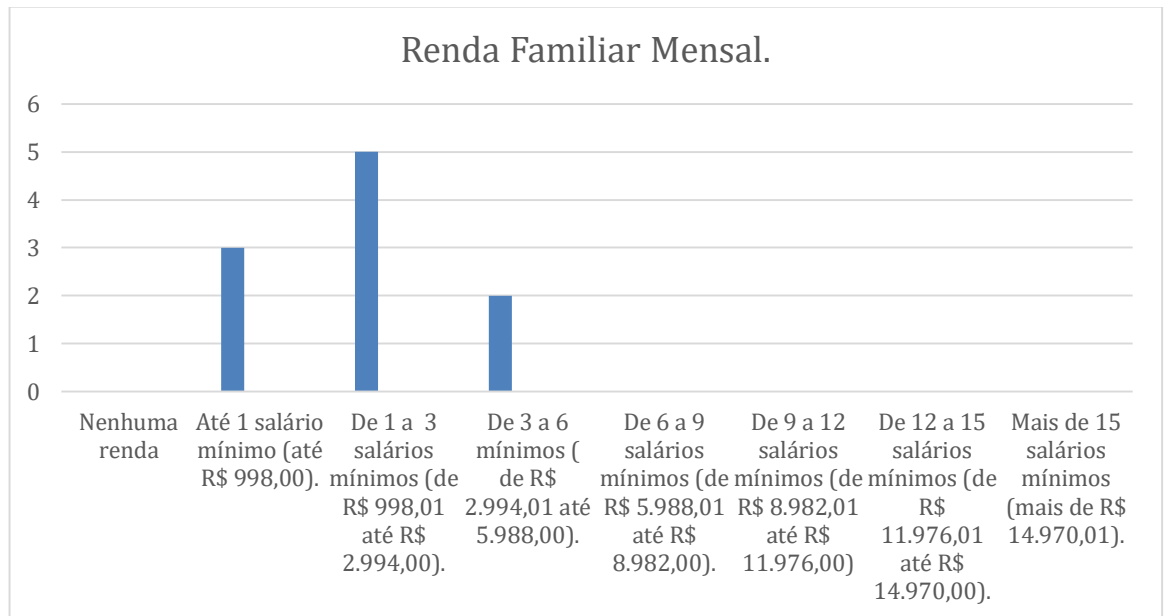
Gráfico 6 - Escolaridade das mães dos alunos.



Fonte: elaboração da autora.

Solicitamos que os alunos informassem qual era a sua renda familiar mensal, ou seja, os alunos teriam que somar sua possível renda mensal e aquela dos demais membros de sua família. Vejamos o gráfico, a seguir, com os dados obtidos:

Gráfico 7 - Renda familiar mensal dos alunos.



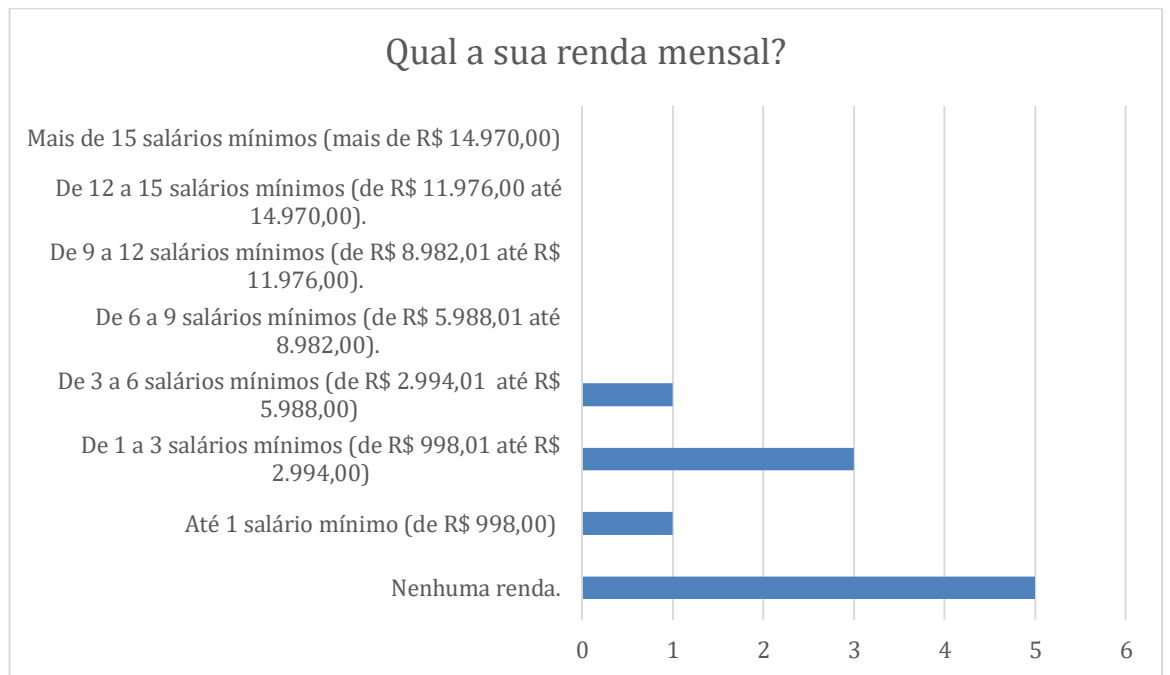
Fonte: elaboração da autora.

Conforme as respostas dos alunos, expostas no gráfico anterior, a renda da família é um pouco variada. Podemos perceber que três alunos afirmam que a renda familiar é de “até um salário mínimo”, enquanto cinco afirmaram que a renda familiar é de “um a três salários mínimos” e somente dois dos alunos ganham de “três a seis salários mínimos”.

A próxima pergunta realizada está relacionada apenas à renda mensal do aluno, deixando de fora a renda do resto da família. Vejamos as respostas obtidas: cinco alunos afirmaram que não tem nenhuma renda; um aluno afirmou que recebe até um salário mínimo, já três alunos afirmaram que recebe de um a três salários mínimos, e apenas um aluno afirmou que recebe de 3 a 6 salário mínimo. Para ficar mais clara a leitura desse dados, mobilizamos o gráfico a seguir:



Gráfico 8 - Renda mensal dos alunos.

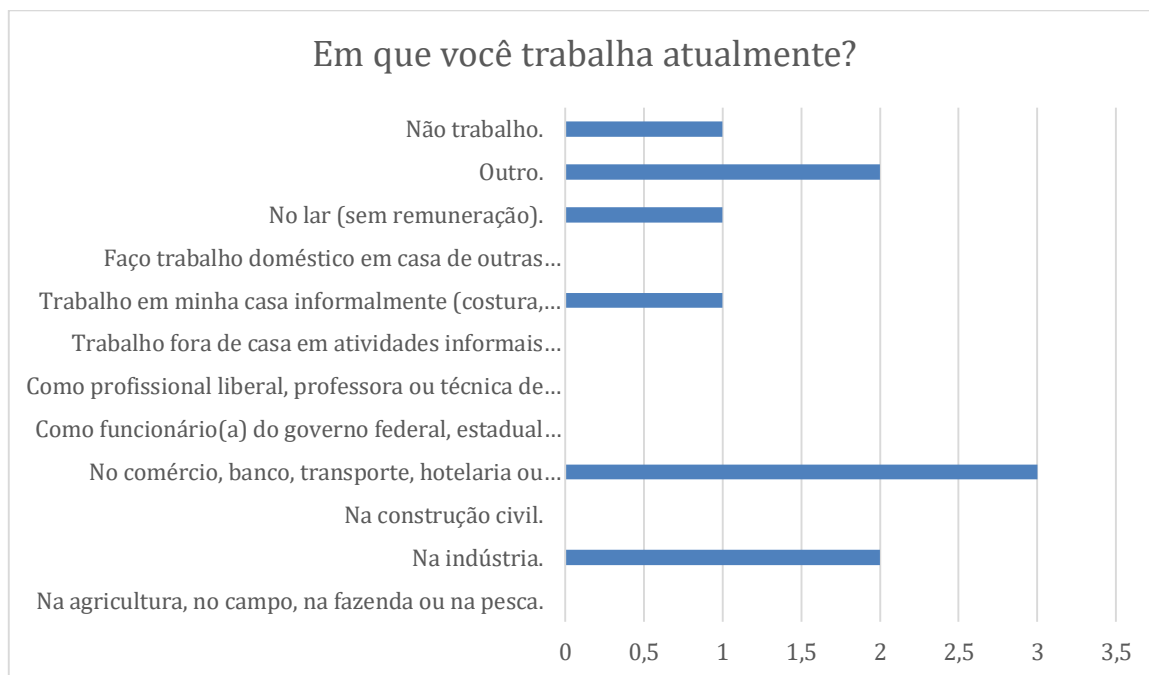


Fonte: elaboração da autora.

Questionamos aos alunos se eles trabalham ou já trabalharam, todos os alunos afirmaram que trabalham ou já trabalharam. Observamos que todos os alunos têm uma relação com trabalho, ou seja, exercem ou exerceram alguma profissão.

A próxima pergunta está relacionada à área de atuação daqueles que estão trabalhando atualmente. Vejamos, a seguir, as opções marcadas pelos alunos:

Gráfico 9 - Atualmente em que os alunos trabalham.



Fonte: elaboração da autora.

Observando o gráfico anterior, vemos que um aluno afirma trabalhar em seu lar, ou seja, sem remuneração; um aluno marcou que não trabalha; outro aluno afirmou que trabalha em casa informalmente; duas pessoas marcaram que trabalham em outros serviços, cuja variável não abre possibilidade para sabermos quais; outros dois alunos afirmaram que trabalham na indústria; e três alunos afirmaram que trabalham em comércio.

A décima questão do questionário se refere ao grau de importância e aos motivos que os alunos trabalham. A maioria dos alunos marcaram que são para ajudar nas despesas com a casa, e alguns para sustentar a família. Portanto, muitos dos alunos trabalham para manter sua casa e sua família, sendo que alguns jovens têm como objetivo ser independente ou até mesmo adquirir experiência. Vejamos, a seguir, o quadro que demonstra os dados obtidos acerca dessa pergunta:

Quadro 3 - Importância e motivos que os alunos trabalham.

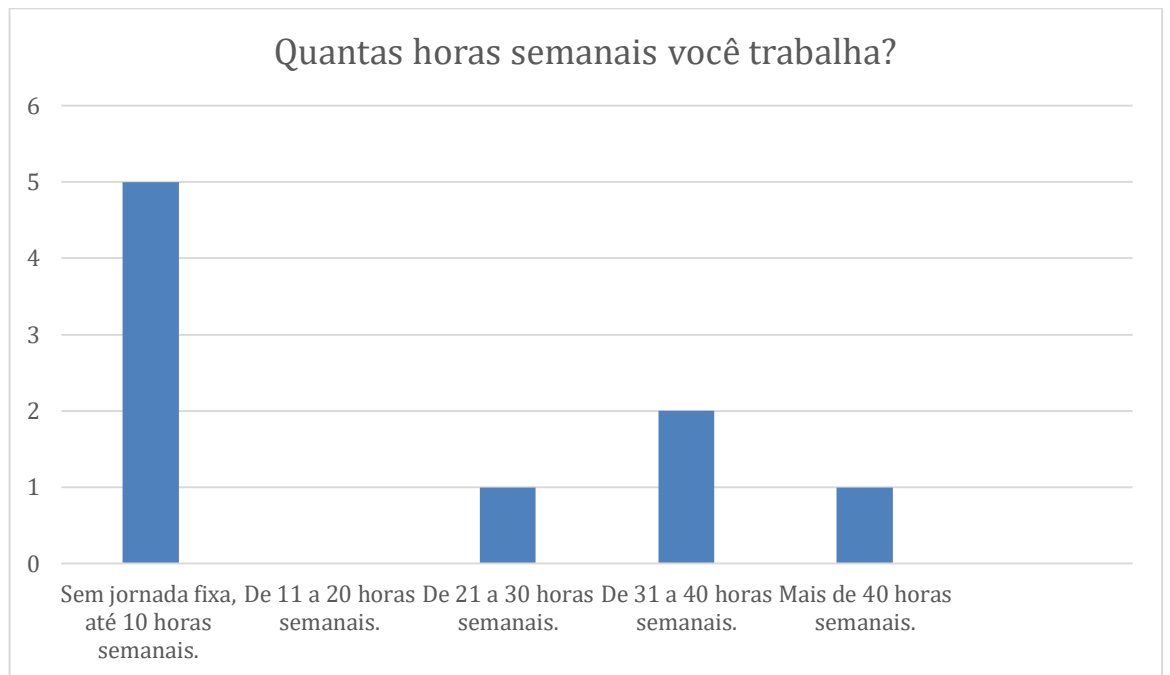
OPÇÕES	NÍVEL DE IMPORTÂNCIA					
	0	1	2	3	4	5
Ajudar nas despesas com a casa.	0	0	1	0	0	5
Sustentar minha família (esposo/a, filhos/as etc.)	0	1	0	0	1	2
Ser independente (ganhar meu próprio dinheiro.)	0	1	0	0	2	4
Adquirir experiência.	0	0	0	1	1	2
Custear/ pagar meus estudos.	0	0	0	1	1	2

Fonte: elaboração da autora.

Ao olhar as respostas obtidas, percebemos que muitos dos alunos não responderam, como se esperava, uma vez que todas as alternativas deveriam ter sido marcadas. Entretanto, muitos alunos marcaram apenas uma alternativa, deixando de indicar o nível de importância nas opções. Ressaltamos que, durante a aplicação do questionário, informamos como deveria ser respondida essa pergunta, porém acreditamos que eles não compreenderam.

Questionamos aos alunos quantas horas semanais eles trabalhavam. Cinco alunos afirmaram que trabalham “sem jornada fixa e até dez horas semanais”; um aluno afirmou que trabalhava de “vinte e uma a trinta horas semanais”; dois alunos afirmaram que trabalham de “trinta e uma a quarenta horas semanais”; um aluno afirmou que trabalha mais de quarenta horas semanais; um aluno deixou de responder. Vejamos tais dados em forma de gráfico:

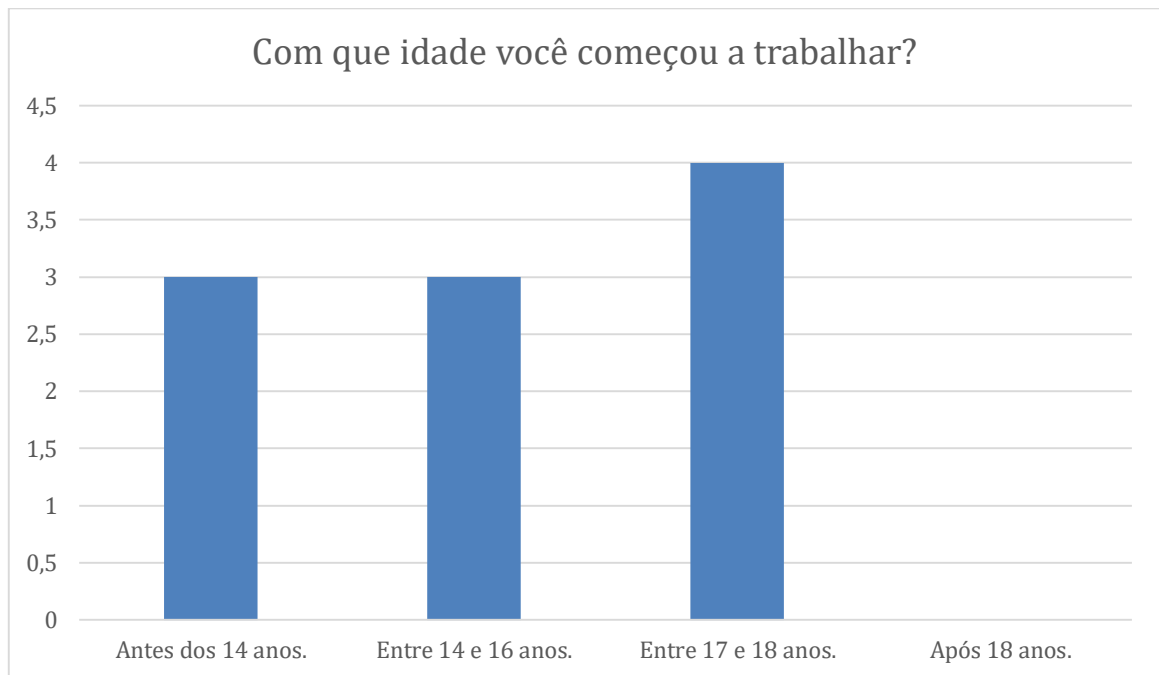
Gráfico 10 - Quantas horas semanais os alunos trabalham.



Fonte: elaboração da autora.

Perguntamos aos alunos com que idade eles começaram a trabalhar, nessa questão todos os alunos responderam. Obtivemos os seguintes dados: três alunos afirmaram que começaram a trabalhar antes dos quatorze anos; três alunos afirmaram que começaram a trabalhar entre quatorze e dezesseis anos; quatro alunos afirmaram que começaram a trabalhar entre dezessete e dezoito anos. Consideremos a seguir, o gráfico – que expressa os referidos números:

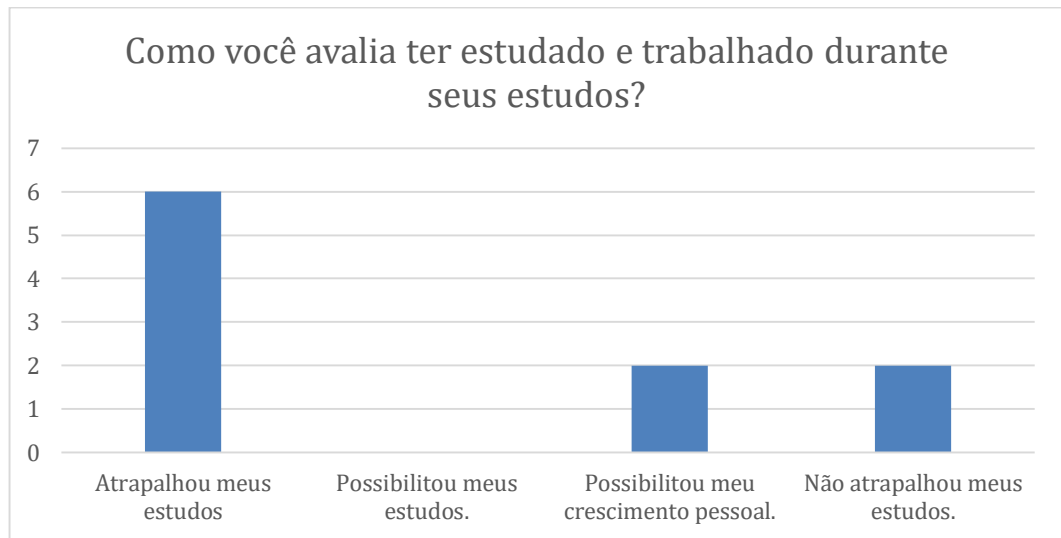
Gráfico 11 - Idade que os alunos começaram a trabalhar.



Fonte: elaboração da autora.

Questionamos aos alunos como eles avaliam o fato de terem estudado e de trabalhado durante seus estudos. Apresentamos aos alunos as seguintes opções: “atrapalhou meus estudos”; “possibilitou meus estudos”; “possibilitou meu crescimento pessoal”; “não atrapalhou meus estudos”. Recebemos como resposta os seguintes números: seis alunos afirmaram que estudar e trabalhar atrapalharam os seus estudos; dois alunos afirmaram que estudar e trabalhar possibilitaram seu crescimento pessoal; dois alunos afirmaram que trabalhar e estudar não atrapalharam em seus estudos. Os resultados obtidos podem ser visualizados a partir do gráfico a seguir:

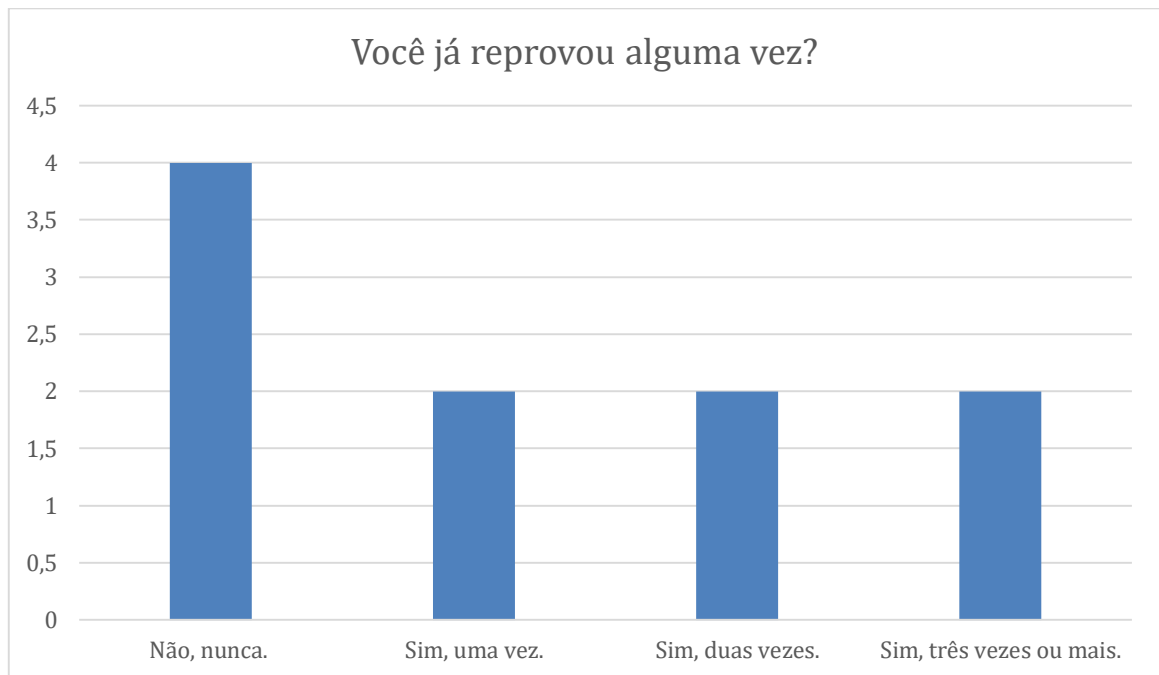
Gráfico 12 - Como os alunos avaliam ter estudado e trabalhado durante os estudos.



Fonte: elaboração da autora.

A outra pergunta foi se os alunos reprovaram alguma vez. Quatro alunos afirmaram que nunca foram reprovados, dois alunos afirmaram que já foram reprovados uma vez, dois alunos afirmaram que já reprovaram duas vezes, dois alunos afirmaram que reprovaram três vezes ou mais. O gráfico, a seguir, demonstra os dados obtidos:

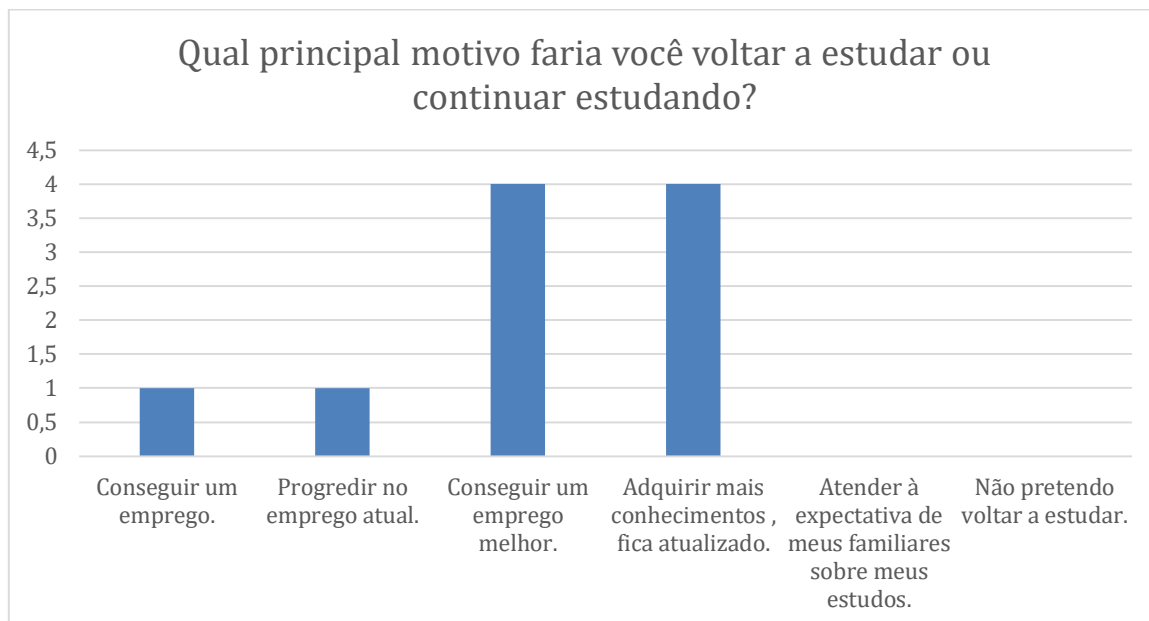
Gráfico 13 - Quantas vezes os alunos reprovaram.



Fonte: elaboração da autora.

Questionamos aos alunos qual era o principal motivo que faria eles voltar a estudar ou a continuar estudando. Apresentamos aos alunos as seguintes alternativas: “conseguiu emprego”, “progredir no emprego atual”, “consegui um emprego melhor”, “adquirir mais conhecimento, ficar atualizado”, “atender as expectativas de meus familiares sobre meus estudos”, “não pretendo voltar a estudar”. Quatro alunos marcaram que é para conseguir um emprego melhor, outros quatro marcaram que para adquirir mais conhecimentos e ficar atualizados, um aluno afirmou que é para conseguir um emprego e outro aluno para progredir no emprego atual. Consideramos, a seguir o gráfico (14), o qual materializam os referidos números:

Gráfico 14 - O principal motivo que fez com que os alunos os alunos voltassem a estudar.

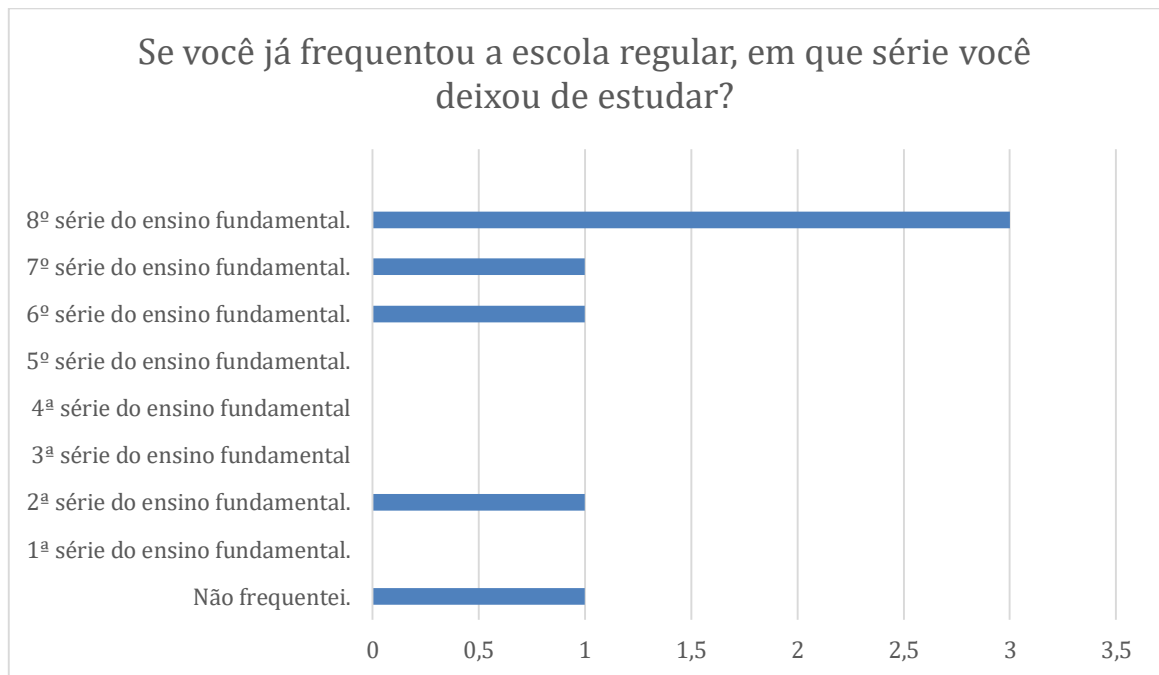


Fonte: elaboração da autora.

Perguntamos aos alunos em qual série eles haviam deixado de estudar. Vejamos os resultados obtidos: um aluno afirmou que ele não frequentou a escola regular; um aluno afirmou que deixou de estudar na segunda série do Ensino Fundamental; um aluno afirmou que deixou de estudar na sexta série do Ensino Fundamental; um aluno afirmou que deixou de estudar na sétima série ensino fundamental; três alunos afirmaram que deixaram de estudar na oitava série do Ensino Fundamental; três alunos não marcaram a opção. No questionário não havia a opção voltada para o ensino médio, porém dois dos alunos afirmaram que deixaram de estudar no ensino médio. Vejamos, a seguir, o gráfico (15), que expressam esses números:



Gráfico 15 - Qual série os alunos haviam deixado de estudar.



Fonte: elaboração da autora.

Na última questão, perguntamos aos alunos em que medida os motivos apresentados, nas alternativas, influenciaram no fato de eles terem abandonado ou não frequentado a escola regular. As questões são baseadas em um nível de influência: “zero” significa que não influenciou e “cinco” influenciou muito. Vejamos a seguir, o quadro que demonstra os resultados obtidos.

Quadro 4 - Quais os motivos influenciaram os alunos terem abandonado ou não frequentado a escola regular.

Opções	Nível de importância					
	0	1	2	3	4	5
Inexistência de vaga em escola pública.	3	0	0	0	1	0
Ausência de escola perto de casa.	1	0	3	0	0	0
Falta de interesse em estudar.	0	2	0	0	1	3
Trabalho: falta de tempo para estudar.	1	0	1	1	1	2
Motivos pessoais: casamento/filhos.	0	1	0	1	0	2
Falta de apoio familiar.	2	0	0	1	0	1
Problemas de saúde ou acidente comigo ou familiares.	4	0	0	0	0	0
Discriminação/ preconceitos de raça, sexo, cor, idade ou socioeconômico.	4	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração da autora.

Percebemos, por meio dos dados obtidos, que um dos fatores que influenciaram o abandono dos alunos, na escola regular, foi a própria falta de interesse dos alunos. Destacamos, também, a falta de tempo para a dedicação à escola, já que eles precisavam trabalhar.

### **3.3 Caracterização do universo da pesquisa – Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.**

O colégio Adolfo surgiu para a necessidade de atender as crianças que não tinha acesso à escola. O começo dessa escola se deu por meio de ações da professora Domingas Teles. Antes da criação do Colégio Adolfo Bezerra de Menezes, Domingas começou uma escolinha para atender algumas crianças com seus próprios recursos, a escolinha se chamava “Escolinha Teles” que se localizava na residência da Sra. Clarinda Maciel. Esta disponibilizou um cômodo, de sua própria residência, sem cobrar nada da professora Domingas.

A escola que começou com apenas doze crianças foi aumentando, de maneira a um total de oitenta estudantes. Com esse total de alunos, a Escolinha Teles teve que mudar de endereço por conta do espaço, passando para a residência do Sr. Adelson. Quando chegando a cento e vinte alunos houve outra mudança para a casa da professora Domingas Teles da Silva. A sala dos alunos era de baixo de uma latada de maracujá, sendo as paredes de palha de coco de babaçu e tinha um fogãozinho que funcionava à carvão, que foi feita de lata de tinta.

Com esse tanto de alunos a professora Domingas não conseguia administrar a escolinha, em termos de merenda e de serviços pedagógicos na escola. Assim ela pediu ajuda à prefeitura municipal de Araguaína – TO para ajudar com professores e com merendeiras. Foi, a partir daí, que foram contratados quatro professores. Esses quatro profissionais mais a professora Domingas trabalharam juntos e desenvolveram serviços. Eles continuaram no barracão de palha trabalhando para serem reconhecidos pelos órgãos públicos. E, cada vez mais, os números de estudantes aumentavam.

Existiam mais três escolas, nas proximidades, naquela época, a “Escola Nossa Senhora da Conceição”, que era localizada na residência da senhora Maria da Conceição da Silva Carneiro, e outra, que funcionava no “Centro Espírita Dr. Adolfo Bezerra de Menezes” e a escola Polichinelo, que funcionava no barracão de

palha no território da prefeitura. Como a Escolinha Teles foi aumentando, uniram-se essas três escolas, no ano de 1979, para melhor o atendimento.

Devido o número de alunos estava em constante aumento com a ajuda de materiais da prefeitura e dos pais, houve a reunião de esforços para construir, adequadamente duas salas de aulas, uma secretaria e uma cantina. A partir daí, começou dar estrutura à escola, buscando melhorar a qualidade de ensino para os alunos.

Como a escola não estava com a lei de criação, no primeiro mandato do prefeito João de Sousa Lima, a prefeitura se responsabilizou a administrar a escola. Assim, a escola foi sendo reconhecida como municipal e com o nome Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, homenageando o cientista Dr. Adolfo Bezerra de Menezes.

Com o aumento de alunos, foram construídas mais salas de aula. Na época, o bairro era conhecido como bairro das Areias e passou a ser denominado Bairro São João. A escola atendia outros bairros mais próximos, como Araguaína Sul, Setor Raizal, entre outros.

Com aumento de alunos, surgiu vaga para alunos do ensino médio noturno, havia muitos alunos que precisavam trabalhar durante o dia e, à noite, eles estudavam. A escola possibilitou, então, o ensino médio.

No ano de 1992, a Escola Municipal Dr. Adolfo Bezerra de Menezes fez o convênio com o Estado do Tocantins passando a ser administrada pela SEDUC. A partir daí ela começou ser chamada de Escola Municipal Adolfo Bezerra de Menezes. No ano de 1994, começou a ser reconhecida como Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes e, hoje, é oferecido o ensino fundamental 6º ao 9º ano, ensino médio regular e a EJA.

### **3.4 Caracterização da turma – Colégio Adolfo Bezerra de Menezes**

A segunda turma escolhida, no colégio Adolfo, para a nossa pesquisa, na EJA, foi o 3º ano. Trata-se de uma turma com alunos com variações de idade; alguns mais jovens, outros mais adultos. Tal turma é lotada com o público mais jovem; ao realizarmos a pesquisa conversamos com a coordenadora e com a professora de português da turma.

Na turma, foi aplicado, também, o questionário do ENCCEJA, com vinte e duas perguntas, sendo todas objetivas. A aplicação foi realizada com todos os alunos que estavam frequentes. Na turma, são matriculados quarenta alunos e frequentes trinta e cinco alunos. No dia 16/09/2019, em que foi aplicado o questionário, só estavam presentes vinte e nove alunos, sendo dezesseis homens e treze mulheres.

A professora de português que nos apoiou chama-se Marta<sup>7</sup>, ela se mostrou receptiva para com a nossa pesquisa, abrindo a porta da sua sala de aula, liberando seus alunos e nos apoiando no processo de coleta de informação.

Iremos apresentar as respostas obtidas a partir das respostas dos alunos por meio de questionário (Cf. Anexo 01), tal questionário foi aplicado em uma aula de língua portuguesa. Vejamos, a seguir, o gráfico que demonstra os números relacionados àqueles que responderam ao questionário:

Gráfico 16 - Número de alunos que responderam ao questionário.



Fonte: elaboração da autora.

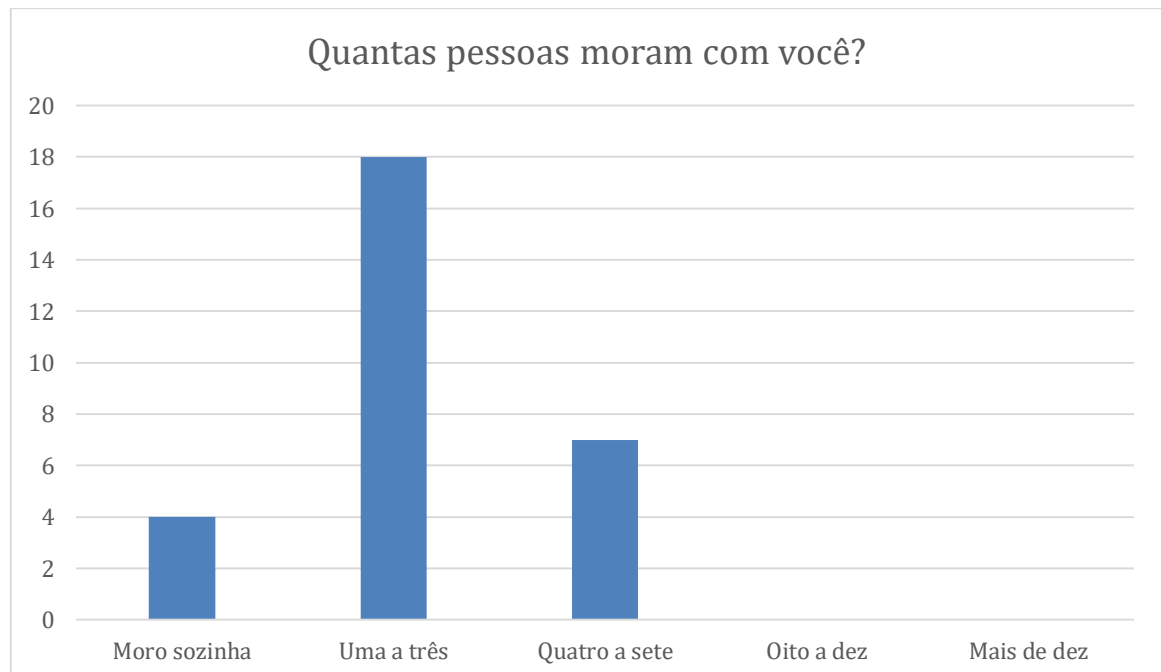
---

<sup>7</sup> O nome da professora é fictício para reguardar a identidade da docente.

Na turma, havia treze mulheres e dezesseis homens, no total de vinte e nove alunos; todos responderam aos questionários. Explicamos a estrutura do questionário e o modo como deveria ser respondido.

Questionamos aos alunos sobre quantas pessoas moravam com eles. As alternativas de resposta foram: “moro sozinho”; “um a três pessoas”; “quatro a sete pessoas”; “oito a dez pessoas”; “mais de dez pessoas”. Apenas quatro alunos moram sozinhos, dezoitos moram com um a três pessoas e sete alunos moram com quatro a sete pessoas. Vejamos, a seguir, os dados obtidos em forma de gráfico:

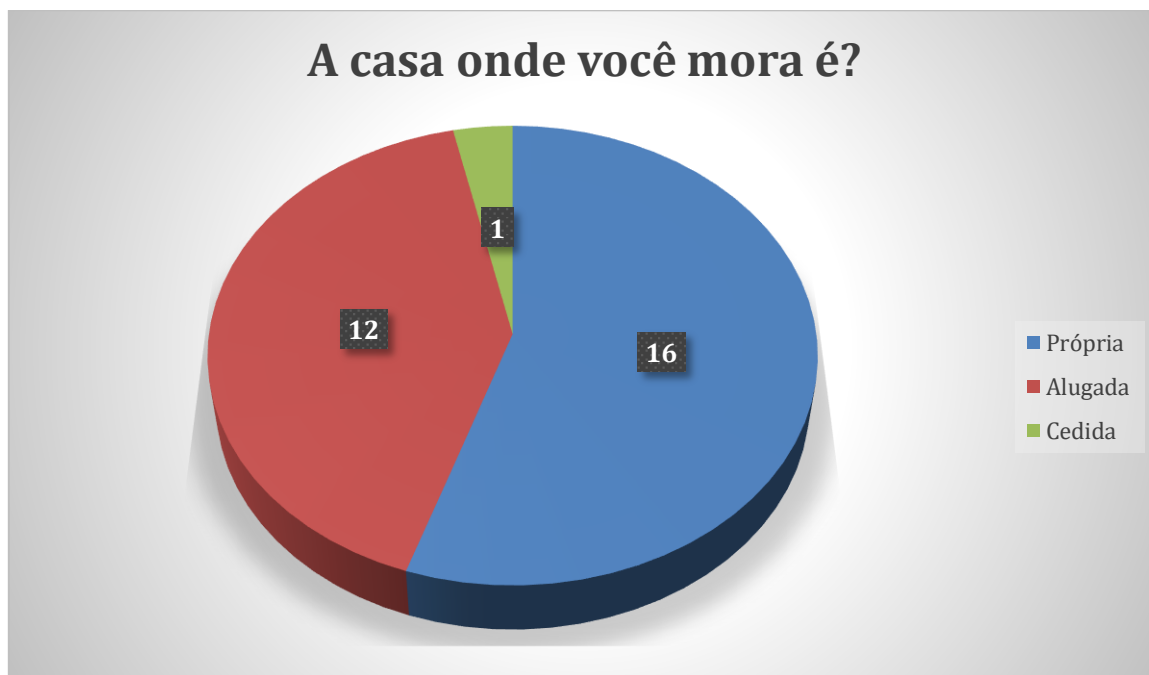
Gráfico 17 - Número de pessoas que moram com os alunos.



Fonte: elaboração da autora.

Questionamos, também, se a casa onde eles moravam eram: “própria”, “alugada” ou “cedida”. Dezesseis alunos afirmaram que moram em casa própria, doze afirmaram que moram de aluguel e somente um aluno afirmou que mora em uma casa cedida. Tomemos, a seguir, em forma de gráfico, os dados obtidos por meio da resposta dada ao questionário:

Gráfico 18 - Tipo de residência em que os alunos moram.

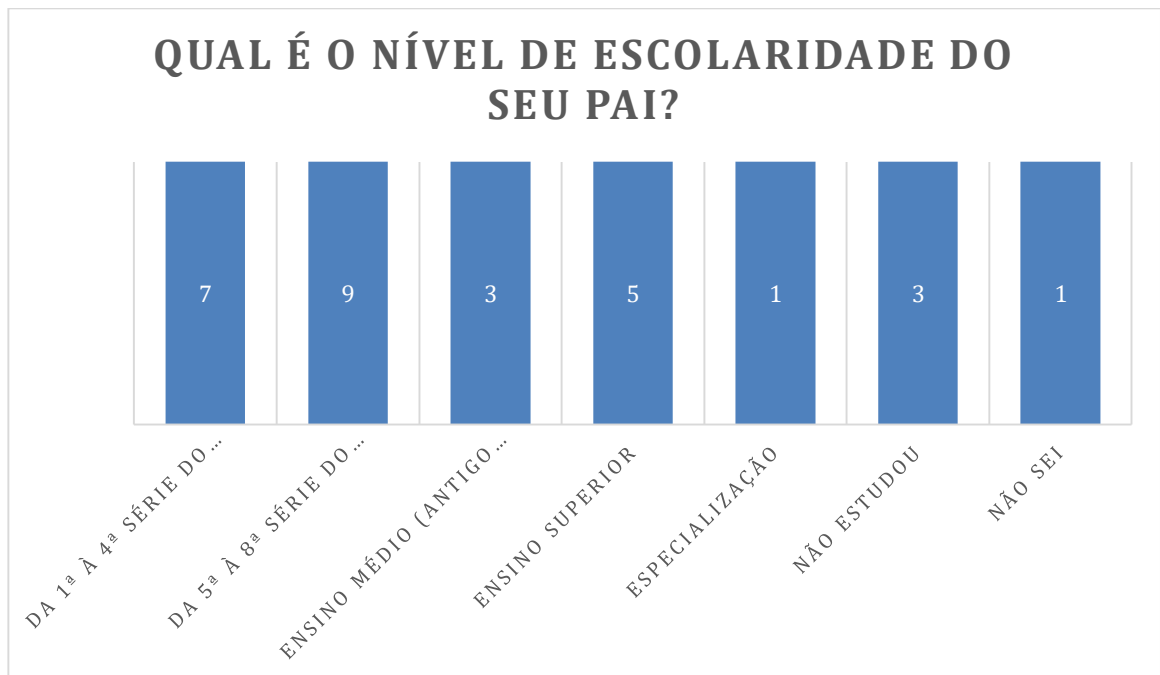


Fonte: elaboração da autora.

Perguntamos aos alunos se a casa onde eles moravam eram localizada: na “zona rural”; na “zona urbana”; em “comunidade indígena”; em “comunidade quilombola”. Todos os alunos responderam que moravam na zona urbana. Destacamos que houve dúvidas em relação à diferença entre “zona rural” e “zona urbana”, quando da aplicação do questionário.

Perguntamos aos alunos qual era o nível de escolaridade de seus pais. Obtivemos o seguinte resultado: nove alunos marcaram que o nível de escolaridade de seu pai é “da quinta série a oitava série do Ensino Fundamental”; sete alunos marcaram alternativa relacionada “da primeira série a quarta série do Ensino Fundamental”; cinco alunos afirmaram que seus pais possuíam “ensino superior”; três alunos afirmaram que o nível de instrução dos seus pais eram relacionada ao “ensino médio”; três alunos afirmaram que seus pais “não estudaram”; um aluno afirmou que seu pai possuía “especialização”; apenas um aluno não soube informar o nível de escolaridade de seus pais. Vejamos, a seguir, tais respostas em forma de gráfico:

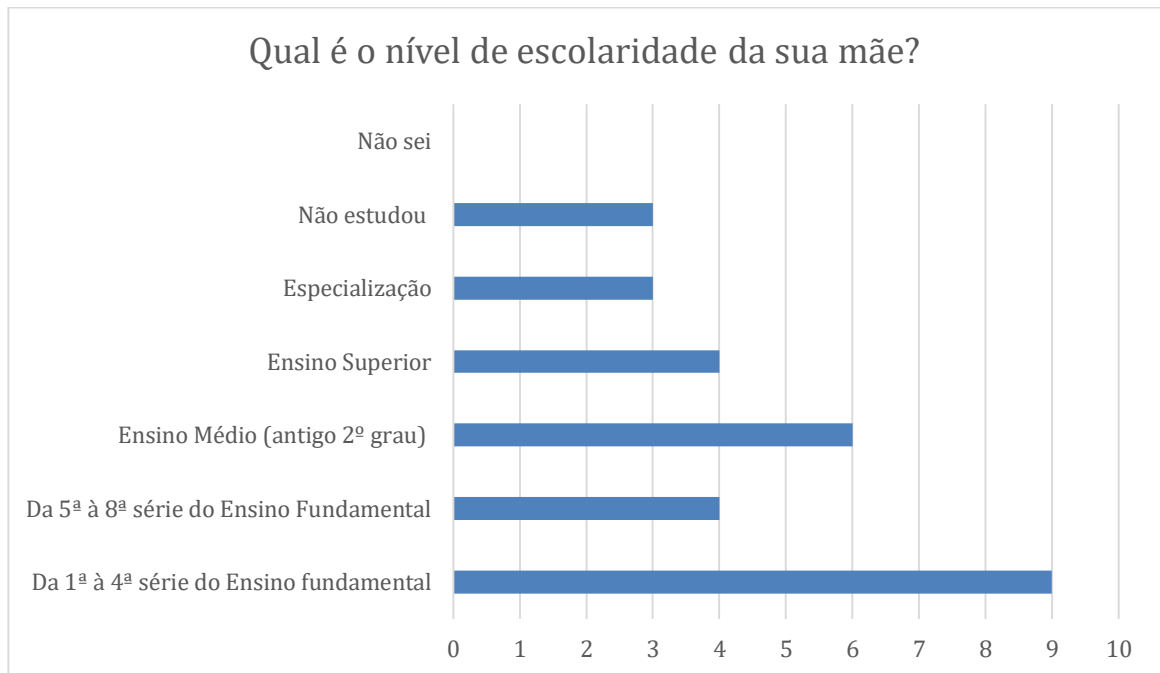
Gráfico 19 - Escolaridade dos pais dos alunos.



Fonte: elaboração da autora.

Perguntamos, também, qual o nível de escolaridade das mães dos alunos. Obtivemos os seguintes resultados: nove alunos marcaram que suas mães estudaram entre a “1ª série à 4ª série do ensino fundamental”, diferentemente dos pais que foram somente sete da “1ª série à 4ª série do ensino fundamental”; quatro alunos marcaram que suas mães estudaram da “5ª série à 8ª série do ensino fundamental”, já os pais foram nove alunos que marcaram que os pais estudaram da “5ª série à 8ª série do ensino fundamental”; seis alunos marcaram que o nível de escolaridade da sua mãe é o ensino médio, e em relação aos pais somente três que marcaram que seu pai estudou o ensino médio; ensino superior somente quatro mãe estudaram o ensino superior, sendo que os pais foram cinco que cursaram o ensino superior; já em relação à especialização três alunos afirmaram que suas mães possuíam, esse grau de estudo já em relação aos pais somente um tinha; no que tange ao fato de não estudar três alunos marcaram que sua mãe não estudou, o mesmo número em relação aos pais; todos os alunos souberam informar a escolaridade de suas mães, porém um, em relação aos pais, não sabia informar. Consideramos a seguir, o gráfico que demonstra os dados obtidos:

Gráfico 20 - Escolaridade das mães dos alunos.

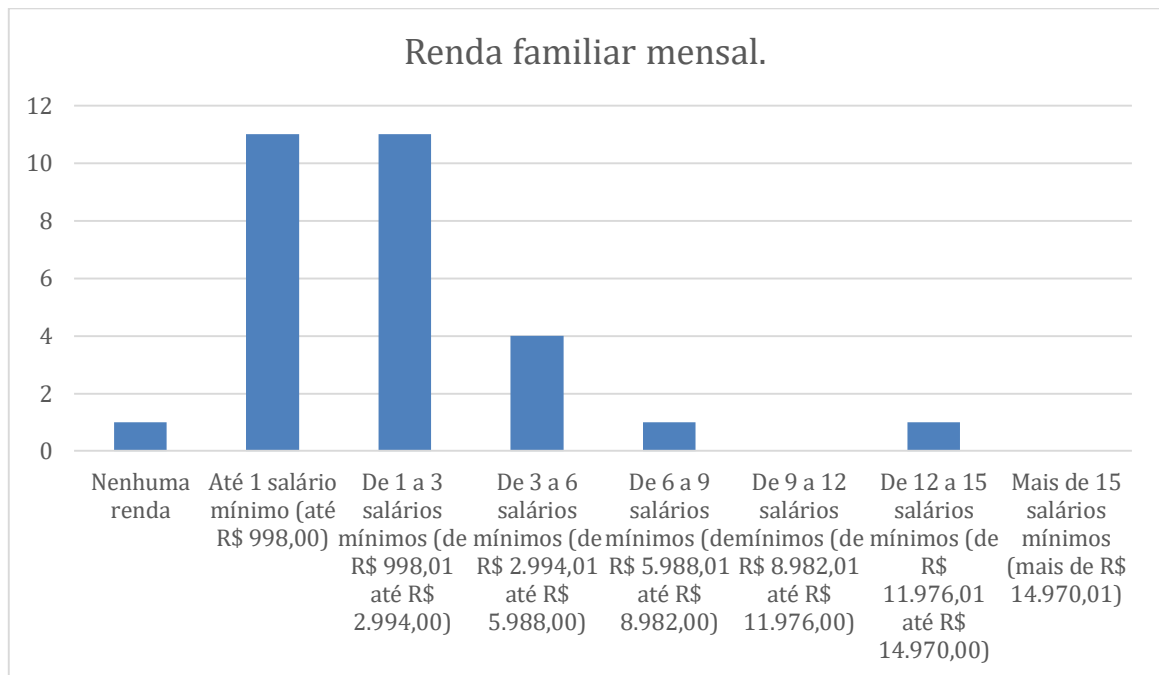


Fonte: elaboração da autora.

Sobre a renda familiar, onze alunos marcaram que a renda familiar é de “até um salário mínimo”, onze alunos marcaram que a renda familiar é de “um a três salários mínimos”, quatro alunos marcaram que a renda familiar é de “três a seis salários mínimos”, um aluno marcou que a renda familiar é de “seis a nove salários mínimos”, um aluno afirmou que a renda familiar é de “doze a quinze salários mínimos” e um aluno marcou que a família não tem renda. Consideramos, a seguir, o gráfico que apresenta tais números:



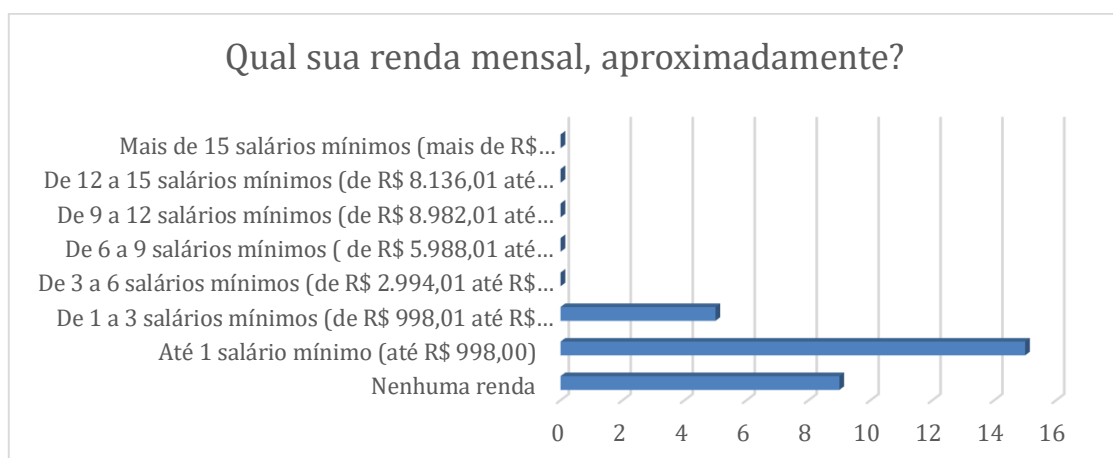
Gráfico 21 - Renda familiar mensal dos alunos.



Fonte: elaboração da autora.

Questionamos aos alunos qual era a sua renda mensal, deixando de fora a renda dos outros familiares. Vejamos os resultados: quinze alunos afirmaram que sua renda é de “até um salário mínimo”; nove alunos afirmaram que não possuem “nenhum tipo de renda”; cinco alunos afirmaram que recebem de “um a três salários mínimos”. Vejamos, a seguir, os resultados e os valores correspondentes:

Gráfico 22 - Renda mensal dos alunos.



Fonte: elaboração da autora.

Perguntamos aos alunos se eles trabalham ou já trabalharam. Vinte e dois alunos afirmaram que trabalham ou já trabalharam, quatro alunos marcaram que não trabalharam, dois alunos não responderam, um aluno marcou as duas opções. Vejamos o gráfico, a seguir:

Gráfico 23 - Números de quantos alunos trabalha ou já trabalhou.

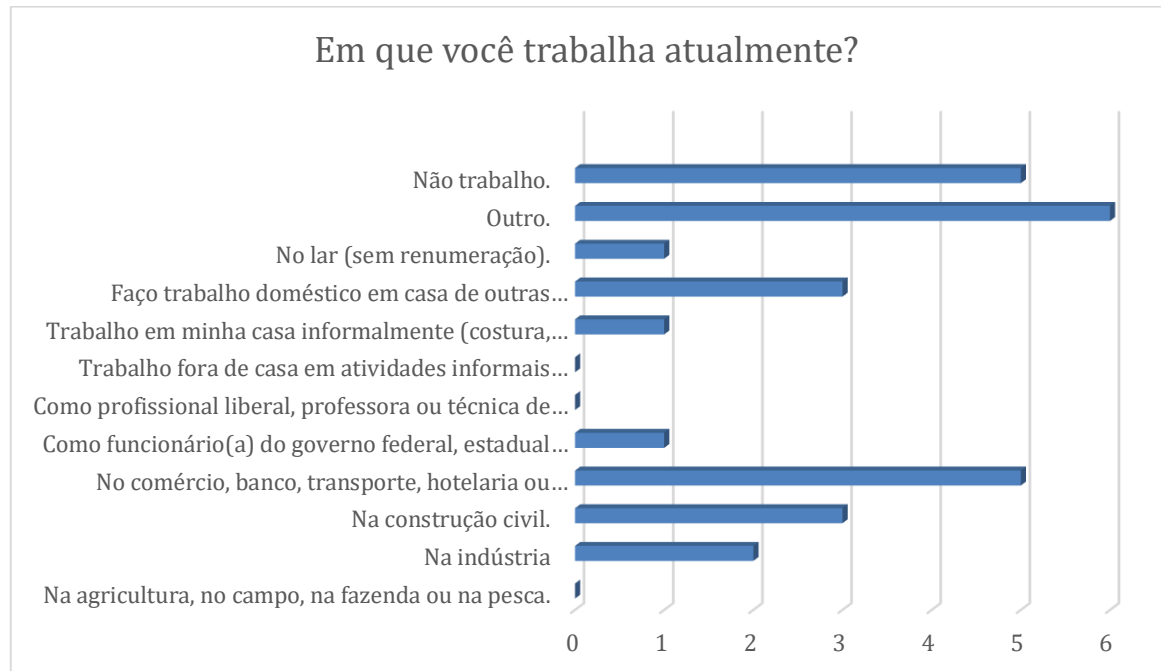


Fonte: elaboração da autora.

A próxima pergunta se relaciona com a anterior; perguntamos aos alunos qual a área de trabalho em que eles estavam inseridos atualmente. Obtivemos as seguintes respostas: dois alunos marcaram que trabalhavam na indústria; três alunos marcaram que trabalhavam na construção civil; cinco alunos marcaram que trabalhavam no comércio, em banco, em transporte, em hotelaria, entre outros; um aluno afirmou que trabalhava como funcionário do Governo federal, estadual ou municipal; um aluno marcou que trabalhava em casa, realizando atividades informais; três alunos afirmaram que realizam trabalhos domésticos em casa de outras pessoas; um aluno marcou que trabalhava no lar, sem remuneração; seis alunos marcaram "outros"; cinco alunos marcaram "não trabalho", ou seja, não há suas profissões nas alternativas; dois alunos não marcaram nenhuma alternativa.

Vejamos, com base no gráfico, as respostas apresentadas pelos alunos que responderam:

Gráfico 24 - Atualmente em que os alunos trabalham.



Fonte: elaboração da autora.

Solicitamos aos alunos que indicassem o grau de importância, dadas de 0 a 5, relacionado aos motivos de sua decisão em trabalhar (0 indica “nenhuma importância” e 5 “maior importância”). Oito alunos marcaram, como maior importância, isto é, assinalando o número “5,” a alternativa “ajudar nas despesas de casa”; dez alunos não responderam nada; quatro alunos marcaram grau de importância 3 nessa alternativa um aluno marcou o grau de importância 2 e um marcou 0 grau de importância em tal alternativa. O quadro que se segue, abaixo está relacionado, conforme a pergunta. Por isso, os alunos que deixaram em branco não estão computados no quadro e os que marcaram mais de uma alternativa estão computados.

A outra alternativa que o questionário dava era “sustentar a família.” Dez alunos não responderam e não marcaram nenhuma alternativa; considerado esse cenário, analisamos que esses alunos não trabalhavam; sete alunos marcaram o

número “5”, sendo a maior importância dos motivos que o aluno trabalha. Quatro alunos marcaram o grau de importância 0, significando que não é o motivo pelo qual eles trabalham. Três alunos marcaram que o grau de importância “2” na alternativa “sustentar a família,” e um aluno marcou o grau de importância “4”.

Outra alternativa é “ser independente”, dezesseis alunos marcaram o grau de importância “5”, dez deixou em branco, apenas um aluno marcou o número “4”, um aluno marcou o grau de importância 2. Sendo assim, o maior motivo de eles trabalharem é para serem independentes.

Outra importância de os alunos trabalharem foi “adquirir experiência”; dez alunos marcaram o grau de importância “5”, pois eles trabalham para “adquirir experiência”; dez deixaram de responder, cinco marcaram o grau de importância “4” e apenas um aluno marcou 0, significando que, para ele, não tem nenhuma importância trabalhar para adquirir experiência.

E a última alternativa era saber se o motivo de os alunos trabalharem era custear/pagar seus estudos; dez alunos marcaram o grau maior sendo “5”, doze não marcaram nada e um marcou “4”; um aluno marcou “3”; dois alunos marcaram “2”; dois alunos marcaram “1”; um aluno marcou “0”. Vejamos, a seguir, o quadro em que apresentamos o quantitativo total marcado em cada número, conforme termanizamos anteriormente:

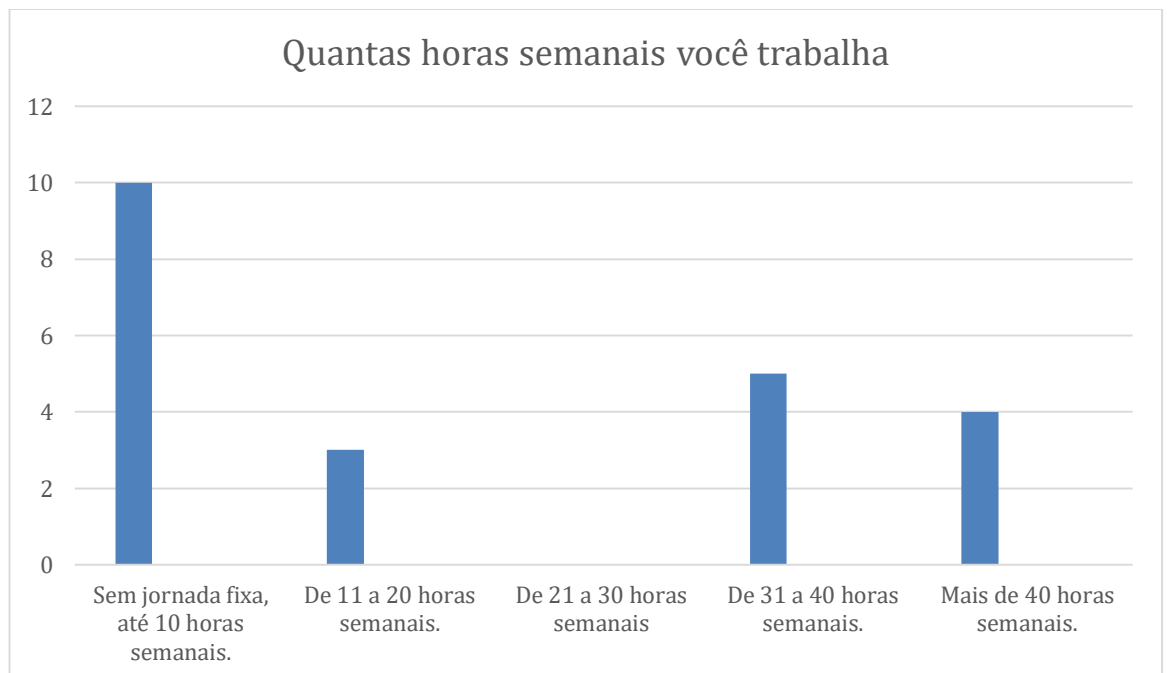
Quadro 5 - Importância e motivos que os alunos trabalham.

Opções:	0	1	2	3	4	5
Ajudar nas despesas com a casa.	1	0	1	4	2	8
Sustentar minha família (esposo/a, filhos/as etc.)	4	0	3	1	1	7
Ser independente (ganha meu próprio dinheiro.)	0	0	1	0	1	16
Adquirir experiência.	0	0	1	0	4	10
Custear/ pagar meus estudos.	1	2	2	1	1	10

Fonte: elaboração da autora.

Em relação aos alunos que trabalham, perguntamos quantas horas semanais eles trabalhavam. Dez alunos marcaram a opção "sem jornada fixa, até 10 horas semanais"; três alunos marcaram opção "11 a 20 horas semanais"; cinco alunos marcaram "de 31 a 40 horas semanais"; quatro alunos marcaram mais "de 40 horas semanais"; sete alunos não marcaram nenhuma das opções. Vejamos, a seguir, tais dados em forma de gráfico:

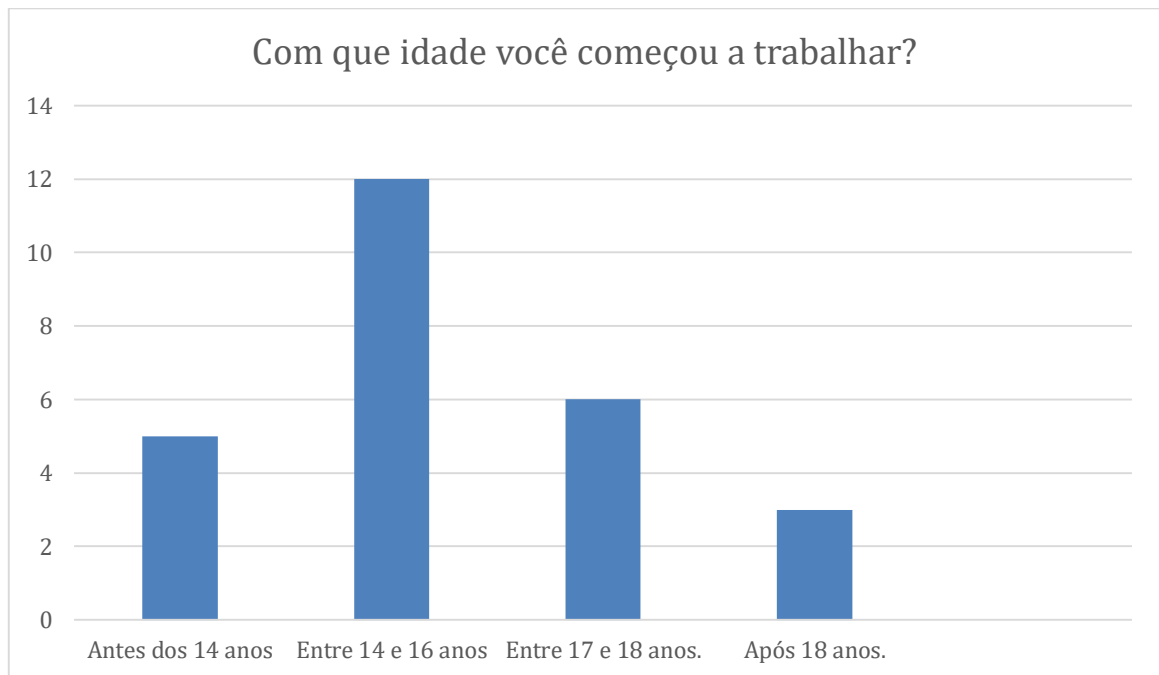
Gráfico 25 - Quantas horas semanais os alunos trabalham.



Fonte: elaboração da autora.

Continuamos nos referimos ao trabalho. Questionamos os alunos com que idade eles haviam começado a trabalhar. Obtivemos os seguintes resultados: 12 alunos marcaram alternativa "entre 14 e 16 anos"; 6 alunos marcaram a alternativa "entre 17 e 18 anos"; cinco alunos afirmaram que começaram a trabalhar "antes dos 14 anos"; três alunos "após os 18 anos"; três alunos não marcaram nenhuma das alternativas.

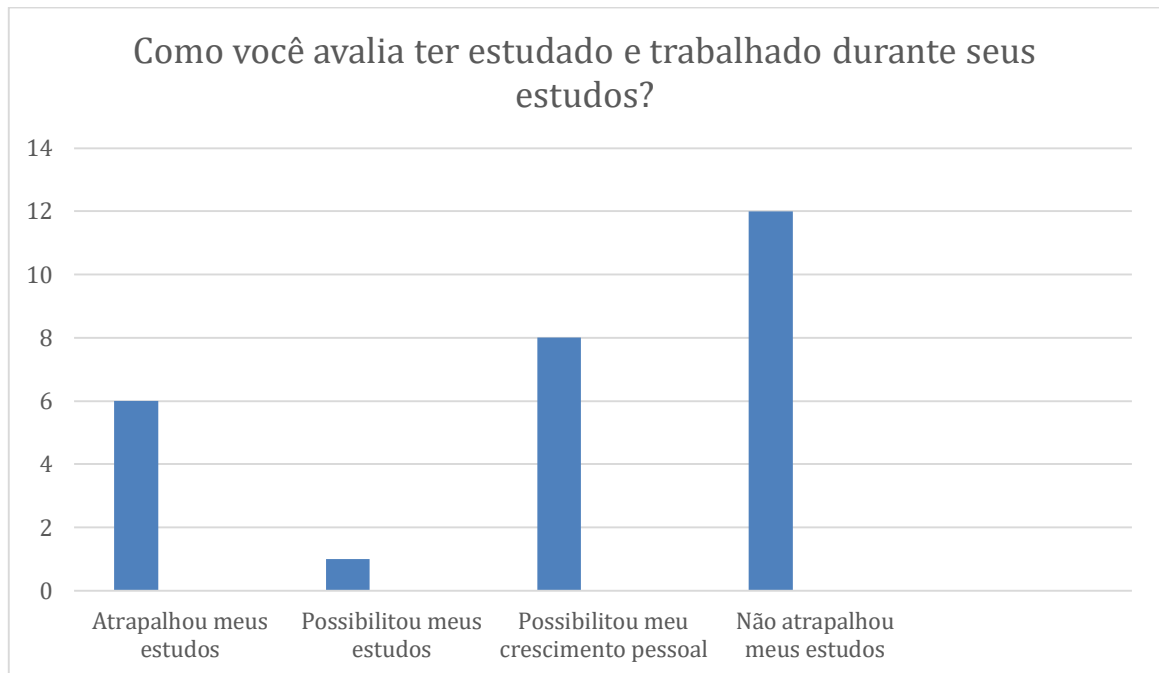
Gráfico 26 - Idade que os alunos começou a trabalhar.



Fonte: elaboração da autora.

Uma das perguntas se referia ao modo como os alunos avaliam ter estudado e trabalhado durante seus estudos. Como eles conseguiam conciliar o trabalho e os estudos, se essa conciliação atrapalhava ou não os estudos. Doze alunos marcaram que não “atrapalhou seus estudos”, oito alunos marcaram que “possibilitou o seu crescimento pessoal”, seis alunos marcaram que “atrapalhou seus estudos”, dois alunos não responderam e um aluno marcou que “possibilitou seus estudos”. Portanto, a maioria afirma que o trabalho não atrapalhou os seus estudos. Vejamos o gráfico, a seguir:

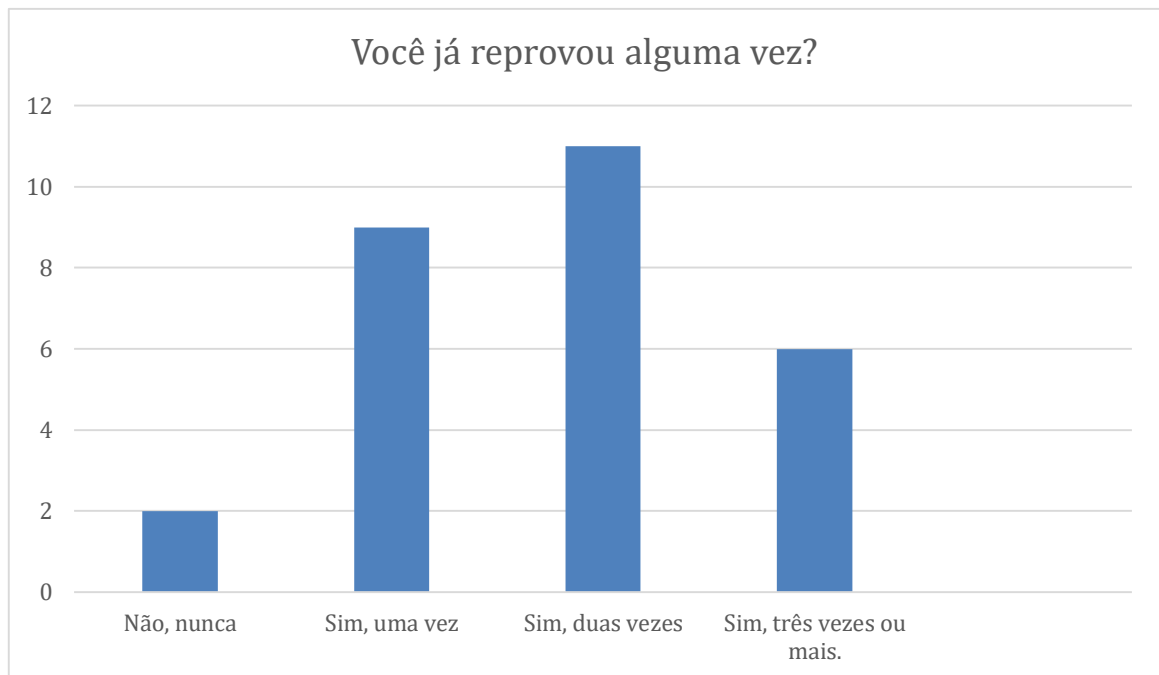
Gráfico 27 - Como os alunos avaliam ter estudado e trabalhado durante os estudos.



Fonte: elaboração da autora.

A próxima pergunta estava relacionada a um nível de reprovação dos alunos. Onze alunos marcaram que haviam reprovado duas vezes; 9 alunos afirmaram que foram reprovados uma vez; 6 alunos afirmaram que reprovaram 3 vezes ou mais; 2 alunos afirmaram que nunca reprovaram; um aluno deixou de responder. Podemos observar que grande maioria da turma já reprovou em alguma disciplina. Vejamos, a seguir, o gráfico que contém essas informações, em termos numéricos:

Gráfico 28 - Quantas vezes os alunos já reprovou.

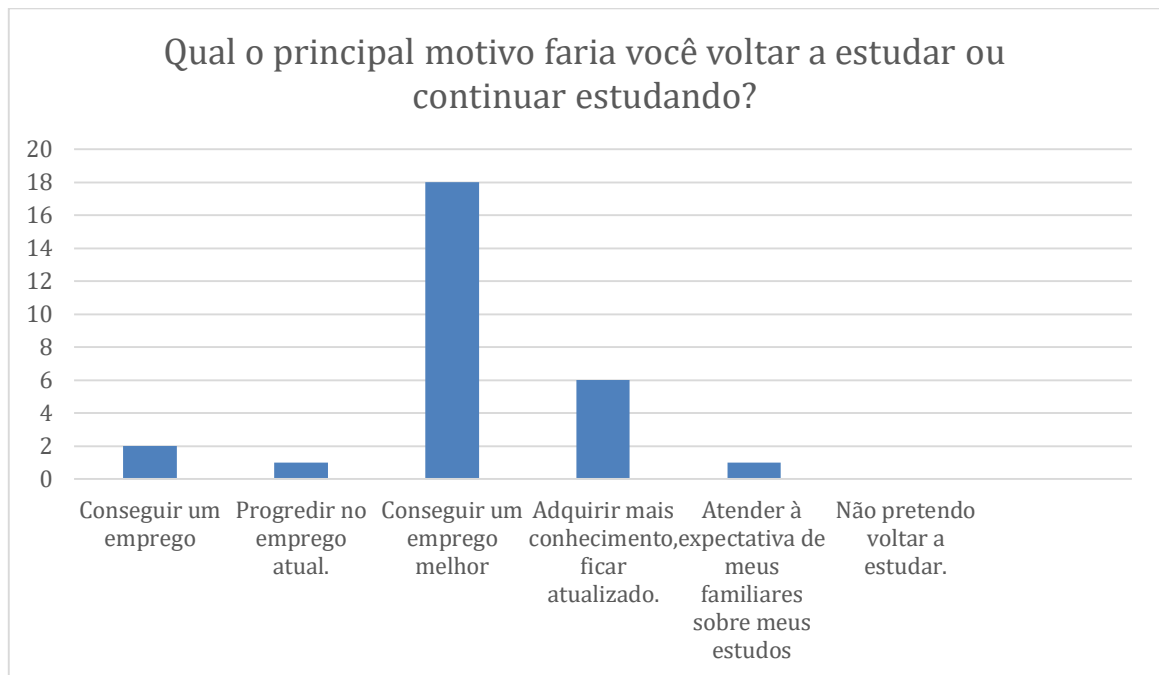


Fonte: elaboração da autora.

Uma das perguntas interessantes ao nosso trabalho foi qual motivo fez os alunos entrevistados voltar a estudar ou a continuar estudando. Dois alunos marcaram que foi para “conseguir um emprego”; um aluno marcou “progredir no emprego atual”; dezoito alunos marcaram que foi para “conseguir um emprego melhor”; seis marcaram que foi para “adquirir mais conhecimento, ficar atualizado”; um aluno marcou “atender à expectativa de meus familiares sobre meus estudos”, e um aluno não marcou nenhuma opção. Podemos perceber que a maioria dos alunos voltaram a estudar ou a continuar estudando por causa de um serviço visando uma melhora para sua vida. Observe o gráfico, a seguir:



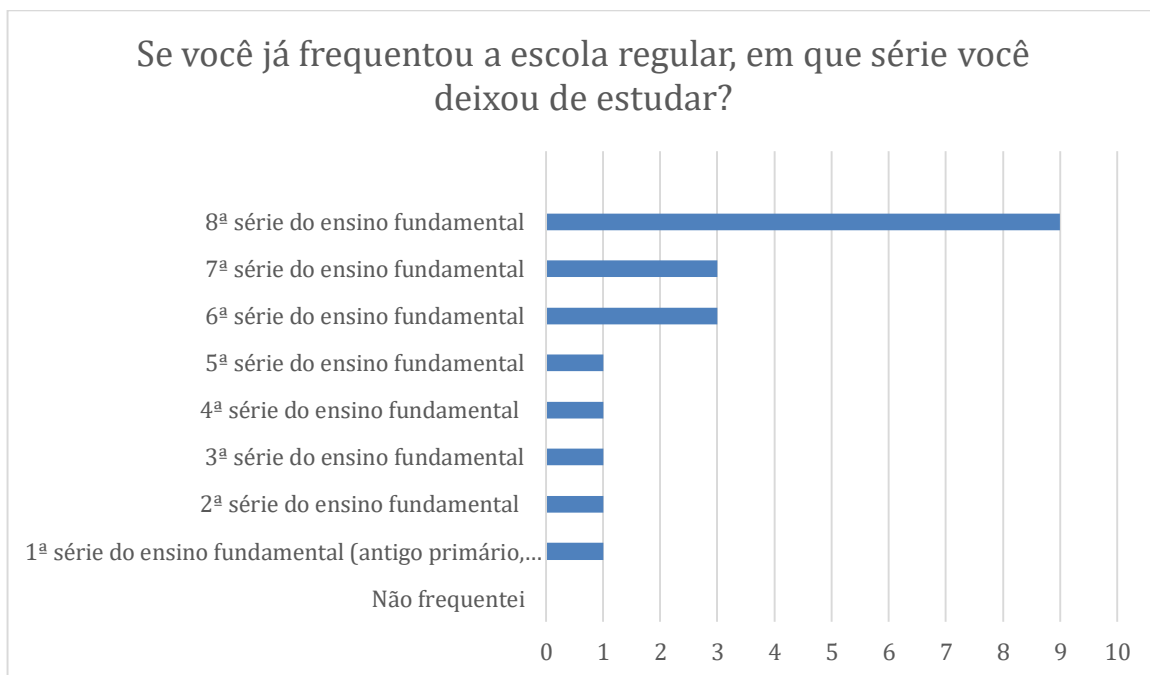
Gráfico 29 - O principal motivo que faria os alunos voltar a estudar.



Fonte: elaboração da autora.

Perguntamos em qual série os alunos haviam parado de estudar, quando estudavam em escola regular antes da EJA. Nove alunos não responderam, nove alunos pararam de estudar na “oitava série”, três alunos marcaram na “sétima série”, três alunos marcaram na “sexta série”, um aluno marcou na “quinta série”, um aluno marcou na “quarta série”, um aluno marcou na “terceira série”, um marcou na “segunda série” e mais um marcou na primeira série do ensino fundamental. Sendo assim, alguns alunos deixaram há muito tempo de estudar em escola regular e foram para a EJA. Vejamos o gráfico, a seguir:

Gráfico 30 - Qual série os alunos haviam deixado de estudar.



Fonte: elaboração da autora.

A última questão buscava saber em que medida os motivos, apresentados no questionário, influenciaram no fato de os alunos não terem frequentado ou ter abandonado a escola regular, colocamos em forma de quadro para serem compreendidas as respostas dos alunos; a forma de avaliar as respostas é com os números “0”, que significava que não tinha influência, e o número “5” que influenciava muito. A primeira alternativa era a “inexistência de vaga na escola pública”; sete alunos marcaram o “0”, sendo que essa variável não influenciava, e dois alunos marcaram “5” que influenciaram muito.

Outra alternativa que a questão tinha era a “ausência de escola perto de casa”; nove alunos marcaram o número “0”, que significa que não houve influência de não ter frequentado ou ter abandonado escola regular.

A próxima alternativa é a “falta de interesse em estudar”; seis alunos marcaram “0”, que não influenciava em nada, um aluno marcou “2”, mais um aluno marcou “3” e dois alunos marcaram “5”, sendo a maior influência.

Um dos motivos que nos interessou, nessa questão, era sobre o trabalho; se ele poderia ter alguma coisa a ver com o fato de os alunos desistirem, ou de eles voltarem a estudar. Essa questão foi muito eficaz para a nossa pesquisa, e o motivo que poderia ter influenciado os alunos de não ter frequentado ou ter abandonado a escola regular poderia ser por conta do trabalho/falta de tempo para estudar. Três alunos marcaram “0” menor influência, dois alunos marcaram “2”, dois marcaram “3” e três alunos marcaram “5”, tendo a maior influência.

A alternativa seguinte se refere aos motivos pessoais: “casamento/filhos”; sete alunos marcaram “0”, que não influenciava em nada; e um aluno marcou “5”, que influenciava muito.

A “falta de apoio familiar”, também, foi outro motivo. Oito marcaram “0” que não influenciaram em nada, mas só um aluno marcou como o maior influência “5”.

Outro motivo foi “problemas de saúde ou acidente com os alunos ou familiares”; oito alunos marcaram “0”, sendo que não influenciou, e um aluno marcou “5”, sendo o maior influenciado.

E o último foram a discriminação/ preconceitos de raça, sexo, cor, idade ou socioeconômico, os nove alunos marcaram zero que esse não era o motivo por isso não influenciava em nada.

Podemos observar que os alunos deixaram de frequentar ou ter abandonado a escola regular principalmente por causa do “trabalho”. No quadro tabela mostramos menor número “0”, sendo que não influenciaram em nada e somente três alunos marcaram essa alternativa.

Consideramos, a seguir, o quadro em que aparece os números tabulados por nós:

Quadro 6 - Qual o motivo influenciaram os alunos terem abadoonado ou não frequentado a escola regular.

Opções:	0	1	2	3	4	5
Inexistência de vaga em escola pública.	7	0	0	0	0	2
Ausência de escola perto de casa.	9	0	0	0	0	0
Falta de interesse em estudar.	6	0	1	1	0	2
Trabalho: falta de tempo para estudar.	3	0	2	2	0	3

Motivos pessoais: casamento/ filhos.	7	0	0	0	0	1
Falta de apoio familiar.	8	0	0	0	0	1
Problemas de saúde ou acidente comigo ou familiares.	8	0	0	0	0	1
Discriminação/ preconceitos de raça, sexo, cor, idade ou socioeconômico.	9	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração da autora.

### 3.5 Critérios de seleção dos participantes da pesquisa

Conforme já mencionamos, para o andamento deste trabalho, realizamos a etapa de coleta de informação em dois colégios públicos e estaduais de Araguaína. Realizamos uma delimitação dos participantes, ou seja, realizamos um recorte. Iremos analisar as entrevistas realizadas com o total de oito alunos que estudam na EJA. Portanto, entrevistamos quatro alunos de cada instituição de ensino.

Na Escola Vila Nova, foram realizadas entrevistas com: um aluno de 41 anos, que trabalha como motorista; uma aluna de 32 anos, que trabalha no lar (sem remuneração); uma aluna de 25 anos, que trabalha em seu lar e cuida do seu filho (para estudar ela deixa seu filho aos cuidados de seu namorado); um aluno de 28 anos, que trabalha no ramo da estética.

No colégio Adolfo Bezerra de Menezes, as nossas entrevistas foram realizadas com: um aluno de 36 anos, este aluno é aposentado por uma empresa que ele trabalhava, ele sofreu um acidente; uma mulher de 43 anos, ela é costureira em sua própria casa; outro aluno é um jovem de apenas 19 anos, que trabalha desde cedo e que sofreu preconceito de seu pai por ser homossexual; e a última aluna é de apenas 21 anos, que hoje trabalha e consegue estudar depois de muito tempo.

Buscamos selecionar os alunos que tivesse idade próximas em ambos os colégios e que estivessem, cursando o terceiro ano da EJA. Assim, almejamos traçar o perfil de cada aluno e, também, realizar análises baseado nas respostas obtidas.

### 3.6 Procedimento do *corpus* e procedimento de análise

Como mencionamos, na subseção anterior, iremos analisar as entrevistas realizadas com os alunos. Após selecionar os alunos participantes da pesquisa realizamos entrevistas baseadas no roteiro com perguntas discursivas (Anexo 2). As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, foram transcritas de acordo com as orientações do Projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC - Anexo 03).

Partindo das transcrições, que estão na íntegra no Anexo 04, realizamos recortes que chamaremos de recorte discursivos (RD). Vejamos a concepção de Fernandes (2008) em relação a este recorte:

Trata-se da seleção de fragmentos do *corpus* para análise; ou seja, quando o analista escolhe seu objeto de análise, ele precisa ainda selecionar pequenas partes, escolhidas por relações semânticas, tendo em vista objetivos do estudo. (FERNANDES, 2008, p. 65)

Por meio dos recortes discursivos, buscamos problematizar de que modo os alunos da EJA se constituem sujeito, ao narrar as suas experiências nessa modalidade de ensino. Conforme foi possível certificar a partir da caracterização do perfil dos alunos, cujas turmas enfocamos, na pesquisa, é que eles são marcados por uma situação de vulnerabilidade social. Essa situação acaba implicando uma outra situação, que é a de vulnerabilidade escolar. Para esse grupo de alunos acessar, sobretudo permanecer na escola, configura-se como um desafio cotidiano.

#### 4. CAPÍTULO TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos os elementos teóricos que sustentam este trabalho. Para tanto, iremos nos filiar a fundamentos da Análise de Discurso francesa, formulada por Michel Pêcheux, na França, e por Orlandi, no Brasil. A Análise de Discurso mostra-se importante, neste trabalho, para pensarmos no modo como o aluno da EJA se constitui sujeito, ao narrar suas experiências nessa modalidade de ensino.

O objeto de estudo da Análise de Discurso, como já consta em seu próprio nome, é “discurso”. Desse modo propomos-nos a analisar as discursividades constitutivas às narrativas dos próprios alunos da EJA. De acordo com Fernandes (2008),

Importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto diferente de vozes. (FERDANDES, 2008, p.8-9)

Por meio da citação anterior, podemos ressaltar que todo sujeito é marcado por uma conjuntura social. No capítulo anterior mostramos algumas marcas sócio-históricas e ideológicas dos alunos foco de análise. E, por meio das informações, podemos perceber que os sujeitos são heterogêneos; são um distinto do outro. As variáveis demonstram justamente uma posição social e histórica subjetiva de cada um. No capítulo a seguir, que é o de, análise propriamente dito, iremos abordar as narrativas dos alunos entrevistados. Na e pela enunciação falada deles, as vozes vão atravessando, mostrando o que os fundamentos da Análise de Discurso nos dão base para pensar, a saber: “tornada de posição”. Trata-se de uma posição discursiva, isto é, que se marca na e pela língua; não se trata de uma posição empírica, meramente do indivíduo no mundo. Dito de outro modo, interessa-nos a perspectiva do sujeito discursivo. Consideramos, a seguir, outra citação de Fernandes (2008), a qual sustenta as referidas considerações:

**Sujeito discursivo:** constituído na inter-relação social, não é o centro de seu dizer, em que sua voz, um conjunto de outras vozes, heterogêneas, se manifestam. O sujeito é polifônico e é constituído por uma

heterogeneidade de discursos. (FERNANDES, 2008, p. 21; grifos do autor)

Segundo Orlandi (2015), o sujeito é constituído na relação com a língua e com a história. Nessa medida, somos afetados por “efeitos do simbólico”, e por meio do simbólico produzimos sentidos. Por meio da linguagem, o sujeito vai produzindo efeitos de sentidos, e, assim, a linguagem constitui o processo de mediação do sujeito na relação com o mundo.

Outro elemento que compõe as condições de produção do discurso é a ideologia, que se marcada no sujeito e suas enunciações. De acordo com Pêcheux (1975) e com Orlandi (2015), todo sujeito é marcado pela ideologia, não havendo sujeito sem ideologia. Segundo esses autores, a língua faz sentido porque o sujeito está em relação com a ideologia. Vejamos as palavras de Orlandi (2005).

[...] Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. (ORLANDI, 2005, p.41)

Para dizermos do foco deste trabalho, as narrativas dos alunos, como iremos analisar e problematizar, no próximo capítulo deixar entrever os efeitos ideológicos na e pela materialidade daquilo que eles enunciam. A historicidade e a situação social acabam produzindo, uma tornada de posição singular. Cada um a seu modo foi sendo subjetivados na e pela historicidade. Ainda na esteira de Orlandi (2012) salientamos que:

De acordo com a análise de discurso, o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. [...] A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada (isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada) determina o que pode e deve ser dito. (ORLANDI, 2012, p.77)

Iremos, no capítulo de análise, por meio das narrativas dos alunos, circunstanciar a posição sócio-histórico dos entrevistados. E, assim, realizar um movimento de análise discursiva, observando como os alunos da EJA, por meio da linguagem, constituem-se sujeitos discursivos. Dito de outro modo estamos interessados no modo como a historicidade os fazem inscrever-se em algumas

discursividades, quando são levados a enunciar sobre a condição de aluno da EJA. Há processos simbólicos que os singularizam na e pela língua. No âmbito da Análise de Discurso, essa singularização é pensada em termos de “processo de individuação”. Ao serem interpelados pela ideologia que no caso ganham circunscrição pelas perguntas que endereçamos a eles, os alunos são levados a assumir uma posição discursiva, a qual deflagram o processo de individuação.

Por meio das práticas discursiva empreendidas pelos entrevistados, iremos “considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecidas pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer.” (ORLANDI, 2015, p.14). Sendo assim, buscamos relacionar as narrativas produzidas com a realidade vivenciadas por eles. Uma análise discursiva contempla o sujeito com as suas narrativas não idealizadas, já que tornamos partido pelo caráter ideológico de linguagem.

Ao serem levados a significar a condição de alunos da EJA, eles evidenciarão discursividades de suas histórias de vida, pois eles são produzidos na e pela historicidade. Assim, tanto o “contexto em sentido estrito” quanto o “contexto em sentido lato” acabam sendo importantes neste trabalho. Na esteira de Orlandi (2014, p. 14), é preciso “distingui desde o início o contexto em sentido estrito (as circunstâncias imediatas) e o contexto em sentido lato (as determinações históricos-ideológicas). Essa distinção é relevante, pois podemos passar, as condições desses alunos da EJA de dois pontos de vista: macro, pois a história de vida deles é comum a tantas outros alunos da EJA na vastidão geográfica do Brasil; micro abrindo para o que estamos chamado de “processos de individuação”. Eles são individuados pelas condições sócio-históricas e ideológicas. A partir das variações sociodemográficas e culturais, conforme mobilizamos no capítulo anterior, tivemos base para pensar em elementos que constituem esse processo de individuação.

Consideremos, a seguir, o capítulo de análise deste trabalho.



## 5. CAPÍTULO DE ANÁLISE: ENFOCANDO AS NARRATIVAS DOS ALUNOS DA EJA

Neste capítulo, abordamos as narrativas de oito alunos da EJA em Araguaína – TO, entrevistados nas escolas estaduais Vila Nova e Adolfo Bezerra de Menezes. Cabe ressaltar que, em cada escola, entrevistamos quatro alunos. O nosso objetivo é analisar as narrativas dos alunos, buscamos conhecer as suas histórias de vida e, também, a relação deles com a EJA, que, nesse caso, envolve as narrativas sobre ensino e aprendizagem nesse segmento de ensino.

Por meio de recortes discursivos (RD), iremos realizar mo(vi)mento de análise das narrativas de vida dos alunos, tendo por base a circunstância de suas constituições como sujeitos no mundo. Conforme viemos considerando, neste trabalho, trata-se de pensar em “processos de individuação do sujeito”. Destacamos que os nomes dos alunos são fictícios, preservando, desse modo, a verdadeira identidade deles.

Começamos o nosso trabalho de análise, a partir da entrevista de Paulo. Ele trabalha durante o dia todo; por esse motivo, encontramos certa dificuldade em realizar a entrevista, uma vez que ele faltava bastante às aulas e a sua justificativa era de que estava trabalhando. Tal aluno estuda na Escola Estadual Vila Nova. Vejamos, a seguir, o recorte discursivo 1 (RD1)<sup>8</sup>:

### Recorte Discursivo 1

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre sua história de vida.

PAULO: Minha história de vida... **trabalho muito** e... estudo a noite... normal...

HÉRICA: normal como assim normal... como é....

PAULO: **corrida... diariamente...**

HÉRICA: corrida... sempre foi assim sua vida corrida...

PAULO: na área do trabalho sim...

HÉRICA: quando você fala corrida que dizer que não tem tempo pra alguma coisa...

PAULO: Isso... **o tempo é curto...**

HÉRICA: E... você começou a trabalhar desde cedo...

PAULO: **Quinze anos...**

HÉRICA: quinze anos de idade... Sofreu assim nenhuma transtorno alguma coisa...

PAULO: **Preconceito...**

HÉRICA: Preconceito...

---

<sup>8</sup> Todas as transcrições estão disponíveis em anexo (Cf. ANEXO 04)

PAULO: Demais...  
 HÉRICA: é... na área do serviço ou na família ou escola...  
 PAULO: **Não... mais familiar da homossexualidade...**  
 HÉRICA... Dos pais...  
 PAULO: Isso... do meu pai principalmente...  
 HÉRICA: seu pai... Mais chegou assim... a expulsar de casa... agredir...  
 PAULO: **agredir... bater... espancar...**  
 HÉRICA: Mais isso aí foi um motivo de você ter desistido de estudar...  
 PAULO: Não... **foi questão de trabalhar para me manter né... porque quando eu descobri da minha homossexualidade ele não quis aceitar então eu tive que optar trabalhar para me sobreviver.**  
 Entrevista realizada no dia 31/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Como observado, por meio de RD1, solicitamos que o aluno comentasse sobre a sua história de vida. Como resposta, Paulo respondeu que a “vida dele é corrida que não tem tempo para nada e é cansativa”, para usarmos os dizeres dele. Destacamos esse enunciado pelo motivo de ser uma realidade recorrente dos alunos da EJA, uma vez que eles, em sua maioria, necessitam buscar uma renda para se sustentar.

Paulo trabalha desde os seus quinze anos; um motivo que influenciou a sua entrada no mercado de trabalho foi o preconceito de seu pai para com ele. Paulo se assumiu homossexual. O aluno afirmou que já foi agredido e até espancado, mostrando que a ideologia dele e de sua família é distinta. Podemos perceber que a ideologia, também, influencia em ações, no caso em agressão. Percebemos que há tensões nos laços familiares, e uma forma que o aluno buscou para ter sua “independência” foi entrar no mercado de trabalho. Essa forma acabou exercendo implicações para a relação dele com a escola.

Vejam o seguinte enunciado produzido por Paulo: “[...] porque quando eu descobri da minha homossexualidade ele não quis aceitar então eu tive que optar trabalhar para **me sobreviver**”. Ressaltamos que o aluno não teve escolhas, ou seja, ele necessitava trabalhar. Essa necessidade se deu pelo motivo de que, para “sobreviver”, ele iria precisar obter algum tipo de renda. Podemos inferir que a relação “trabalho” e “estudo” foi fragilizada, uma vez que, anteriormente, o aluno só precisaria estudar; posteriormente, ele teve de se preocupar com as necessidades básicas, tais como: moradia, alimentação, transporte, entre outros, para suprir. O aluno finaliza, afirmando que deixou de estudar, na educação básica, por causa do trabalho.

Prosseguindo com a transcrição da entrevista, vejamos o RD2:

#### Recorte Discursivo 2

**HÉRICA:** certo... Conte-nos um pouco sobre sua relação com a escola...

**PAULO:** Boa graças a Deus... eu tô indo bem... **só que as vezes que quando eu tô muito cansado não dá deu vim...**

**HÉRICA:** Mas aqui dentro você não recebe preconceito...

**PAULO:** No começo já tive muito... mas eu encaro isso de fichinha...

**HÉRICA:** Hoje você dá conta de lidar com isso...

**PAULO:** É já convivi com coisas piores já pra mim... bola pra frente...

**HÉRICA:** Piores quando você fala que seus pais...

**PAULO:** Já fui agredido também...

**HÉRICA:** Por outras pessoas também...

**PAULO:** Isso...

Entrevista realizada no dia 31/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Questionamos o aluno acerca de sua relação com a escola; Paulo produziu o seguinte enunciado: “**Boa** graças a Deus... eu tô indo bem... **só que as vezes que quando eu tô muito cansado não dá deu vim...**”. Por meio de sua resposta, percebemos que a relação dele com a escola é considerada “boa”. Porém, a sua relação com a escola é afetada pelo trabalho. O aluno relatou que, em muitos momentos, estava casando, e por esse motivo acabou não frequentando a escola.

Continuamos questionando o aluno; perguntamos a ele se dentro da própria escola ele sofria preconceito, em relação à sua orientação sexual. Paulo relatou que, no início, ou seja, assim que chegou, sofria preconceito. Apesar do preconceito sofrido, tanto em casa quanto na escola, o aluno continuava a sua vida, buscando ignorar o preconceito sofrido.

Podemos inferir que a falta de aceitação, por parte da família e de algumas pessoas da escola, podia influenciar, diretamente, no processo de ensino e de aprendizagem. Uma vez que há possibilidade de: o aluno se sentir inibido de frequentar a escola, uma vez que, para uma parcela de pessoas, ele não é bem aceito; a falta de apoio familiar levar o aluno a trabalhar e, por sua vez, acaba prejudicando a sua assiduidade escolar.

O aluno relata: “É já convivi com coisas piores já pra mim... bola pra frente...”. Neste momento, percebemos que o aluno narrativiza as barreiras enfrentadas na sociedade, uma vez que se sente agredido pelas ações e pelos discursos produzidos para com ele.

Destacamos que, no momento em que perguntamos a Paulo, se ele havia sofrido algum preconceito no âmbito da escola, Paulo não quis falar muito sobre isso, fazendo gesto com as mãos para continuar a próxima pergunta; respeitamos o aluno e fizemos a próxima pergunta. Porém, isso demonstrou uma certa tensão e/ou fragilidade do aluno em comentar sobre esse tópico. Nesse ponto, o processo de individualização se marca a partir da resistência. Sobre alguns pontos discursivos, Paulo enuncia; sobre outros, ele convoca o corpo para produzir um silenciamento sobre certos sentidos. Vejamos, a seguir, o RD3:

### Recorte Discursivo 3

HÉRICA: O que é ser aluno da EJA pra você...

PAULO: É... eu acho que é uma **oportunidade de você acelera** mais um pouco os estudos que você... deixou o tempo pra traz... é não... podia terminar... teve imprevisto na sua vida e você parou... **uma oportunidade de você avança mais rápido...**

HÉRICA: Hoje você pensa em termina a EJA e fazer um curso superior...

PAULO: Sim eu preciso... **pretendo fazer estética...**

HÉRICA: Estética né...

PAULO: Isso que é a área que eu mais gosto de fazer... **já trabalho na área da beleza...**

Entrevista realizada no dia 31/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Como demonstrado a partir de RD3, perguntamos a Paulo o que era para ele ser aluno da EJA. Ele respondeu-nos: **“uma oportunidade de você avança mais rápido...”** Os alunos veem, nessa modalidade de ensino, a oportunidade de se igualar àqueles que terminaram a educação básica no tempo esperado. É, como dito em muitos momentos pelos entrevistados, como ainda veremos, a oportunidade de finalizar a educação básica de forma mais compactada em relação ao ensino regular.

Quando questionado se ele pretende fazer um curso superior, o aluno respondeu que sim. Percebemos que o aluno enxergou uma oportunidade de alavancar socialmente e, também, profissionalmente, a partir da EJA. O aluno afirmou que pretende fazer estética, e, assim, continuar na mesma área que atua, na área da beleza. Perguntamos ao aluno como se dá o processo de aprendizagem na aulas na modalidade de ensino da EJA. Consideremos, a seguir, o RD4:

### Recorte Discursivo 4

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre o modo como você aprende nas aulas...

PAULO: Eu aprendo... ah como eu posso te falar... eu consigo absorver o que eles querem transmitir...

HÉRICA: Então você acha que a maneira de você aprende com eles mais é com explicação ou conteúdo dado na lousa

PAULO: **Explicação**... e... do jeito que eles trabalha com os alunos também... essencial...

HÉRICA: Você acha assim que mudou um pouco de quando você parou de estudar pra hoje acha que tem mais diálogo entre o aluno e o professor...

PAULO: É... com certeza tem sim... **diálogo bastante**... coisa que eu não via atrás eu consigo ver que evolui bastante

HÉRICA: Então os professores e os alunos têm...

PAULO: Já consegue ter aquele diálogo entre o professor e aluno... Não consegue ter mais aquele **tabu entre aluno e professor medo de pergunta** e ser mal encarado mais eu vejo isso e acabou.

Entrevista realizada no dia 31/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Questionamos o aluno como ocorria o processo de ensino e de aprendizagem em sala de aula. O aluno comentou que aprende melhor, por meio do jogo de interlocuções, no momento em que há essa relação entre professor e aluno; assim, a aprendizagem se estabelece.

Destacamos o seguinte enunciado: “tabu entre aluno e professor medo de pergunta”. Percebemos que Paulo apresenta, em seu enunciado, um contraponto entre o ensino tradicional e outras metodologias. Por meio de sua resposta, podemos deduzir que as aulas que ocorrem na EJA não são tradicionais, em que professor é o centro e aquele que detém o poder de fala.

Os documentos oficiais que norteiam as diretrizes da educação buscam realizar o movimento de fomentar e orientar aulas mais participativas, que se levem em consideração a visão e a participação dos alunos. Podemos citar, como exemplo, a valorização do ensino epilinguístico em relação ao metalinguístico.

Concluimos que as aulas, para esse aluno, ocorrem por meio da participação conjunta entre professores e alunos. E, por meio dessa metodologia, o aluno consegue abstrair melhor o conteúdo.

Partiremos para a análise da segunda entrevista, realizada com a aluna Isabel. Ela tem vinte e cinco anos e estuda na Escola Estadual Vila Nova. Tomemos, a seguir, o RD5, que apresenta parte da transcrição da entrevista:

### Recorte Discursivo 5

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre sua história de vida...

ISABEL: Minha história é... **foi um pouco difícil**... desde quando eu voltei assim pra escola é... eu estudei... comecei estudar... e aí logo eu **engravidar** aí foi um pouco difícil porque... aí eu tive que ir... **ir pra escola aí e pro trabalho** e aí nu... nu dava assim entendeu... ir pra escola e ir para o trabalho... e aí grávida... e aí logo eu comecei faltar na escola aí eu tive que sair... aí veio essa... a gravidez e tudo... e aí foi... foi isso que eu parei de estudar entendeu... aí depois que veio a criança aí eu... morei junto com o pai dele e tal e depois agora com dois... **três anos de idade aí eu coloquei ele na creche** aí eu resolvi vim pra escola agora eu tô aqui estudando né...

HÉRICA: Isso já tem uns quatro ano no caso?

ISABEL: Que eu parei de estudar...

HÉRICA: é...

ISABEL: **é já tem mais ou menos isso uns cinco mais ou menos... e agora resolvi estudar...**

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Solicitamos a aluna que falasse um pouco sobre sua história de vida. Percebemos que o distanciamento da aluna em relação à escola se deu pelo âmbito familiar e, também, pelo trabalho. Vejamos o enunciado da aluna: “*e aí logo eu engravidar aí foi um pouco difícil porque... aí eu tive que ir... ir pra escola aí e pro trabalho*”. Percebemos, por meio do recorte anterior, que a aluna estava grávida e que, também, necessitava de trabalhar. Essa relação entre a gravidez e o trabalho acabou por distanciar ela da escola.

De acordo com o RD5, a aluna comentou que se afastou da escola para se dedicar ao filho. Ela só retornou aos estudos pelo motivo de seu filho estar frequentando uma creche. Percebemos que são recorrentes casos em que as mulheres têm de se afastar do ambiente escolar pelo motivo da gravidez, uma vez que encontram dificuldades em continuar seus estudos.

Gostaríamos de apresentar elementos que não estão presentes nos recortes discursivos apresentados. Após a gravação da entrevista, a aluna comentou que estava nervosa com a gravação que, por esse motivo, não comentou sobre algumas coisas. Isabel afirma que a princípio se afastou da escola por motivo familiar. Ela morava com sua irmã e precisou largar os estudos para cuidar dos filhos de sua irmã. Provavelmente, ela aceitou sair da escola pelo sentimento de estar em falta com sua irmã, no sentido de que esta lhe sustentou e que ela deveria ajudá-la a cuidar de seus filhos.

Segundo Isabel, havia um acordo entre elas que, após uma terminar os estudos, a outra retornaria à escola. Porém, isso não ocorreu, de acordo com Isabel; ela levou uma “rasteira”<sup>9</sup> de sua irmã e, logo, chegou a sua gravidez. Sendo assim, novamente, ela se viu distante da escola. Consideremos, a seguir, o RD6:

#### Recorte Discursivo 6

HÉRICA: Fala um pouco sobre sua relação com a escola... como que é você com os alunos... com os professores...

ISABEL: é minha relação sobre isso... é tudo... tudo bem... eu gosto dos alunos... gosto de todas as professora... elas ensina bem... os alunos também tem uns bagunçadinhos mais tudo ok né?

HÉRICA: normal?

ISABEL: é

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário.

Questionamos a aluna como era a sua relação com a escola, e, por sua vez, com os alunos e os professores. Isabel comentou que a sua relação com a instituição é boa. Do mesmo modo se dá a sua relação com os professores e com os alunos. Isabel chegou a comentar que alguns alunos são “bangunceiros”, ela utilizou a expressão “bagunçadinhos”. Porém, ela ponderou que seria um comportamento que não fugia à normalidade. Vejamos, a seguir, o RD7:

#### Recorte Discursivo 7

HÉRICA: o que é ser aluno da EJA pra você?

ISABEL: É.. é tipo... ser aluno da EJA... **num é tão assim bom... pra gente também não é ruim...** é bom porque a gente... o que a gente perdeu a gente tá recuperando... e num é tão bom porque a gente faz tudo assim entendeu... aí a gente num aprende mais que a gente quer entendeu...

HÉRICA: estuda muito resumido né?...

ISABEL: Isso ham ram...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Como podemos observar, por meio do recorte anterior, a aluna caracterizou a EJA como um programa neutro. Quando perguntamos a ela o que é ser aluno da EJA, ela nos respondeu que “num é tão assim bom... pra gente também não é ruim”. Isabel problematizou um dos principais objetivos da EJA, que é justamente

---

<sup>9</sup> O termo foi usado no sentido de sua irmã não ter cumprido com o acordo.

proporcionar ao aluno uma formação em um tempo menor do que no ensino regular.

A aluna comentou que é boa a oportunidade de concluir a educação básica mais rapidamente. Porém, pelo motivo de os conteúdos serem mais compactados, buscando adequar ao tempo dessa modalidade, a aluna acredita que seja uma desvantagem. Para concluir cada ano escolar os alunos cursam seis meses, ou seja, os conteúdos que são ministrados em um ano na educação básica na EJA são ministrados em seis meses. Por esse motivo, há a impressão de que os conteúdos são resumidos. Vejamos, a seguir, o RD8:

#### Recorte Discursivo 8

HÉRICA: Voltando bem aqui na primeira questão... quando você falou que sua vida foi um pouco difícil por causa disso que você teve que parar de estudar é em relação ao seu filho... você... Naquele tempo você trabalhava... é hoje você ainda trabalha...

ISABEL: **Não... não trabalho...**

HÉRICA: não trabalha... mas pensa em terminar a EJA... e fazer um curso superior...

ISABEL: penso na hora que termina aqui aí eu... vou me esforçar bastante pra mim conseguir ver se eu consigo fazer né uma coisa um **curso técnico...**

HÉRICA: trabalhar?

ISABEL: é...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Para esclarecer melhor, retornamos à primeira questão; “Conte-nos um pouco sobre sua história de vida”. Como afirmado pela aluna, em RD5, ela trabalhava no período em que se afastou da escola. Questionamos à aluna se, atualmente, ela estava trabalhando. A aluna afirmou que não estava trabalhando. Podemos inferir que, por não estar trabalhando, houve uma facilidade para retornar aos estudos.

Perguntamos à Isabel sobre a sua perspectiva para o futuro, se havia planos de ela cursar o ensino superior. Como resposta, obtivemos: “*vou me esforçar bastante pra mim conseguir ver se eu consigo fazer né uma coisa um curso técnico...*”. Por meio da resposta da aluna, podemos inferir que ela não pretende cursar ensino superior e, sim, um curso técnico. Tal curso visa qualificar pessoas



para o trabalho, trabalhando mais com ensino prático. Assim como a EJA, o curso técnico visa uma formação mais rápida (entre 18 e 24 meses) e, também, inserir, com mais rapidez, as pessoas no mercado de trabalho.

Consideremos, a seguir, o RD9:

#### Recorte Discursivo 9

HÉRICA: é... Conte-nos um pouco como os professores ensina na sua turma...

ISABEL: sim... eles ensina a... pra mim eles ensina... **ensina muito bem né... porque o que eu não sei eu vou pergunta pra eles... eles me responde me explica direitinho...**

HÉRICA: tem paciência...

ISABEL: **é tem paciência e a gente aprende...**

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre o modo como você aprende nas aulas... como facilitar pra você aprender...

ISABEL: **muita explicação....** a explicação direitinho eu... é necessário é um entendeu...

HÉRICA: então você acha que aquele contato de conversa...

ISABEL: isso...

HÉRICA: ter paciência...

ISABEL: isso...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

A partir de RD9, realizamos perguntas relacionadas ao processo de ensino e de aprendizagem. Questionamos à aluna como os professores ensinavam na turma dela. Isabel afirmou que eles “ensinam muito bem” e que ocorria uma interlocução entre ambos. Ela afirmou que, quando está com dúvida, costuma perguntar aos professores, e eles lhe respondem. Por seu enunciado, vemos que a aluna valoriza essa relação, assim como o aluno entrevistado anteriormente (Paulo, Cf. RD4).

Finalizamos a interlocução com Isabel, perguntando de que modo ela aprende melhor. Isabel afirmou que compreende melhor, por meio de explicações, principalmente, quando os professores explicam “direitinho”. Portanto, o processo de ensino e de aprendizagem se dá, de acordo com a narrativa de Isabel, por meio da relação professor e alunos, e esses envolvidos em uma relação de companheirismo.

Partiremos para a análise da terceira entrevista, realizada com a aluna Neuza. Ela tem trinta e dois anos e estuda na Escola Estadual Vila Nova. Vejamos, a seguir, o RD10, que apresenta parte da transcrição da entrevista:

### Recorte Discursivo 10

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre sua história de vida...

NEUZA: Bom minha história de vida foi assim um pouco complicada porque... é eu tive uns pais né... um pouco é... **uma... vida financeira bem precária né?**... mudava bastante é... **me prejudicou muito nas escola**... não tive um bom desenvolvimento é... passei vários anos fora da escola... né... aí eu **casei... engravidei**... parei uns **treze anos**... aí com... aí agora esse ano de... de 2019 voltei estudar né... tô muito feliz já tô terminando...

HÉRICA: Quando você parou... você parou em qual série a treze anos atrás...

NEUZA: Eu parei no primeiro ano...

HÉRICA: do ensino médio...

NEUZA: hum rum... conclui o primeiro ano né...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Começamos solicitando que a aluna relatasse um pouco sobre a sua história de vida. Neuza apresentou, em sua resposta, fatos de sua vida que puderam, segundo ela, contribuir para o seu afastamento da escola. Neuza nos narrativizou a sua situação financeira, de alguns anos atrás; segundo ela, a sua “*vida financeira [foi] bem precária*”. De acordo com a aluna, essa situação financeira contribuiu para o seu afastamento do ambiente escolar, uma vez que havia a necessidade de constante mudança visando uma melhora de vida.

Gostaríamos de destacar um trecho da enunciação de Neuza, vejamos: “*eu casei... engravidei... parei uns treze anos...*”. Novamente, vemos uma aluna apresentar a gravidez e, também, o casamento como um dos motivos de se afastar do âmbito escolar. Percebemos, por meio de RD10, que Neuza ficou afastada por treze anos. A aluna comentou que voltou a estudar nesse ano, e que está bastante animada para finalizar essa modalidade. Há treze anos, quando Neuza saiu da escola, ela estava concluindo o primeiro ano do ensino médio; neste ano, ela já cursou a modalidade correspondente ao segundo ano do ensino médio e, agora, está finalizando a etapa que corresponde ao terceiro ano do ensino médio.

Veremos, a seguir, o RD11:

### Recorte Discursivo 11

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre sua relação com a escola... como que é teu contato com a escola em geral... professor aluno colegas... diretor... coordenador ...

NEUZA: No início voltar né foi difícil pra mim porque eu... **não me achava mais**... não conseguia mais... é... tipo assim é... chega na sala de aula...

HÉRICA: Você não achava capaz?

NEUZA: é... foca... no meu primeiro dia... dia de aula que a professora começou a escrever eu falei... assim meu Deus o que eu tô fazendo aqui? me... me senti um **peixe fora d'água**... mais aí com uma semana... eu me **senti melhor**... me dei bem com os professores com os colegas de classe... foi... foi legal...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Solicitamos à Neuza que falasse um pouco sobre a sua relação com a escola e com seus atores sociais. A aluna, por meio de seus enunciados, apresentou-nos que, ao entrar na EJA, não havia uma identificação, ela não se “*achava mais*”. Acreditamos que essa não identificação se deva pelo fato de passar muito tempo afastada da sala de aula, e, por isso, não estava acostumada ao contexto escolar, com seus ritmos. De acordo com ela, havia um sentimento de não pertencimento, Neuza afirmou que se sentiu “*um peixe fora d'água*”.

Neuza chegou até a afirmar que não se sentia capaz, no sentido de conseguir concluir essa modalidade. Ao decorrer do tempo, houve novamente uma identificação com o ambiente escolar, pois, depois, a aluna afirmou que se sentiu melhor. Quanto a sua relação com os alunos e os professores, Neuza afirmou que o seu relacionamento com os professores e, também, com os alunos são bons. Vejamos o próximo RD:

#### Recorte Discursivo 12

HÉRICA: O que é ser aluno da EJA pra você?

NEUZA: Bom ser o aluno da EJA pra mim... no meu ponto de vista... é **bom**... porque... é... porque é...

HÉRICA: Você consegue aprender... você acha que é melhor...

NEUZA: Assim... **apesar que é bem resumido** se o aluno for... for bem focado nas aulas é:: não **faltar muito** consegue aprender... entendeu... é... é bacana é... muito bom... **ajudando** muito a gente né? e eu tô gostando...

HÉRICA: E se... você finaliza esse ano... né...

NEUZA: sim finalizo...

HÉRICA: Aí pensa em fazer um curso superior...

NEUZA: sim... sim... sim

HÉRICA: Continua estudar...

NEUZA: Ano que vem quero **fazer uma faculdade** né? tô... tô bem **animada tô focada** nisso se.: Deus quiser quero fazer...

HÉRICA: Quando você voltou a estudar... você voltou com esse pensamento de terminar e ir fazer um curso superior... ou só...

NEUZA: Não... eu não... **meu pensamento querendo só concluir o ensino médio mesmo e parar**... meus estudos... mas agora eu tava até falando né? que.: eu tô com vontade de.: continuar estudando... não para mais...

HÉRICA: Você trabalha...

NEUZA: não...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Questionamos à aluna o que é, para ela, ser aluna da EJA; Neuza afirmou, assim como os outros alunos, que, “apesar” de ser “bem resumido”, é uma boa modalidade e, também, ajuda muito na formação. Percebemos que a aluna estava bastante animada por ter voltado para a escola. Ao voltar à escola, a sua perspectiva de futuro também foi alterada, no sentido de que, anteriormente, o desejo era apenas de finalizar a educação básica. Neuza almeja realizar um curso superior, mostrando que há o desejo de “continuar estudando”. Questionamos à aluna se ela trabalhava atualmente, a aluna afirmou que não.

Tomemos, a seguir, o RD13:

#### Recorte Discursivo 13

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre o modo como os professores ensinam em sua turma...

NEUZA: Bom... é.: tipo assim não tem como explicar muito são todos bacanas explica... **são todos atenciosos** éh.: tem uma... eles são bem **dedicados com suas matérias né... não foge do assunto...** bom pra mim... no meu ponto de vista... é bom... no... cada um dá sua aula ali certim entendeu... ((inaudível))

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre como você aprende nas aulas... que jeito... que maneira que você acha que facilita pra você aprender...

NEUZA: Tipo assim o professor só aplica a matéria não só escrevendo... escrevendo porque as vezes a gente fica né?... que tem professores que passa a matéria lá e a gente tem que se vira né?... e aqui no.: EJA não é... na escola que eu tô estudando eles passa a matéria explica bem né... se o aluno tá com dificuldade eles ajuda né... incentiva bastante...

HÉRICA: A treze anos atrás quando você estudava... como hoje você ver essa diferença...

NEUZA: Muita.: diferente porque antigamente os professores eles tinha aquela meta... **a eu dei minha aula que os alunos quiser que se vira tem que se esforça pra passar... e hoje não o professor tá ali presente...** “gente faça vai valer tanto ponto não falte”...

HÉRICA: Atenciosamente...

NEUZA: Isso...

HÉRICA: Muito bem...

Entrevista realizada no dia 24/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Solicitamos à Neuza que comentasse como os seus professores ensinavam. Segundo ela, os professores são atenciosos e dedicados, estimulando os alunos a continuarem a estudar. Ela comentou que aprende na relação entre a teoria e a prática; “*não só escrevendo*”, mas também com outras metodologias que vão além

de escrever. Neuza destacou a atuação dos professores em sempre estar acompanhando os alunos e os ajudando quando estes estão com dificuldades.

Neuza realizou uma avaliação como era o ensino há treze anos e agora. De acordo com ela, anteriormente, os professores eram mais distantes dos alunos, segundo ela havia o pensamento de que “*eu dei minha aula que os alunos quiser que se vira tem que se esforça pra passar*”. Neuza afirmou que hoje os professores estão mais “presentes”, no sentido de dar suporte aos alunos e de incentivar a continuar.

Iremos apresentar parte da nossa entrevista com o último aluno pertencente à EJA da Escola Vila Nova. Chamaremos este aluno de Rodrigo, que tem quarenta e um anos. Vejamos, a seguir, o RD14:

#### Recorte Discursivo 14

HÉRICA: Boa noite... Conte-nos um pouco sobre a sua história de vida...

RODRIGO: Bom minha história de vida eu... **abandonei o ensino médio a vinte anos atrás... por necessidade de trabalhar...** construir família e... com passar dos anos eu resolvi retornar aos estudos... até mesmo pra... **mudar de profissão e procurar algo melhor pra mim...** vi que ainda era tempo de retornar e... corre atrás dos meus objetivos... e tenho agora pretensão de **fazer uma faculdade** futuramente entendeu... a ideia é essa... e tamos aí... tentando... não é fácil porquê... o dia a dia tem que conciliar o trabalho com a rotina da família e tudo mais... tá sendo gratificante tá... eu até achei que teria mais dificuldade mais... tô satisfeito... tá indo bem...

HÉRICA: E assim tem um motivo assim... porque você deixou de estudar a vinte anos atrás....

RODRIGO: Foi basicamente... por **questão de trabalho a profissão que eu escolhi não me dava a possibilidade de estudar...** porque eu tinha que... era motorista né? viajar... aí sempre na estrada aí então e... na época a remuneração era bem diferente de hoje e não compensa entendeu... aí eu optei pela profissão e abrir mão dos estudos...

Entrevista realizada no dia 10/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Iniciamos a nossa interlocução com o aluno solicitando que ele comentasse acerca de sua história de vida. Destacamos o seguinte trecho: “*abandonei o ensino médio a vinte anos atrás... por necessidade de trabalhar... construir família*”. Como abordado, em RD14, Rodrigo se afastou do colégio por causa do trabalho e, também, por causa da família, assim como alguns dos alunos cujas narrativas já abordamos neste capítulo.

Rodrigo deixou de estudar há vinte anos, como mencionado, ele se afastou por causa trabalho. Havia a necessidade de trabalhar para se sustentar, segundo ele não foi possível conciliar estudo e trabalho. Rodrigo era motorista de caminhão, quase não ficava em casa assim, era difícil ir à escola todos os dias. Como observamos, a partir dos recortes discursivos, os alunos deixam o âmbito escolar pelo trabalho e voltam justamente pelo trabalho. Visando uma melhoria na carreira, Rodrigo retornou à escola buscando se qualificar.

Há um interesse do aluno em continuar os estudos, após finalizar a EJA. Atualmente, Rodrigo continuou a trabalhar, porém com flexibilidade para frequentar a escola. Segundo ele, “*não é fácil porquê... o dia a dia tem que conciliar o trabalho com a rotina da família e tudo mais*”. Percebemos que o aluno continuou a trabalhar e que, nesse momento, ele está conseguindo conciliar trabalho e estudo.

Vejamos, a seguir, o RD15:

#### Recorte Discursivo 15

HÉRICA: Tá certo... Conte-nos um pouco sobre sua relação com a escola...

RODRIGO: Minha relação com a escola... eu até tinha uma certa preocupação quanto a isso mas é muito boa... os professores são bom... as pessoas que tão aqui... **são pessoas que tão correndo atrás de recuperar o tempo perdido** e... com... o mesmo objetivo né... melhorar buscar **uma qualificação profissional no mercado**... melhorar seus conhecimentos entendeu... e até mesmo a **qualidade de vida**... consequentemente em função disso.

HÉRICA: Com a turma todos os colegas você se dá bem?

RODRIGO: Sim... era uma das preocupação porquê... é... geralmente no.: na EJA já tinha aquela fama de que era pessoas **discomprometida** né? que não queria muito mais aí aos poucos foi me interagindo e a **relação com os colegas é excelente** no.: deste o primeiro semestre não tem problema nenhum de relacionamento com ninguém...

HÉRICA: Que bom...

RODRIGO: Nos damo muito bom...

Entrevista realizada no dia 10/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Solicitamos a Rodrigo que comentasse como é sua relação com a escola. Ele assumiu que houve uma preocupação no início, podemos inferir que essa preocupação se deu em relação à identificação com o ambiente escolar, assim como ocorreu com Neuza (Cf. RD11). Rodrigo afirmou que a sua relação com os alunos é “muito boa”.

Gostaríamos de destacar o seguinte trecho da resposta dele: “*são pessoas que tão correndo atrás de recuperar o tempo perdido [...] buscar uma qualificação profissional no mercado... [...] qualidade de vida*”. A resposta de Rodrigo apresentou os principais objetivos dos alunos da EJA. Podemos observar que é recorrente, neste trabalho, por meio dos enunciados produzidos pelos entrevistados, que os principais objetivos estão relacionados ao mercado de trabalho.

Rodrigo comentou acerca de sua relação com os demais alunos. O aluno comentou que há comentários que vinculam os alunos da EJA a “*pessoas descomprometida (sic)*”. Podemos classificar essa concepção como cultural, uma vez que esses comentários foram repetidos ao longo da história, como mencionamos no primeiro capítulo deste trabalho (*Do histórico da EJA no Brasil e no Tocantins*). A seguir, consideremos o RD16:

#### Recorte Discursivo 16

HÉRICA: O que é ser aluno da EJA para você?

RODRIGO: Ser aluno da EJA é... **pra mim foi uma possibilidade de resumir o tempo perdido**... corre atrás de uma forma mais rápido assim... facilitou muito pra mim... **porque ao invés de ter que passar dois anos... em um ano eu pude recuperar grande parte do tempo perdido** e... a questão.... eu que achei que seria complicado porque eu.: os conteúdos são mais resumidos são mais rápidos né? são menos né? eles não tem igual no tempo integral... aquele tempo todo de aprendizado... mas em compensação é acelerado mas a gente flui mais rápido entendeu... a gente aprende... pega mais rápido não fica aquela morosidade aquela coisa repetitiva tem o lado positivo também quando assim...

Entrevista realizada no dia 10/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Perguntamos ao aluno o que é ser aluno da EJA, Rodrigo nos respondeu que ser aluno da EJA “*é pra mim uma possibilidade de resumir o tempo perdido corre atrás de uma forma mais rápido assim [...]*”, para usarmos seus dizeres. A resposta do aluno vai ao encontro com o objetivo do programa; o aluno destacou a importância dessa modalidade para recuperar o “*tempo perdido*”. Talvez, se o aluno tivesse que estudar na educação regular, ele não teria voltado à escola.

Questionamos o aluno como se dava o ensino e a aprendizagem, vejamos, a seguir, o RD17:

#### Recorte Discursivo 17

HÉRICA: É... Conte-nos um pouco sobre como os professores ensina em sua aula em sua turma....

RODRIGO: Na verdade os professores... os métodos de ensino são bem **diferentes de quando eu estudava a vinte anos atrás**... eu acredito que melhorou bastante evoluiu a **gente interage** bastante entendeu... eles buscam é atualizar a gente de forma que flui melhor o aprendizado a gente consegue absorver melhor entendeu... **no diálogo** entendeu... dando espaço pra **gente também interagir** nas aulas...

HÉRICA: E a vinte anos atrás não tinha esse contato né...

RODRIGO: Era bem diferente... exatamente...era bem diferente... era por **questão de hierarquia... a gente sentava na sala de aula e simplesmente**... entendeu? hoje em dia...

HÉRICA: Só ouvia...

RODRIGO: **Hoje em dia a gente participa mais**...

HÉRICA: Isso... Conte-nos um pouco sobre o modo como você aprende nas aulas...

RODRIGO: Na verdade eu aprendo mais assim... **nas aulas** é... de interação com os professores conversam mais sobre problema sociais... sobre o... a realidade que vivemos hoje entendeu... que a gente vê que hoje as coisas tão mudada em relação de antigamente... então a escola tá mais voltada assim... **preocupações sociais** também não só econômica... mas **social também da família** entendeu... e hoje eu vejo que a escola abrange mais essa área assim e eu consigo absorve melhor aprender bem... **com diálogo** entendeu...

HÉRICA: Então aquela tradição de antes você não...

RODRIGO: **Essa renovação que o ensino trouxe agora dando espaço pra gente interagir de dialogar ajuda bastante**...

HÉRICA: Então é isso...

Entrevista realizada no dia 10/10/2019, no 4º horário; grifos nossos.

Solicitamos ao aluno que comentasse como se dava o processo de ensino e de aprendizagem em sua turma. Rodrigo comentou que houve uma diferença no processo de ensino, em relação a quando ele havia deixado de estudar e, agora, na modalidade EJA. O aluno comentou, assim como os outros entrevistados, que as aulas, atualmente, estão mais dinâmicas, no sentido de haver mais interação.

Rodrigo complementou a sua enunciação relatando que antes havia “*questão de hierarquia... a gente sentava na sala de aula*”. Percebemos que os alunos estavam acostumados com o ensino tradicional, em que a aula estava centralizada na figura do professor. Essa metodologia atual é importante, porque implica o ensino e a aprendizagem dos alunos. Rodrigo relatou que aprende bastante como o jogo de interlocução que ocorre no âmbito da sala de aula.

Destacamos, também, a preocupação da escola e, conseqüentemente, dos professores em relação aos fatores sociais. O aluno relatou que a escola apresenta “*preocupações sociais não só econômica... mas social também da família*”. Atualmente, há uma preocupação com as relações sociais em que os alunos estão



inseridos, pois os fatores sociais também influenciam no processo de ensino e de aprendizagem.

Começaremos, de agora em diante, a tecer as análises e as problematizações sobre as narrativas produzidas pelos outros quatro alunos. Conforme já mencionamos, eles estudam no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes. Iremos iniciar com as narrativas da aluna Juliana, que tem vinte e um anos. Consideremos, a seguir, o RD 18:

#### Recorte Discursivo 18

HÉRICA: É... Conte-nos um pouco sobre sua história de vida...

JULIANA: É... minha história foi um pouco assim meio complicada... eu morei em Belém... minha mãe casou... minha mãe é jovem... ela teve filhos cedo... aí eu morava com minha vó... aí eu fui pra Belém... morei lá um bom tempo... **eu acho que devido essa mudança da minha mãe ter casado...** com esse marido dela... que ela teve em Belém... acho que atrasou um pouco meus estudos... aí eu perdi um ano... aí fui pra lá... aí logo logo minha mãe... parece que deu uma louca nela... ela não deu certo com esse marido dela aí ela voltou para o meu estado novamente... que eu não sou de Araguaína... aí voltou para o estado dela...

HÉRICA: Vocês era de qual o estado...

JULIANA: Eu sou do Pará...

HÉRICA: Ah do Pará mesmo...

JULIANA: Aí eu perdi esse ano... aí no devido voltar quando chegou no Pará eles lá não queria me aceitar devido minha idade... que eu já tava com uma idade avançada... aí não.: dizendo eles lá que não tava batendo... **aí eu parei mais um ano sem estudar aí resumido ficou dois anos...** aí como nós foi morar na chácara lá era muito difícil pra ir pra escola eu tinha que andar **cinco quilômetros a pé** como eu era muito nova tive problema no meu joelho... meu joelho teve uma fratura...

HÉRICA: Mas o que causou isso no joelho...

JULIANA: Ah...

HÉRICA: O que causou isso no seu joelho...

JULIANA: Casou isso no joelho foi a distância... **porque nós tinha que pedalar bastante nós ia de bicicleta...**

HÉRICA: Aí teu joelho...

JULIANA: Teve um desgaste... aí até hoje tenho problema nele... aí eu... tive dificuldade pra ir para a escola... aí eu fui reprovada um ano por causa que não teve como cumprir com todas as matéria... as matéria que eu tava indo eu dei conta... aí eu fiquei três anos sem estudar aí eu atrasei... aí com decorrer do um tempo... é... minha mãe arrumou outro marido... aí nós fomo morar numa chácara aí **chegou lá eu fui abusada...** aí ela separou dele e eu voltei morar com minha vó novamente...

HÉRICA: Me desculpa pela pergunta... mas você foi abusada pelo o marido dela...

JULIANA: Isso... **pelo meu padrasto... fui abusada oito anos com meu padrasto...** aí me tiraram da escola novamente... aí eu fiquei bom tempo sem estudar... aí eu voltei meu pai pegou minha guarda... aí eu voltei a estudar colocou na escola novamente... aí eu fui morar em Araguaína agora tenho vinte um anos vim morar em Araguaína e resolvi voltar a estudar... falaram que aqui tinha o **EJA aí isso me incentivou a estudar...**

aí isso me incentivou a estudar né? aí me explicaram como funcionava o EJA...

HÉRICA: Isso você não conhecia a EJA lá em Belém...

JULIANA: Não... conhecia lá no Pará... onde eu morava era um local bastante....

HÉRICA: Afastado...

JULIANA: Afastado... aí nós não tivemos bom conhecimento... portanto o que eu vim ter conhecimento de estudar aqui em Araguaína...

HÉRICA: Tem quantos anos que você mora aqui...

JULIANA: Eu não fiz nem um ano ainda...

HÉRICA: Não...

JULIANA: Não... sou novatíssima aqui em Araguaína...

Entrevista realizada no dia 21/10/2019, no 2º horário; grifos nossos.

Observando o RD18, percebemos que o motivo que afastou Juliana da escola foi a sua relação familiar e, também, de localização. A aluna afirmou que a sua mãe lhe chamou para morar com ela, e, assim, ajudá-la a cuidar de seus irmãos. Juliana relatou que tinha que andar a pé cerca de cinco quilômetros para chegar à escola, porém logo depois ela comentou que, também, ia de bicicleta. A distância da escola, também, foi um fator que prejudicou a sua permanência na instituição. Tal distância ocasionou um problema em seu joelho que se refletiu até os dias atuais.

Juliana relatou sobre um problema social enfrentado, no sentido de ter sido abusada. Ela comentou que foi abusada por seu padrasto, quando tinha seus oito anos de idade. Tal acontecimento influenciou em sua relação com a escola e, principalmente, em sua vida social. Acreditamos que, por esse motivo, o pai biológico dela buscou a sua guarda. Assim, Juliana ficou sob tutela de seu pai.

A aluna se mudou para Araguaína cerca de um ano. Ao chegar na cidade ela teve conhecimento acerca dessa modalidade de ensino. De acordo com ela, a EJA lhe proporcionou um estudo novamente. Vejamos, a seguir, o RD19:

#### Recorte Discursivo 19

HÉRICA: Seja bem vinda na nossa cidade... Então... fala um pouco sobre sua relação com a escola...

JULIANA: minha relação com a **escola é boa... faço amizade com todo mundo... com os professores... da cantina a maioria me conhece... se chego do bom dia...** tem uma senhora que já me conhece aqui... porque quando eu vi pra cá... eu tava no primeiro ano aí eu fiz o segundo e o terceiro na EJA...

Entrevista realizada no dia 21/10/2019, no 2º horário; grifos nossos.

Observando o RD19, Juliana comentou que a sua relação com a escola é “boa” e ela, ainda, tematizou: “*eu faço amizade com todo mundo*”. Aluna, em seu enunciado, afirmou que é uma pessoa fácil de fazer amizades e que com a escola ela se relaciona bem; ela afirmou que faz amizade com todo mundo. Consideremos, a seguir, o RD20:

#### Recorte Discursivo 20

HÉRICA: O que é ser aluno da EJA para você?

JULIANA: **É uma oportunidade muito grande...** porque assim... como eu não tive muita oportunidade de estudar... através da dificuldade que eu já tive... **é uma oportunidade muito grande da gente ter uma.: nova conquista na vida da gente...** que se não fosse a EJA... **eu ia ficar mais atrasada ainda né?** aí aquilo dali ia perde um pouco do todo foco que a gente tem... porque eu falo... **poxa eu tenho vinte um ano... tenho um cunhado que tem vinte um ano... e já é professor de português... ele já é formado e o outro... a outra é mais nova e já é formada... aí aquilo lá me deixava um pouco pra baixo... mas aí surgiu a EJA... aí tô mais animada um pouco...** já deu vontade de desistir mais....

HÉRICA: Não desisti não... e o curso superior ainda...

JULIANA: É tem isso né...

HÉRICA: Você pensa em fazer né...

JULIANA: Penso... **penso em fazer...**

Entrevista realizada no dia 21/10/2019, no 2º horário; grifos nossos.

Quando perguntamos para a aluna, como dá a perceber o RD20, o que é ser aluna da EJA para ela, a aluna respondeu-nos: “*é uma oportunidade muito grande*”. Juliana tem uma visão de que a EJA deu essa oportunidade de recuperar o tempo que ela “perdeu”, no sentido de não cursar a educação básica no tempo certo. A aluna comentou que, ao se deparar com pessoas que já são formadas, no caso os cunhados, ela ficava “*mais pra baixo*”. Mas, quando Juliana ficou sabendo sobre a EJA, animou-se mais, visando recuperar seus estudos. A aluna afirmou que deseja realizar um curso superior. Tomemos, a seguir, o RD21:

#### Recorte Discursivo 21

HÉRICA: Muito bem... Conte-nos um pouco sobre o modo como os professores ensinam em sua aula... em sua turma...

JULIANA: Na minha turma?

HÉRICA: É... Como os professores ensinam na sua turma...

JULIANA: Na minha turma... pelo meu conhecimento... **eles ensinam bem... porém... tem algumas pessoas que não querem aprender... tão**

**ali por obrigação...** é tem uns ali que tão por obrigação ou então tão ali **forçado**...tem gente ali que não querem nada com nada... então isso dificulta muito nossos professores da aula... porque o nossos professores estão ali com os planejamentos deles pra da aula... aí muitas das vezes... tá ali no.: deixam eles dar aula... aí estresse um pouco... sai fora do normal... mas tudo tranquilo... comigo tudo tranquilo... pra quem querem aprender eles são de boa...

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre como você aprende nas aulas....

JULIANA: Meu desenvolvimento... em algumas matérias são boa... agora chegou na parte do cálculo... tipo ali matemática... química... química eu não sei nem pra onde vai... é um número... não sei nem o que tem a ver número com letra... é portanto que eu fiquei com nota baixa... em química e matemática... mas isso a gente dá um jeito daqui pro segundo bimestre...

HÉRICA: Mas assim... você acha que aprende como assim... os professores... é... debatendo... debate... explicação...

JULIANA: Mais é o **barulho**... porque... portanto quando a gente tá ali dentro da sala... o professor começa a explicar os... o povo que tá no fundo não deixa a gente ouvi... então eu tenho certeza que muita pessoa não dá conta de aprender... com barulho... então eu tenho muita dificuldade de aprender com barulho... mas que eu chego em casa e estudo não é a mesma coisa de um professor explicar... prova de física eu respondi ela toda só na explicação do professor

HÉRICA: Ah então você aprende com a explicação?

JULIANA: **Explicação...**

HÉRICA: Porém sem o barulho...

JULIANA: Porém sem o barulho com o barulho já me bagunça toda eu já fico toda perdida....

HÉRICA: E como a sala de vocês é...

JULIANA: Bastante difícil...

Entrevista realizada no dia 21/10/2019, no 2º horário; grifos nossos.

A aluna afirmou, em RD21, que seus professores ensinam “*bem*”. Juliana produziu o seguinte enunciado “*algumas pessoas que não querem aprender... tão ali por obrigação*”. Percebemos, por meio do capítulo metodológico, que a turma em que Juliana estuda contém um grande quantitativo de alunos. No dia da aplicação do questionário, havia vinte e nove alunos, porém o número de matriculados é maior. Os números de alunos frequentes oscilam bastante.

Podemos inferir que, devido à quantidade de alunos, exista muitas conversas paralelas, dificultando, assim, segundo a aluna, o desenvolvimento da aula. Nessa medida, Juliana classificou os alunos que conversam como aqueles que não “*querem aprender*”.

Quando questionamos Juliana acerca de como ela aprende, a aluna comentou que aprende por meio de explicações. Ela comentou que estuda em casa, porém não é a mesma coisa que um professor explicando; ela ressaltou que, por vezes, a conversa da turma atrapalha a sua aprendizagem. Percebemos que o processo de ensino e de aprendizagem, para esta aluna, está em função do

comportamento da turma. De acordo com ela, os professores explicam seus conteúdos bem.

Partiremos para a análise de outra entrevista. Chamamos o próximo aluno de Carlos, que tem trinta e seis anos. Vejamos, a seguir, o RD22:

#### Recorte Discursivo 22

HÉRICA: Boa noite... é... conte-nos um pouco sobre a sua história de vida...

CARLOS: Minha vida é um pouco... foi um pouco meio complicada... tá sendo complicada... mas ao mesmo tempo boa né... muitas experiências é... **hoje estudando aí concluído o terceiro** ano né? e no pensamento talvez de fazer um **curso para melhorar um pouco o conhecimento** e... um tempo atrás tinha parado de estudar porque... gostava mais de trabalhar né... **não sou muito chegado na escola...** mas às vezes a **vida nos força a estudar...** aí voltei estudar e... hoje lutando aí pra ter... como se diz... **uma vida própria... um trabalho próprio...** e... tentando melhorar as coisas um pouco mais...

HÉRICA: Quando você falou aí mais atrás um pouquinho... quando você falou boa... você refere quando voltou a estudar que está sendo melhor sua vida...

CARLOS: É... boa em questão de...

HÉRICA: Ou de seu serviço...

CARLOS: **Nova oportunidade...** porque como antes eu tava trabalhando... aí tinha parado de estudar para poder trabalhar...aí aconteceu um problema comigo um acidente né? aí eu fiquei impossibilidade de trabalhar... aí teve **essa opção** de é... fazer um.: estudar para poder... fazer outro tipo de trabalho... exercer outro tipo de cargo de serviço... porque através desse acidente eu fui impossibilitado de trabalhar não resisti... então procurar um serviço melhor... mais leve...

HÉRICA: Tá certo...então a parti daí que você voltou a estudar...

CARLOS: Foi...

Entrevista realizada no dia 04/10/2019, no 1º horário; grifos nossos.

Solicitamos a Carlos que comentasse sobre a sua história de vida. Podemos perceber, por meio de RD22, que o aluno caracteriza a sua vida como complicada. Ele ressaltou que não é “*muito chegado na escola*”, ou seja, não tem afinidade com a escola, no sentido de gostar de ir. Com base em sua narrativa, percebemos que o aluno retorna à escola por não estar trabalhando. Ele busca “*um serviço melhor... mais leve*”. Carlos visualiza na EJA uma “*nova oportunidade*”, para ele, já que, em sua concepção, ao finalizar o curso, terá novas oportunidade de emprego e, por sua vez, nova projeção do futuro.

O aluno, depois da gravação, comentou que está vivendo uma experiência nova por estar trabalhando em casa fazendo artesanato. Carlos trabalhava em uma empresa, porém, certa vez, ao realizar uma viagem próxima à Araguaína, na volta, ele bateu seu carro. Carlos comentou que ficou no Hospital Regional de Araguaína,

esperando noventa dias por um atendimento. Por isso, Carlos ficou impossibilitado de trabalhar e, por esse motivo, ele resolveu voltar à escola. Vejamos, a seguir, o RD23:

#### Recorte Discursivo 23

HÉRICA: é... Conte-nos um pouco sobre sua relação com a escola... como é sua relação com a escola?

CARLOS: **Eu acredito que é... boa** né? porque eu sou o tipo de pessoa que cada qual é... **cada cargo tem que ser respeitado** né? eu na minha área de serviço eu.: trabalho com minha responsabilidade... e... serviço lá é serviço... às vezes venho pra a escola... quando eu venho pra escola é pra estudar...

Entrevista realizada no dia 04/10/2019, no 1º horário; grifos nossos.

Pedimos para o aluno contar um pouco sobre a sua relação com a escola, o aluno, por meio de sua narrativa, comentou que acredita que seja boa. Carlos tematizou que “*cada cargo tem que ser respeitado*”. Podemos inferir que ele respeita seus professores e funcionários. Ressaltamos que o aluno não tem muita afinidade com a escola, porém ele demonstra ser comprometido e afirmou que quando vai à “*escola é pra estudar*”. Vejamos, a seguir, o RD24:

#### Recorte Discursivo 24

HÉRICA: O que é ser aluno da EJA para você?

CARLOS: **Tem sido muito bom** né? aqui **ajuda a gente concluir mais rápido... não tem aquele procedimento muito lento... e às vezes quando a gente já tá cansado...** e às vezes de trabalhar... a EJA é bom... **porque é a gente conclui mais rápido o...** curso né?

Entrevista realizada no dia 04/10/2019, no 1º horário; grifos nossos.

Perguntamos para o aluno o que é ser aluno da EJA, Carlos nos respondeu de uma forma clara: “*muito boa [...] ajuda a gente concluir mais rápido*”. Assim como os outros alunos entrevistados, Carlos destacou um dos objetivos da EJA, que é concluir a educação básica mais rápida do que no ensino regular. Essa possibilidade faz com que esses alunos fiquem mais motivados a participar do programa e a buscar uma melhoria social. Vejamos, a seguir, o RD25:

### Recorte discursivo 25

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre o modo como os professores ensina na sua turma...

CARLOS: Os professo... nem todos são... cem por cento né? **mas são muitos bons... eu acredito que é muito bom...** eu...  **tiro conclusão...** porque...  **quem faz o professor também é o aluno...** às vezes o professor tá super carregado de problema... o aluno problemático demais... e às vezes o aluno paga por um aluno ruim... **e os professores se torna ruim por conta dos alunos...** porque é...  **quando eu entrei aqui...** os professor...  **eu não tenho que reclamar deles não...** porque  **eles explica bem...** se eu  **não aprendi foi porque eu não aprendi mesmo... mas que eles explicou explicou...**

HÉRICA: Que bom então... Conte-nos o modo sobre como você aprende nas aulas...

CARLOS:  **Eu aprendo mais através de explicação...** é...  **no quadro o professor explica e tudo aí quando guardo na cabeça guardou...** quando... é... tipo assim pegar um caderno em casa eu não aprendo...

HÉRICA: Então no caso pra você aprender o professor tem que ir no quadro explicar...

CARLOS: É...

HÉRICA: E você fixa mais rápido...

CARLOS: O que eu consigo aprender só aquilo ali... o professor explica direitinho né... aí a gente guarda na memória...

Entrevista realizada no dia 04/10/2019, no 1º horário; grifos nossos.

Solicitamos ao aluno que comentassem sobre o modo como seus professores ensinavam. Carlos comentou que nem todos os professores “são cem por cento”, mas, de modo geral, são “muitos bons”. Achamos interessante a seguinte assertiva do aluno: “*quem faz o professor também é o aluno*”. Carlos relaciona as ações dos alunos com as (re)ações dos professores, ou seja, os professores ajem de acordo com o perfil dos alunos. Podemos relacionar os enunciados de Carlos com o de Juliana (RD21), no sentido de ambos comentarem sobre o perfil da turma em que estão inseridos.

Carlos comentou, em sua narrativa, que os professores explicam bem, que, se ele não compreendeu o conteúdo, não culpa os professores. Percebemos que o aluno apresenta uma maturidade, ao informar que, se um aluno não aprendeu um conteúdo, a culpa não deve ser apenas do professor; existem casos em que o próprio aluno não consegue abstrair o conteúdo. Carlos comentou que ele aprende mais por meio das explicações dos professores e que, dificilmente, aprende estudando sozinho em casa.

Vejamos, a seguir, o RD26, que apresenta parte da entrevista realizada com a Maria; ela tem quarenta e três anos:

### Recorte Discursivo 26

HÉRICA: A pergunta que vou fazer pra ti... é.: você conta um pouco sobre a sua vida... sobre a sua história de vida...

MARIA: Hum... bom eu.: custei me forma assim... **aprender né? como eu morava mais no interior eu custei ir pra escola né? na verdade quando eu fui me alfabetizar eu tinha onze ano... aí minha mãe me colocou na escola né? aí assim trabalhei muito né? quase não estudei né? terminei quando eu tinha assim uns vinte e um ano engravidei né? aí abandonei a escola de novo... aí depois de quatro anos voltei de novo... aí desisti novamente né? aí agora que eu tô continuando a estudar né? pra ver se termina o segundo grau...**

[...]

HÉRICA: Voltando aí um pouquinho sobre a primeira pergunta... quando você fala sobre a sua história de vida... é... você parou de estudar... demorou de estudar ... você achou difícil essa trajetória como foi assim pra você...

MARIA: **Eu achei difícil... porque assim... éh... eu poderia ter conseguido uma coisa melhor né? com meu estudo... que nem minhas irmãs mesmo... tudinho são formadas... elas hoje são enfermeiras... outra fez... fez faculdade de... como é que fala? de educação mesmo... se formou né? e a outra também né? todas terminaram... e eu já fiquei pra trás né? de nós... de todas eu fiquei pra trás... porque eu... sou costureira hoje né? só costuro... mas não... tenho um estudo melhor assim... pra conseguir um emprego melhor...**

HÉRICA: Mas isso aconteceu porque você casou cedo? ou...

MARIA: Na verdade eu não casei só tive fie... dois filhos mais não casei né? eu acho que foi mais... mesmo de mim assim... **dedica demais a família né? é às vezes... acabei esquecendo um pouco de mim... aí agora resolvi terminar...**

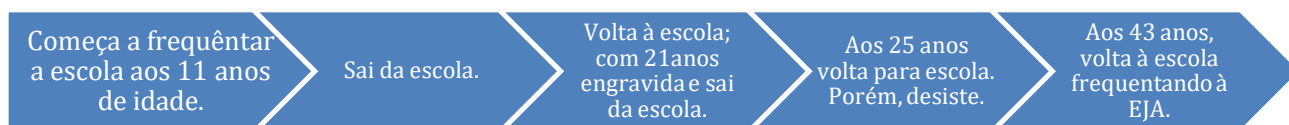
HÉRICA: Isso aí e vai conseguir...

Entrevista realizada no dia 21/10/2019, no 2º horário; grifos nossos.

Observando os enunciados de Maria, em RD26, podemos perceber que sua relação com a escola foi bem fragilizada. Por motivo de morar na zona rural, quando era criança, Maria demorou a ingressar na educação básica. Ela enunciou que só foi alfabetizada aos onze anos de idade. Sua relação com escola é marcada por idas e vindas. Maria relatou que engravidou aos vinte e um anos de idade e que, por isso, abandonou “a escola de novo”. Podemos inferir que entre a sua entrada, na escola, e a gravidez houve uma desistência, afirmamos isso com base no seguinte enunciado: “abandonei a escola de novo”. Para melhor compreensão, acerca da relação de Maria e com a escola, mobilizamos um esquema. Consideremos-no, a seguir:



### Esquema 01 – Contingências da vida de Maria no processo de idas e vindas na escola



Fonte: elaboração da autora.

Observando o esquema anterior, percebemos que a aluna sempre buscou retornar à escola. Maria realiza uma comparação entre si e suas irmãs. Vejamos o seguinte enunciado produzido pela aluna: “[...] *já fiquei pra trás* [...]”. Maria (re)produz o discurso de senso comum, em que há a ideia de que aquele que não estuda fica para trás, no sentido de não haver uma projeção social. A aluna comentou que, por não ter estudo, não tem um emprego melhor; vemos, novamente, a perspectiva do “estudo” sendo relacionado à acessão profissional.

Gostaríamos de destacar o seguinte enunciado, proferido por Maria, em relação à sua saída da escola: “[...] *dedica demais a família né? é às vezes... **acabei esquecendo um pouco de mim***[...]”. O motivo que resultou no afastamento da aluna da escola foi a sua dedicação a sua família. Maria comentou que acabou esquecendo-se dela mesmo, ou seja, deixando de lado as suas necessidades e desejos, como a de estudar. A situação de Maria nos lembra a de Isabel (que deixou de estudar para cuidar de seus sobrinhos e, posteriormente, de seu filho).

Vejamos, a seguir, o RD 27.

#### Recorte Discursivo 27

HÉRICA: Tá certo... fala um pouco sobre a sua relação com a escola... como é sua relação com a escola....

MARIA: **Olha eu gosto muito da escola dos professor graças a Deus... eu procuro me dar melhor assim... com os professores né? com os colegas de aula... todo mundo... assim... eu gosto de me comunicar bem** né? não acho que eu seja uma pessoa assim... muita bagunceira... assim na sala de aula né? eu gosto de prestar atenção às vezes assim... tem vezes que eu peço ajuda assim... alguns dos professores... quando eu tô realmente né? [...]

Entrevista realizada no dia 21/10/2019, no 2º horário; grifos nossos.

Solicitamos que Maria comentasse acerca de sua relação com a escola. A aluna comentou que tem uma relação boa com a instituição e com os seus professores. Maria afirmou que busca se relacionar bem com os professores e com os alunos. Percebemos que, quando ela solicita ajuda de seus professores, ela é atendida, como dá a entrever a sua narrativa. Vejamos, a seguir, o RD28:

#### Recorte Discursivo 28

HÉRICA: Pra você o que é ser aluna da EJA?  
 MARIA: Sia... **eu acho ótimo...** porque assim... é... **uma oportunidade que você tem de não ter terminado o segundo grau** né? porque... **muitos lugares hoje em dia... pra você conseguir um emprego melhor... você não estiver o segundo grau... você não consegue** né? tem que ter... **pelo menos ter o segundo grau completo** né? aí o que me faz... **fez mais vim pra escola assim... foi isso** né? porque assim... pra mim conseguir uma locação melhor... assim...  
 HÉRICA: Um emprego melhor...  
 MARIA: Um emprego melhor né? tem que termina o segundo grau...  
 Entrevista realizada no dia 21/10/2019, no 2º horário; grifos nossos.

Quando questionamos à Maria o que é ser aluna da EJA, ela fez menção, praticamente, às mesmas informações proferidas pelos outros entrevistados; relacionando, novamente, o “estudo” com o “trabalho”. Maria visa conseguir uma acessão profissional. Ela realizou o movimento de refletir acerca da importância da conclusão da educação básica, uma vez que as exigências trabalhistas estão, diretamente, relacionadas ao grau de instrução. Apresentamos, a seguir, o RD29:

#### Recorde Discursivo 29

HÉRICA: Fala um pouco sobre o modo como os professores ensina na sua turma...  
 MARIA: Olha... os professores da minha turma **ensina muito bem...** eles **tem aquela dedicação de ensina...** mas a sala minha fia.. é uma benção a nossa sala... **tá muito bagunçada...** e assim... **a gente tá levando muito prejuízo sabe...** porque tem umas que... quer realmente né? mas tem outras que no.: que não procura ajudar aí...  
 HÉRICA: Fala sobre o.: fala sobre o modo como você aprende nas aulas... fala um pouco como você aprende nas aulas...  
 MARIA: Assim... que eu aprendo mais assim é... mais é **conversando** principalmente na aula de biologia... porque a professora de biologia ela conversa muito né? então ela interagem com os alunos.. ela... conversa bastante... aí eu acho assim... que a gente acaba aprendendo mais... do que você fica só escrevendo ali no quadro... explica aí tan tan né? assim conversando mais... **botando a gente pra lê** né... bora fulano lê ali uma parte... aí outro lê assim, aí a gente acaba aprendendo mais

Entrevista realizada no dia 21/10/2019, no 2º horário; grifos nossos.

Solicitamos que Maria comentasse acerca de como se estabelecia o ensino por parte dos professores. Maria comentou que há dedicação por parte dos professores e que eles “*ensina muito bem*”, para usarmos os seus dizeres. Destacamos o modo como a aluna relaciona a participação de seus colegas, percebermos que ela caracteriza a sua turma, como aquela que apresenta comportamentos não esperado, no sentido de conversarem e de haver “*bagunça*” na sala de aula. A narrativa de Maria, nesse ponto, vai ao encontro com a de Juliana (RD21) e a do Carlos (RD25).

Em relação ao fato de como ela aprende, Maria afirmou que aprende melhor por meio da interação com o professor e com a turma. A apresentação dessa resposta se mostra regular, uma vez que todos os entrevistados aprendem por meio das explicações e da interação com o outro. Trata-se de um modo de individuação do sujeito que se mostra regular, ao longo das narrativas enfocadas neste trabalho.

Iremos analisar a transcrição realizada da entrevista feita com o aluno Vitor; com dezenove anos. Ele é aluno do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Meneses. Vejamos, a seguir, o RD 30:

### Recorte Discursivo 30

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre a sua história de vida...

VITOR: Minha história de vida... **minha história de vida foi bastante difícil** né?

HÉRICA: Porque difícil?

VITOR: Porque... **relação ao preconceito** ((inaudível)) sabe... aí meu pai **mandou eu ir embora de casa sabe?** eu tinha **quinze anos**... aí eu fui **morar com minha vó... minha vó é super tranquila comigo... minha bisavó também... minha mãe também... só que meu pai nunca me aceitou... desde os quinze anos não falo mais com ele...**

HÉRICA: Nossa...

VITOR: Entendeu?

HÉRICA: Mas na época você morava com seus pais ou só com seu pai?

VITOR: Morava só com meu pai...

HÉRICA: Aí ele já era separado da sua mãe?

VITOR: Isso... aí ele não me aceitou... aí mandou eu ir embora... foi... e até hoje em dia eu não falo com ele... só que tipo assim... foi sempre tranquilo sabe nunca passei fome... vivi super bem... eu tinha tudo o que eu queria é... até hoje...

HÉRICA: É... mas foi por isso que você desistiu de estudar?

VITOR: Não... é foi assim... eu já **reprovei três vezes**... só que aí eu fui morar em Belém né? quando meu pai me.: aí lá... a pessoa acho que com dezesseis anos não pode fazer o oitavo ano ainda... aí eu tava no oitavo

ano... aí fiz uma prova e passei para o primeiro... aí no **segundo ano eu desisti** no... março... maio eu acho... aí **eu desisti porque eu tava viajando muito pra casa da minha mãe**... ela mora em outra cidade... aí eu voltava pra cá de novo... **matava muita aula... minhas notas tava ruim**... aí eu desisti... **aí eu fiz dezoito anos aí eu falei vou fazer o EJA termina logo**...

Entrevista realizada no dia 21/10/2019, no 2º horário; grifos nossos.

Iniciamos a nossa entrevista solicitando que Vitor comentasse sobre a sua história de vida. O aluno comentou que a sua “*história de vida foi bastante difícil*”. Assim como Paulo, Vitor é homossexual e, também, não foi aceito por seu pai. Ele foi expulso da casa de seu pai; portanto, ficou em transição entre a casa de sua mãe e de sua avó.

Percebemos que a vulnerabilidade social se dá na relação do aluno com seus familiares, principalmente com seu pai. O aluno, que estava estável na casa de seu pai, teve que ficar se mudando, buscando um lar em que se sentisse devidamente confortável e aceito. Vitor comentou que ficou reprovado algumas vezes, na escola, por falta; o motivo está associado a viagens familiar que ele realizava.

Diferentemente de Paulo, que precisou recorrer ao trabalho para poder exercer um papel de “independência”, Vitor comentou que sempre teve, e tem, tudo que desejou. Portanto, tal aluno não busca, na EJA, uma relação com o trabalho, diferentemente de todos entrevistados. Eis um ponto em que o processo de individuação do sujeito se difere dos demais, dada a narrativa de Vitor.

Vejam, a seguir, o RD31:

#### **Recorte Discursivo 31**

HÉRICA: Conte-nos um pouco com sua relação na escola... como é sua relação com a escola...

VITÓR: A minha relação na escola é tranquilo... **eu me dou bem com os professor os alunos**...

HÉRICA: Não sofre preconceito aqui?

VITÓR: **Não**... eu sou bem tirão também...

Entrevista realizada no dia 21/10/2019, no 2º horário; grifos nossos.

Solicitamos a Vitor que comentasse sobre a sua relação com escola. O aluno comentou que a relação é tranquila, e que ele se dá bem com os seus professores e com seus colegas de sala de aula. Perguntamos a Vitor se ele sofre preconceito

no âmbito da própria instituição, ele afirmou que não e que ele é bem “tirão”<sup>10</sup>. Victor se posiciona discursivamente, aceitando seu lugar de fala, como homossexual, e não deixa que outros utilizem de sua orientação sexual<sup>11</sup> para lhe ofender. Vejamos, a seguir, o RD32:

#### Recorte Discursivo 32

HÉRICA: O que é ser aluno da EJA pra você?

VITOR: Aí... **não sei**... é uma coisa mais rápida né? é... a gente vê pouca coisa não aprende muito... mas é bom que **acaba logo** né?

HÉRICA: Mas pensa em fazer um curso superior né?

VITOR: **Sim... sim**

Entrevista realizada no dia 21/10/2019, no 2º horário; grifos nossos.

Perguntamos “o que é ser aluno da EJA pra você?”. Vitor não conseguiu esboçar uma resposta concreta. Para ele, ser aluno da EJA está apenas relacionado em concluir a educação básica rapidamente. Se realizarmos um paralelo entre as respostas apresentadas pelos demais entrevistados, veremos que Vitor não apresenta uma identificação com a EJA, no sentido de não apresentar pontos relacionados à importância EJA. Podemos inferir que Vitor é jovem em relação aos demais alunos da turma, ele tem apenas dezenove anos e entrou na EJA aos dezoito anos. Quando perguntamos se ele desejava cursar um curso superior, ele afirma que sim.

Vejamos, a seguir, o RD33.

#### Recorte Discursivo 33

HÉRICA: Ah tá... Conte-nos um pouco sobre o modo como os professores ensina na sua turma...

VITOR: Como eles ensina...

HÉRICA: É...

VITOR: Eles resumem né? a **matéria de resumo**... mas eles explica super bem os professores daqui do Adolfo... eles **explicam super bem**... e.: eles tentam o máximo para tu aprender as coisas que pelo o pouco tempo que eles tem né? mas passa...

HÉRICA: Conte-nos sobre um pouco o modo como você aprende nas suas aulas...

---

<sup>10</sup> Esse termo é usado, informalmente, para retratar uma pessoa que rebate a críticas; no caso de Vitor, ele rebate o preconceito sofrido, não deixando que as pessoas lhe tratem mal.

<sup>11</sup> “Orientação sexual é um termo que está relacionado com as diferentes formas de atração afetiva e sexual de cada um.”. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/orientacao-sexual/>.

VITOR: Como eu aprendo... aí... com a explicação deles... ah... eu também **procuro muito na internet**... porque eu sou muito ruim... em algumas matérias sabe aí eu **pesquisei vejo vídeo aula** quando antes da prova... semana antes... eu vejo vídeo aula... pra mim aprender melhor... o que é muito pouco né? eles não tem muito tempo pra explicar...

HÉRICA: Então você acha melhor na explicação e chegar em casa dá uma revisão...

VITOR: Isso... uma revisão...

HÉRICA: Bacana... então é isso...

Entrevista realizada no dia 21/10/2019, no 2º horário; grifos nossos.

Solicitamos a Vitor que comentasse como os professores ensinavam em sua turma. O aluno comentou que é de forma resumida, mas que seus professores são muito bons, e que eles buscavam fazer com que a turma aprendesse. Quando perguntamos como ele aprende, ele afirmou que aprende com a explicação dos professores e com pesquisas na internet.

Entre todos os entrevistados, Vitor foi o único que afirmou usar recursos tecnológicos para estudar. Provavelmente, há essa ocorrência pelo motivo de que o aluno apresenta idade em que há uma maior inserção ao mundo tecnológico. Neste ponto, podemos considerar, também, que o processo de individuação do sujeito Vitor ganha mais uma particularidade em relação aos outros entrevistados.

Buscamos, neste capítulo, apresentar as singularidades dos alunos entrevistados, observando como todos se individualizam em suas narrativas. Percebemos que eles apresentam trajetórias de vida distinta um do outro, porém há regularidade em alguns pontos. Percebemos que há dois motivos que fizeram com que os alunos não concluíssem a educação básica no tempo certo, que são: “relação familiar” e “trabalho”.

Por meio da interdiscursividade<sup>12</sup> em operação, nas narrativas dos alunos foco deste trabalho, percebemos um entrelaçamento entre vulnerabilidade social e vulnerabilidade escolar. No quadro que se segue, apresentamos uma relação possível entre essas vulnerabilidades, evidenciando, por meio de indícios textuais, o atravessamento das vulnerabilidades nas histórias de vida desses alunos.

---

<sup>12</sup> “[...] caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais.” (FERNANDES, 2008, p. 39)

Quadro 7- Correlação entre vulnerabilidade social e vulnerabilidade escolar.

Nome do Aluno	Vulnerabilidade Social	Vulnerabilidade Escolar	Indícios textuais
Paulo	Família	Fragilidade no acesso e na permanência na escola.	“[...] foi questão de trabalhar para me manter né... porque quando eu descobri da minha homossexualidade ele não quis aceitar então eu tive que optar <b>trabalhar para me sobreviver</b> [...]”.
Isabel	Família	Fragilidade no acesso e na permanência na escola.	“[...] comecei estudar... e aí logo eu <b>engravidai</b> aí foi um pouco difícil porque... aí eu tive que ir... <b>ir pra escola aí e pro trabalho</b> ”; A aluna também cuidava de seus sobrinhos. [...]”
Neuza	Família	Fragilidade no acesso e na permanência na escola.	“[...] uma... vida financeira bem precária né?... <b>mudava bastante é... me prejudicou muito nas escolas</b> [...]”
Rodrigo	Trabalho	Fragilidade no acesso e na permanência na escola.	“[...] <b>abandonei o ensino médio a vinte anos atrás... por necessidade de trabalhar</b> ... construir família e... com passar dos anos eu resolvi retornar aos estudos... até mesmo pra... <b>mudar de profissão e procurar algo melhor pra mim</b> [...]”
Juliana	Família	Fragilidade no acesso e na permanência na escola.	“[...] <b>eu acho que devido essa mudança da minha mãe ter casado</b> ... com esse marido dela... que ela teve em Belém... acho que atrasou um pouco meus estudos... aí eu perdi um ano[...] eu tinha que andar <b>cinco quilômetros a pé</b> como eu era muito nova tive problema no meu joelho[...]”
Carlos	Trabalho	Fragilidade no acesso e na permanência na escola.	“[...] um tempo atrás tinha parado de estudar porque... gostava mais de trabalhar né? <b>não sou muito chegado na escola</b> ... mas às vezes a <b>vida nos força a estudar</b> ... aí voltei estudar e... hoje lutando aí pra ter... como se diz... <b>uma vida própria... um trabalho próprio</b> [...]”

<b>Maria</b>	Família	Fragilidade no acesso e na permanência na escola.	“[...] morava mais no interior eu custei ir pra escola né? na verdade quando eu fui me alfabetizar eu tinha onze ano... aí minha mãe me colocou na escola né? aí assim trabalhei muito né? quase não estudei né? [...] dedica demais a família né? é às vezes... acabei esquecendo um pouco de mim [...]”
<b>Vitor</b>	Família	Fragilidade na permanência na escola.	“[...] ele (pai) não me aceitou... aí mandou eu ir embora [...] eu desisti porque eu tava viajando muito pra casa da minha mãe[...]”



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tematizamos as narrativas de oito alunos da EJA, buscando pensar em alguns elementos do contexto histórico em que eles estão inseridos. Essas narrativas abrem horizontes para pensarmos como ocorreu e ocorre as políticas de acesso e de permanência desses alunos, uma vez que, sócio-histórico e ideologicamente, a relação deles com a escola se viu fragilizada. No segundo capítulo deste trabalho, mostramos como foi o processo de democratização e, também, qual era a visão da sociedade em relação àqueles que não eram alfabetizados.

Há uma produção discursiva de comentários negativos que ecoam até os dias atuais. Rodrigo, por exemplo, conforme vimos a partir de sua narrativa, relatou-nos que a “EJA já tinha aquela fama de que era pessoas **discomprometida** né?” (Cf. RD15). Nessa medida, há uma reprodução de preconceito histórico em relação a essa camada social que, por algum motivo, não puderam terminar a educação básica no tempo adequado.

Percebemos que há um insucesso escolar, no sentido da dificuldade do acesso e de permanência dos alunos. Como abordamos, no capítulo anterior, por meio das narrativas dos alunos, alguns alunos, quando jovens, não tiveram acesso à escola (ex.: Juliana e Maria). Em relação à permanência dos alunos na escola, percebemos que todos os alunos tiveram dificuldades, por motivos referentes à questão familiar até à localização da escola, por exemplo. De acordo com Guareschi *et al* (2007):

Para Abramovay (2002), **a vulnerabilidade social é definida como situação em que os recursos e habilidades de um dado grupo social são insuficientes e inadequados para lidar com as oportunidades oferecidas pela sociedade**. Essas oportunidades constituem uma forma de ascender a maiores níveis de bem-estar ou diminuir probabilidades de deterioração das condições de vida de determinados atores sociais. (GUARESCHI *et al.*, 2007, p.19; grifo nosso)

Como apresentado, a vulnerabilidade social está na falta de oportunidade de uma parcela da sociedade. Cada aluno apresenta sua singularidade em relação à vulnerabilidade social. Percebemos que a vulnerabilidade social reverbera na

vulnerabilidade escolar, produzindo modos de individuação específicos. Ao mesmo tempo em que há um contexto comum, isto é, “contexto no sentido lato” (Cf. ORLANDI, 2014), há, também, o contexto particular, em que as injunções sociais acabam produzindo cada sujeito de um modo particular. Nesse caso, trata-se do “contexto no sentido específico” (Cf. ORLANDI, 2014).

Este trabalho nos oportunizou conhecer um pouco mais a temática da EJA tanto no Brasil quanto no estado do Tocantins, sobretudo o nosso público-alvo, que foram os oito alunos das duas escolas estaduais em Araguaína – TO. Em momento posterior, retornaremos às duas escolas, com o intuito de promover uma conversa com os participantes da pesquisa, buscando dar a eles uma devolutiva dos resultados. Além deles, também, iremos estabelecer um diálogo com os gestores das escolas, com o intuito de mostrar como os processos de individuação do sujeito dos entrevistados apontam para uma correlação entre vulnerabilidade social e vulnerabilidade escolar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal, 2016. 496 p. p. ISBN 978-85-7018-698-0.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, 2017.

BRASIL. **DECLARA EXTINTA A ESCRAVIDÃO NO BRASIL**. [S.l.]: COLEÇÃO DAS LEIS DO IMPÉRIO DO BRASIL, 1888. PARTE I. TOMO XXXV., P. 1.  
BRASIL. **DECRETO-LEI Nº 4.958, DE 14 DE NOVEMBRO DE 1942**. [S.l.]: Diário Oficial da União - Seção 1 de 14/11/1942. Disponível em:  
<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4958-14-novembro-1942-414976-publicacaooriginal-1-pe.html>>.

BRASIL. **Mapa do Analfabetismo no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação. Disponível em:  
<<https://www.oei.es/historico/quipu/brasil/estadisticas/analfabetismo2003.pdf>>.  
BRASIL. Programa Brasil Alfabetizado. **Ministério da Educação**. Disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>>. Acesso em: 10 junho 2019.

BRAZIL. **CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO DO BRAZIL DE 1824**. [S.l.]: Portal da Legislação, 1824. Disponível em:  
<<https://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/viwTodos/e964c0ab751ea2be032569fa0074210b?OpenDocument&Highlight=1,&AutoFramed>>. Acesso em: 16 junho 2019.

CURY, C. R. J. **Por uma nova Educação de Jovens e Adultos**. [S.l.]: [s.n.], 2004. Disponível em:  
<<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2004/eja/index.htm>>.

EITERER, C. L.; REIS, S. M. A. O. Educação de Jovens e Adultos: entre regulação e emancipação. In: SOARES, L.; SILVA, I. D. O. E. **Sujeitos da educação e processos de sociabilidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 179-218.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Editora ClaraLuz, 2008.

FREITAS, M. C. **História social da educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009.

G1. **Globo.com**, 2011. Disponível em:  
<<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/11/ibge-indica-que-analfabetismo-cai-menos-entre-maiores-de-15-anos.html>>. Acesso em: 15 junho 2019.

GUARESCHI, N. M. F. et al. Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa educativo. **Estudos e pesquisa em psicologia**, Rio de Janeiro, 2007.

HERNANDEZ, O. Ditadura Militar: propaganda, terrorismo e manifestações populares. **Memórias Oswaldo Hernandez**. Disponível em:  
<<https://memoriasoswaldohernandez.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 julho 2019.

M., P. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1975.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo : Cortez, 2012.

ORLANDI, E. P. **Gesto de leitura: da história no discurso**. Campinas - SP: Editora Unicamp, 2014.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas - SP: Pontes Editora, 2015.

POLETTI, R. **Constituições Brasileiras 1934**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, v. III, 2012.

SANTOS, L. R. D. MOBIL: A REPRESENTAÇÃO IDEOLÓGICA DO REGIME MILITAR NAS ENTRELINHAS DA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS. **Crítica Histórica** , dezembro 2014. p. 304-317.

STRELHOW, T. B. BREVE HISTÓRIA SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS. **HISTEDBR On-line**, Campinas, junho 2010. p. 49-59.

TOCANTINS. **Projeto Político Pedagógico - Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes**. Araguaína: SEDUC, 2018.

TOCANTINS. **Projeto Político Pedagógico - Escola Vila Nova**. Araguaína: SEDUC, 2019.

**TOCANTINS. PROPOSTA CURRICULAR – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.** Palmas: [s.n.]. Disponível em:

<[http://www.drearaguaina.com.br/docs/proposta\\_curricular\\_eja\\_versao\\_preliminar.pdf](http://www.drearaguaina.com.br/docs/proposta_curricular_eja_versao_preliminar.pdf)>.

**ANEXOS****ANEXO 01 – Questionário adptado do ENCCEJA**

**1. Quantas pessoas moram com você? (incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos.**

**Marque apenas uma resposta**

- Moro sozinho
- Uma a três
- Quatro a sete
- Oito a dez
- Mais de dez

**2. A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)**

- Própria
- Alugada
- Cedida

**3. Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)**

- Zona rural.
- Zona urbana
- Comunidade indígena.
- Comunidade quilombola.

**4. Qual é o nível de escolaridade do seu pai? (Marque apenas uma resposta)**

- Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- Ensino Médio (antigo 2º grau)
- Ensino Superior
- Especialização
- Não estudou
- Não sei

**5. Qual é o nível de escolaridade da sua mãe? (Marque apenas uma resposta)**

- Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- Ensino Médio (antigo 2º grau)
- Ensino Superior
- Especialização
- Não estudou
- Não sei

**6. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)**

- Nenhuma renda.
- Até 1 salário mínimo (até R\$ 998,00).
- De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 998,01 até R\$ 2.994,00).
- De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.994,01 até R\$ 5.988,00).

- De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.988,01 até R\$ 8.982,00).
- De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.982,01 até R\$ 11.976,00).
- De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 11.976,01 até R\$ 14.970,00).
- Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 14.970,01).

**7. Qual a sua renda mensal, aproximadamente? (Marque apenas uma resposta)**

- Nenhuma renda.
- Até 1 salário mínimo (até R\$ 998,00).
- De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 998,01 até R\$ 2.994,00).
- De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.994,01 até R\$ 5.988,00).
- De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.988,01 até R\$ 8.982,00).
- De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.982,01 até R\$ 11.976,00).
- De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 11.976,01 até R\$ 14.970,00).
- Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 14.970,01).

**8. Você trabalha ou já trabalhou? (Marque apenas uma resposta)**

- Sim
- Não (Passe para a pergunta 14)

**9. Em que você trabalha atualmente? (Marque apenas uma resposta)**

- Na agricultura, no campo, na fazenda ou na pesca.
- Na indústria.
- Na construção civil.
- No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços.
- Como funcionário(a) do governo federal, estadual ou municipal.
- Como profissional liberal, professora ou técnica de nível superior.
- Trabalho fora de casa em atividades informais (pintor, eletricista, encanador, feirante, ambulante, guardador/a de carros, catador/a de lixo).
- Trabalho em minha casa informalmente (costura, aulas particulares, cozinha, artesanato, carpintaria etc.).
- Faço trabalho doméstico em casa de outras pessoas (cozinheiro/a, mordomo/governanta, jardineiro, babá, lavadeira, faxineiro/a, acompanhante de idosos/as etc.).
- No lar (sem remuneração).
- Outro.
- Não trabalho.

**10. Indique o grau de importância de cada um dos motivos abaixo na sua decisão de trabalhar: (Atenção: 0 indica nenhuma importância e 5 maior importância.)**

- Ajudar nas despesas com a casa. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)
- Sustentar minha família (esposo/a, filhos/as etc.) (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)
- Ser independente (ganhar meu próprio dinheiro.) (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)
- Adquirir experiência. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)
- Custear/ pagar meus estudos. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)

**11. Quantas horas semanais você trabalha? (Marque apenas uma resposta)**

- Sem jornada fixa, até 10 horas semanais.
- De 11 a 20 horas semanais.
- De 21 a 30 horas semanais.
- De 31 a 40 horas semanais.

Mais de 40 horas semanais

**12. Com que idade você começou a trabalhar? (Marque apenas uma resposta)**

- Antes dos 14 anos.  
 Entre 14 e 16 anos.  
 Entre 17 e 18 anos.  
 Após 18 anos.

**13. Como você avalia ter estudado e trabalhado durante seus estudos? (Marque apenas uma resposta)**

- Atrapalhou meus estudos.  
 Possibilitou meus estudos.  
 Possibilitou meu crescimento pessoal.  
 Não atrapalhou meus estudos

**14. Você já reprovou alguma vez? (Marque apenas uma resposta)**

- Não, nunca  
 Sim, uma vez.  
 Sim, duas vezes.  
 Sim, três vezes ou mais.

**15. Qual principal motivo faria você voltar a estudar ou continuar estudando? (Marque apenas uma resposta)**

- Conseguir um emprego.  
 Progredir no emprego atual.  
 Conseguir um emprego melhor.  
 Adquirir mais conhecimento, ficar atualizado.  
 Atender à expectativa de meus familiares sobre meus estudos.  
 Não pretendo voltar a estudar.

**16. Se você já frequentou a escola regular, em que série você deixou de estudar? (Marque apenas uma resposta)**

- Não frequentei.  
 1ª série do ensino fundamental (antigo primário, 1º grau).  
 2ª série do ensino fundamental (antigo primário, 1º grau).  
 3ª série do ensino fundamental (antigo primário, 1º grau).  
 4ª série do ensino fundamental (antigo primário, 1º grau).  
 5ª série do ensino fundamental (antigo ginásio, 1º grau).  
 6ª série do ensino fundamental (antigo ginásio, 1º grau).  
 7ª série do ensino fundamental (antigo ginásio, 1º grau).  
 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio, 1º grau).

**17. Se você deixou de frequentar a escola regular, quantos anos você tinha? (Marque apenas uma resposta)**

- Nunca frequentei a escola.  
 Estou frequentando a escola.  
 Menos de 10 anos.  
 Entre 10 e 14 anos.



- ( ) Entre 15 e 18 anos.  
 ( ) Entre 19 e 24 anos.  
 ( ) Entre 25 e 30 anos.  
 ( ) Mais de 30 anos

**18. Indique o grau de importância dos motivos que levaram você a participar do ENCCEJA: (Atenção: 0 indica o fator menos relevante e 5 o fator mais relevante.)**

- Para conseguir o certificado de conclusão do Ensino Fundamental. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)  
 Porque parentes, amigos(as) e professores(as) me recomendaram. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)  
 Para continuar meus estudos. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)  
 Porque não posso estudar. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)  
 Porque não quero ou não gosto de estudar. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)  
 Por que é a melhor maneira para conciliar meus estudos e trabalho. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)  
 Para conseguir um emprego. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)  
 Para fazer curso profissionalizante e me preparar para o trabalho. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)  
 Para progredir no emprego atual. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)

**19. Você cursa ou já cursou a Educação de Jovens e Adultos – EJA? (Marque apenas uma resposta)**

- ( ) Sim  
 ( ) Não

**20. Como é ou era o curso de EJA que você frequenta ou frequentou? (Marque apenas uma resposta)**

- ( ) Curso presencial em escola pública.  
 ( ) Curso presencial em escola privada.  
 ( ) Curso presencial na empresa em que trabalha, instituição filantrópica ou religiosa.  
 ( ) Curso a distância (via rádio, televisão, internet, correio, com apostilas).  
 ( ) Curso semi-presencial em escola pública.  
 ( ) Curso semi-presencial em escola privada.

**21. Caso tenha deixado de cursar a EJA indique o(s) motivos(s)? (Marque uma resposta**

<b>para cada item)</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Trabalho/ falta de tempo para estudar.	( )	( )
Estudava no curso da empresa e foi interrompido.	( )	( )
Problemas de saúde ou acidentes comigo ou familiares.	( )	( )
Mudança de estado, município ou cidade.	( )	( )
Motivos pessoais: casamento / filhos.	( )	( )
Não tinha interesse / desisti.	( )	( )
Senti-me discriminado(a) / Sofri agressão (física ou verbal).	( )	( )
Não se aplica	( )	( )

**22. Em que medida os motivos a seguir influenciaram no fato de você não ter frequentado ou ter abandonado a escola regular: (Atenção: 0 significa que não influenciou e 5 influenciou muito.)**

- Inexistência de vaga em escola pública. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)  
 Ausência de escola perto de casa. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)

Falta de interesse em estudar. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)

Trabalho: falta de tempo para estudar. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)

Motivos pessoais: casamento / filhos. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)

Falta de apoio familiar. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)

Problemas de saúde ou acidente comigo ou familiares. (0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)

Discriminação/preconceitos de raça, sexo, cor, idade ou socioeconômico. 0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5)

## **ANEXO 02 – Roteiro da entrevista**

1. Conte-nos um pouco sobre sua história de vida.
2. Conte-nos um pouco sobre a sua relação com a escola.
3. O que é ser aluno(a) da EJA para você?
4. Conte-nos um pouco sobre o modo como os professores ensinam em sua turma.
5. Conte-nos um pouco sobre o modo como você aprende na aulas.

### ANEXO 03 - Normas para transcrição de textos orais

(Normas adotadas pelo Projeto NURC/RS)

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	saímos com o e dizia assim olha vai custar tanto... <b>(mas os daqui)</b> não há problema...
Truncamento	/	sim ahn é... mas tem <b>ge/</b> tem... cara que às vezes vai num restaurante é bacana né?
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	bom mas eu acho que ginástica em ( ) deve solucionar esse problema né?
Entonação	maiúsculas	já que o ginásio vai TANta coisa boa...acho que não custa pôr uma banheira térmica ali
Alongamento de vogal e consoante (como s, r)	Poden::do muito sua::ve	acho bacana à beça a pantalonu viu? né? calça com a boca bem larga... bem <b>cintura::da</b> entende?
Silabação	-	CAMpos... espetaculares não tinha deserto... mas uma COIsa assim <b>fan-TÁs-ti-ca</b> um negócio
Interrogação	?	e quanto a frutas verduras assim o que vocês preferem?
Qualquer pausa	...	leva todo o período de aula... só... subindo e descendo escada
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	aqui vai melhor assim... bom... eu te digo o seguinte... <b>((pigarro))</b> tu acharias que:: todas as nossas aulas...
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- -	também a comida vinha:: - <b>era muita gente, né? muitos atletas</b> - e a comida vinha de São Paulo
Superposição simultânea de vozes	[ Ligando linhas	é difícil de explicar assim [ porque tu queres ver uma coisa
Citações literais ou leitura de textos durante a gravação	“ ”	um cara... me atacou... <b>“que que eu faço pra tirar a barriga?”</b> eu digo pára de tomar chope...

#### OBSERVAÇÕES

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (UPF, UFRGS, etc.)
2. Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá.
3. Números: por extenso

4. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
5. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::... (alongamento e pausa)
6. Não se utilizam sinais de pausa típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

Luiz Araujo

quem venceu a guerra dos vinte e dois dias na Faixa de Gaza? ... Israel afirma ... que os seus objetivos com a ofensiva contra o território israelense foram plenamente atingidos e superados ... o Hamas por sua vez ... diz que enfrentou por TRÊS semanas o gigante israelense e sobreviveu ... como sempre no Oriente Médio ... a cadeira do derrotado está vazia ... a ofensiva israelense deixou cerca de MIL e duzentos palestinos mortos ... cerca de CINco mil feridos ... e a maioria do prédios governamentais do Hamas em ruínas ... as perdas em Gaza são MUIto maiores que as do Hezbollah na guerra do Líbano em dois mil e seis ... mas o princíPAL objetivo da operação em Gaza ... era impedir que o Hamas seguisse lançando foguetes contra o sul de Israel ... antes da invasão eram lançados em média oiTENta desses foguetes ... neste domingo foram disparados DEzessete ... três deles depois de o Hamas tamBÉM anunciar um cessar-fogo ... o Hamas NÃO foi aniquilado ... como pregavam críticos do atual governo israelense entre eles o ex-premier Benjamin Netanyahu ... Israel precisará agora de um esforço REdobrado no terreno da diplomacia para conquistar o seu seGUNdo objetivo ... impedir que o Hamas utilize a fronteira sul com o Egito para contrabandear armas ... enquanto isso ... a tragédia humanitária provocada pela guerra ... deve aumentar o clamor pelo fim do bloqueio israelense à Faixa de Gaza ... para que possam entrar alimentos e remédios para milhares de ferido ... doentes e desabrigados ... estes sim são os GRANdes derrotados de mais essa guerra.

## ANEXO 04 - Transcrições

### Alunos da Escola Vila Nova.

#### Paulo 28 anos.

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre sua história de vida...

PAULO: Minha história de vida... trabalho muito e... estudo a noite... normal...

HÉRICA: normal como assim normal... como é?

PAULO: corrida... diariamente...

HÉRICA: corrida... sempre foi assim sua vida corrida?

PAULO: na área do trabalho sim...

HÉRICA: quando você fala corrida que dizer que não tem tempo pra alguma coisa?

PAULO: Isso... o tempo é curto...

HÉRICA: E... você começou a trabalhar desde cedo?

PAULO: Quinze anos...

HÉRICA: quinze anos de idade... Sofreu assim nenhuma... transtorno alguma coisa?

PAULO: Preconceito?

HÉRICA: Preconceito?

PAULO: Demais...

HÉRICA: é... na área do serviço ou na família ou escola?

PAULO: Não... mais familiar da homossexualidade...

HÉRICA... Dos pais?

PAULO: Isso... do meu pai principalmente...

HÉRICA: seu pai... Mais chegou assim... a expulsar de casa... agredir?

PAULO: agredir... bater... espancar...

HÉRICA: Mais isso aí foi um motivo de você ter desistido de estudar?

PAULO: Não... foi questão de trabalhar para me manter né... porque quando eu descobri da minha homossexualidade ele não quis aceitar... então eu tive que optar trabalhar para me sobreviver.

HÉRICA: certo... Conte-nos um pouco sobre sua relação com a escola...

PAULO: Boa graças a Deus... eu tô indo bem... só que as vezes que quando eu tô muito cansado não dá de vim...

HÉRICA: Mas aqui dentro você não recebe preconceito?

PAULO: No começo já tive muito... mas eu encaro isso de fichinha...

HÉRICA: Hoje você dá conta de lidar com isso?

PAULO: É... já convivi com coisas piores já pra mim... bola pra frente...

HÉRICA: Piores quando você fala que seus pais...

PAULO: Já fui agredido também...

HÉRICA: Por outras pessoas também?

PAULO: Isso...

HÉRICA: O que é ser aluno da EJA pra você?

PAULO: É... eu acho que é uma oportunidade de você acelera mais um pouco os estudos que você... deixou o tempo pra traz... é não... podia terminar... teve imprevisto na sua vida e você parou... uma oportunidade de você avança mais rápido...

HÉRICA: Hoje você pensa em termina a EJA e fazer um curso superior?

PAULO: Sim eu preciso... pretendo fazer estética...

HÉRICA: Estética né?

PAULO: Isso que é a área que eu mais gosto de fazer... já trabalho na área da beleza...

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre o modo como você aprende nas aulas...

PAULO: Eu aprendo... ah como eu posso te falar... eu consigo absorver o que eles querem transmitir...

HÉRICA: Então você acha que a maneira de você aprende com eles mais é com explicação ou conteúdo dado na lousa

PAULO: Explicação... e... do jeito que eles trabalha com os alunos também... essencial...

HÉRICA: Você acha assim que mudou um pouco de quando você parou de estudar pra hoje acha que tem mais diálogo entre o aluno e o professor...

PAULO: É... com certeza tem sim... diálogo bastante... coisa que eu não via atrás eu consigo ver que evolui bastante

HÉRICA: Então os professores e os alunos têm...

PAULO: Já consegue ter aquele diálogo entre o professor e aluno... Não consegue ter mais aquele tabu entre aluno e professor medo de pergunta e ser mal encarado mais eu vejo isso e acabou.

### **Isabel 25 anos.**

HÉRICA: Conte-nos um pouco sobre sua história de vida...

ISABEL: Minha história é... foi um pouco difícil... desde quando eu voltei assim pra escola é... eu estudei... comecei estudar... e aí logo eu engravidei aí foi um pouco difícil porque... aí eu tive que ir... ir pra escola aí e pro trabalho e aí nu... nu dava assim entendeu... ir pra escola e ir para o trabalho... e aí grávida... e aí logo eu comecei faltar na escola aí eu tive que sair... aí veio essa... a gravidez e tudo... e aí foi... foi isso que eu parei de estudar entendeu... aí depois que veio a criança aí eu... morei junto com o pai dele e tal e depois agora com dois... três anos de idade aí eu coloquei ele na creche aí eu resolvi vim pra escola agora eu tô aqui estudando né...

HÉRICA: Isso já tem uns quatro ano no caso?

ISABEL: Que eu parei de estudar...

HÉRICA: é...

ISABEL: é já tem mais ou menos isso uns cinco mais ou menos... e agora resolvi estudar...

HÉRICA: Fala um pouco sobre sua relação com a escola... como que é você com os alunos... com os professores...

ISABEL: é minha relação sobre isso... é tudo... tudo bem... eu gosto dos alunos... gosto de todas as professora... elas ensina bem... os alunos também tem uns bagunçadinhos mais tudo ok né?

HÉRICA: normal?

ISABEL: é

HÉRICA: o que é ser aluno da EJA pra você?

ISABEL: É.. é tipo... ser aluno da EJA... num é tão assim bom... pra gente também não é ruim... é bom porque a gente... o que a gente perdeu a gente tá



recuperando... e num é tão bom porque a gente faz tudo assim entendeu... aí a gente num aprende mais que a gente quer entendeu...

**HÉRICA:** estuda muito resumido né?...

**ISABEL:** Isso ham ram...

**HÉRICA:** Voltando bem aqui na primeira questão... quando você falou que sua vida foi um pouco difícil por causa disso que você teve que parar de estudar é em relação ao seu filho... você... Naquele tempo você trabalhava... é hoje você ainda trabalha...

**ISABEL:** Não... não trabalho...

**HÉRICA:** não trabalha... mas pensa em terminar a EJA... e fazer um curso superior...

**ISABEL:** penso na hora que termina aqui aí eu... vou me esforçar bastante pra mim conseguir ver se eu consigo fazer né uma coisa um curso técnico...

**HÉRICA:** trabalhar...

**ISABEL:** é...

**HÉRICA:** é... Conte-nos um pouco como os professores ensina na sua turma...

**ISABEL:** sim... eles ensina a... pra mim eles ensina... ensina muito bem né... porque o que eu não sei eu vou pergunta pra eles... eles me responde me explica direitinho...

**HÉRICA:** tem paciência...

**ISABEL:** é tem paciência e a gente aprende...

**HÉRICA:** Conte-nos um pouco sobre o modo como você aprende nas aulas... como facilitar pra você aprender...

**ISABEL:** muita explicação.... a explicação direitinho eu... é necessário é um entendeu...

**HÉRICA:** então você acha que aquele contato de conversa...

**ISABEL:** isso...

**HÉRICA:** ter paciência...

**ISABEL:** isso...

**Neuza 32 anos**

**HÉRICA:** Conte-nos um pouco sobre sua história de vida...

**NEUZA:** Bom minha história de vida foi assim um pouco complicada porque... é eu tive uns pais né... um pouco é... uma... vida financeira bem pregaria né... mudava bastante é... me prejudicou muito nas escola não tive um bom desenvolvimento é... passei vários anos fora da escola... né... aí eu casei engravidei... parei uns treze anos... aí com... aí agora esse ano de... de 2019 voltei estudar né... tô muito feliz já tô terminando...

**HÉRICA:** Quando você parou... você parou em qual série a treze anos atrás...

**NEUZA:** Eu parei no primeiro ano...

**HÉRICA:** do ensino médio...

**NEUZA:** hum rum... conclui o primeiro ano né...

**HÉRICA:** Aí você já tinha família aí...

**NEUZA:** já... já tinha família...

**HÉRICA:** Conte-nos um pouco sobre sua relação com a escola... como que é teu contato com a escola em geral... professor aluno colegas... diretor... coordenador ...

**NEUZA:** No início voltar né foi difícil pra mim porque eu... não me achava mais... não conseguia mais... é... tipo assim é... chega na sala de aula...

**HÉRICA:** Você não achava capaz...

**NEUZA:** é... foca... no meu primeiro dia... dia de aula que a professora começou a escrever eu falei assim meu Deus o que eu tô fazendo aqui... me... me senti um peixe fora d'água... mais aí com uma semana... eu me senti melhor... me dei bem com os professores com os colegas de classe... foi... foi legal...

**HÉRICA:** O que é ser aluno da EJA pra você...

**NEUZA:** Bom ser o aluno da EJA pra mim... no meu ponto de vista... é bom... porque... é... porque é...

**HÉRICA:** Você consegue aprender... você acha que é melhor...

**NEUZA:** Assim... pesar que é bem resumido se o aluno for... for bem focado nas aulas é.: não falta muito consegue aprender... entendeu... é... é bacana é... muito bom ajudando muito a gente né... e eu tô gostando...

**HÉRICA:** E se... você finaliza esse ano... né...

**NEUZA:** sim finalizo...

**HÉRICA:** Aí pensa em fazer um curso superior...

**NEUZA:** sim... sim... sim

**HÉRICA:** Continua estudar...

**NEUZA:** Ano que vem quero fazer uma faculdade né... tô... tô bem animada tô focada nisso se.: Deus quiser quero fazer...

**HÉRICA:** Quando você voltou a estudar... você voltou com esse pensamento de terminar e ir fazer um curso superior... ou só...

**NEUZA:** Não... eu não... meu pensamento querendo só concluir o ensino médio mesmo e parar... meus estudos... mas agora eu tava até falando né... que.: eu tô com vontade de.: continuar estudando... não para mais...

**HÉRICA:** Você trabalha...

**NEUZA:** não...

**HÉRICA:** Conte-nos um pouco sobre o modo como os professores ensinam em sua turma...

**NEUZA:** Bom... é.: tipo assim não tem como explicar muito são todos bacanas explica... são todos atenciosos éh.: tem uma... eles são bem dedicados com suas matérias né... não foge do assunto... bom pra mim... no meu ponto de vista... é bom... no... cada um dá sua aula ali certi entendeu... ((inaudível))

**HÉRICA:** Conte-nos um pouco sobre como você aprende nas aulas... que jeito... que maneira que você acha que facilita pra você aprender...

**NEUZA:** Tipo assim o professor só aplica a matéria não só escrevendo... escrevendo porque as vezes a gente fica né... que tem professores que passa a matéria lá e a gente tem que se vira né... e aqui no.: EJA não é... na escola que eu tô estudando eles passa a matéria explica bem né... se o aluno tá com dificuldade eles ajuda né... incentiva bastante...

**HÉRICA:** A treze anos atrás quando você estudava... como hoje você ver essa diferença...

**NEUZA:** Muita.: diferente porque antigamente os professores eles tinha aquela meta... a eu dei minha aula que os alunos quiser que se vira tem que se esforça pra passar e hoje não o professor tá ali presente... "gente faça vai valer tanto ponto não falte"...

**HÉRICA:** Atenciosamente...

**NEUZA:** Isso...

**HÉRICA:** Muito bem...

**Rodrigo 41 anos.**

**HÉRICA:** Boa noite... Conte-nos um pouco sobre a sua história de vida...

**RODRIGO:** Bom minha história de vida eu... abandonei o ensino médio a vinte anos atrás... por necessidade de trabalhar... construir família e... com passar dos anos eu resolvi retornar aos estudos... até mesmo pra... mudar de profissão e procurar algo melhor pra mim... vi que ainda era tempo de retornar e... corre atrás dos meus objetivos... e tenho agora pretensão de fazer uma faculdade futuramente entendeu... a ideia é essa... e tamos aí... tentando não é fácil porque o dia a dia tem que conciliar o trabalho com a rotina da família e tudo mais... tá sendo gratificante tá... eu até achei que teria mais dificuldade mais... tô satisfeito... tá indo bem...

**HÉRICA:** E assim tem um motivo assim... porque você deixou de estudar a vinte anos atrás....

**RODRIGO:** Foi basicamente... por questão de trabalho a profissão que eu escolhi não me dava a possibilidade de estudar porque eu tinha que... era motorista né... viajar... aí sempre na estrada aí então e... na época a remuneração era bem diferente de hoje e não compensava entendeu... aí eu optei pela profissão e abrir mão dos estudos...

**HÉRICA:** Tá certo... Conte-nos um pouco sobre sua relação com a escola...

**RODRIGO:** Minha relação com a escola... eu até tinha uma certa preocupação quanto a isso mas é muito boa... os professores são bom... as pessoas que tão aqui... são pessoas que tão correndo atrás de recuperar o tempo perdido e... com... o mesmo objetivo né... melhorar buscar uma qualificação profissional no mercado... melhorar seus conhecimentos entendeu... e até mesmo a qualidade de vida... consentimento em função disso.

**HÉRICA:** Qual a turma todos os colegas você se dá bem...

**RODRIGO:** Sim... era uma das preocupação porquê... é... geralmente no.: na EJA já tinha aquela fama de que eram pessoas discomprometida né que não

queria muito mais aí aos poucos foi me interagindo e a relação com os colegas é excelente no.: deste o primeiro semestre não tem problema nenhum de relacionamento com ninguém...

**HÉRICA:** Que bom...

**RODRIGO:** Nos damos muito bom...

**HÉRICA:** O que é ser aluno da EJA para você...

**RODRIGO:** Ser aluno da EJA é... pra mim foi uma possibilidade de resumir o tempo perdido... corre atrás de uma forma mais rápida assim... facilitou muito pra mim... porque ao invés de ter que passar dois anos... em um ano eu pude recuperar grande parte do tempo perdido e... a questão... eu que achei que seria complicado porque eu.: os conteúdos são mais resumidos são mais rápidos né... são menos né... eles não tem igual no tempo integral aquele tempo todo de aprendizado... mas em compensação é acelerado mas a gente flui mais rápido entendeu... a gente aprende... pega mais rápido não fica aquela moralizada aquela coisa repetitiva tem o lado positivo também quando assim...

**HÉRICA:** É... Conte-nos um pouco sobre como os professores ensinam em sua aula em sua turma....

**RODRIGO:** Na verdade os professores os métodos de ensino são bem diferentes de quando eu estudava a vinte anos atrás eu acredito que melhorou bastante evoluiu a gente interage bastante entendeu... eles buscam é atualizar a gente de forma que flui melhor o aprendizado a gente consegue absorver melhor entendeu... no diálogo entendeu... dando espaço pra gente também interagir nas aulas...

**HÉRICA:** E a vinte anos atrás não tinha esse contato né...

**RODRIGO:** Era bem diferente... exatamente...era bem diferente... era por questão de hierarquia a gente sentava na sala de aula e simplesmente entendeu... hoje em dia...

**HÉRICA:** Só ouvia...

**RODRIGO:** Hoje em dia a gente participa mais...

**HÉRICA:** Isso... Conte-nos um pouco sobre o modo como você aprende nas aulas...

**RODRIGO:** Na verdade eu aprendo mais assim... nas aulas é... de interação com os professores conversam mais sobre problema sócias... sobre o... a realidade que vivemos hoje entendeu... que a gente vê que hoje as coisas tão mudada em relação de antigamente... então a escola tá mais voltada assim... preocupações sociais também não só econômica mas social também da família entendeu... e hoje eu vejo que a escola abrange mais essa área assim e eu consigo absorve melhor aprender bem... com diálogo entendeu...

**HÉRICA:** Então aquela tradição de antes você não...

**RODRIGO:** Essa renovação que o ensino trouxe agora dando espaço pra gente interagir de dialogar ajuda bastante...

**HÉRICA:** Então é isso...

### **Alunos do Colégio Adolfo Bezerra de Menezes.**

**Juliana 21 anos.**

**HÉRICA:** É... Conte-nos um pouco sobre sua história de vida...

**JULIANA:** É... minha história foi um pouco assim meio complicada... eu morei em Belém minha mãe casou minha mãe é jovem... ela teve filhos cedo... aí eu morava com minha vó... aí eu fui pra Belém... morei lá um bom tempo... eu acho que devido essa mudança da minha mãe ter casado... com esse marido dela que ela teve em Belém acho que atrasou um pouco meus estudos... aí eu perdi um ano... aí fui pra lá... aí logo logo minha mãe... parece que deu uma louca nela ela não deu certo com esse marido dela aí ela voltou para o meu estado novamente... que eu não sou de Araguaína... aí voltou para o estado dela...

**HÉRICA:** Vocês era de qual o estado...

**JULIANA:** Eu sou do Pará...

**HÉRICA:** Ah do Pará mesmo...

**JULIANA:** Aí eu perdi esse ano... aí no devido voltar quando chegou no Pará eles lá não queria me aceitar devido minha idade... que eu já tava com uma idade avançada... aí não.: dizendo eles lá que não tava batendo... aí eu parei mais um ano sem estudar aí resumido ficou dois anos aí como nós foi morar na chácara

lá era muito difícil pra ir pra escola eu tinha que andar cinco quilômetros a pé como eu era muito nova tive problema no meu joelho meu joelho teve uma fratura...

**HÉRICA:** Mas o que causou isso no joelho...

**JULIANA:** Ah...

**HÉRICA:** O que causou isso no seu joelho...

**JULIANA:** Casou isso no joelho foi a distância... porque nós tinha que pedalar bastante nós ia de bicicleta...

**HÉRICA:** Aí teu joelho...

**JULIANA:** Teve um desgaste... aí até hoje tenho problema nele... aí eu... tive dificuldade pra ir para a escola... aí eu fui reprovada um ano por causa que não teve como cumprir com todas as matéria... as matéria que eu tava indo eu dei conta aí eu fiquei três anos sem estudar aí eu atrasei... aí com decorrer do um tempo... é... minha mãe arrumou outro marido aí nós fomos morar numa chácara aí chegou lá eu fui abusada aí ela separou dele e eu voltei morar com minha vó novamente...

**HÉRICA:** Me desculpa pela pergunta... mas você foi abusada pelo o marido dela...

**JULIANA:** Isso... pelo meu padrasto... fui abusada oito anos com meu padrasto... aí me tiraram da escola novamente... aí eu fiquei bom tempo sem estudar... aí eu voltei meu pai pegou minha guarda aí eu voltei a estudar colocou na escola novamente... aí eu fui morar em Araguaína agora tenho vinte um anos vim morar em Araguaína e resolvi voltar a estudar... falaram que aqui tinha o EJA aí isso me incentivou a estudar... aí isso me incentivou a estudar né... aí me explicaram como funcionava o EJA...

**HÉRICA:** Isso você não conhecia a EJA lá em Belém...

**JULIANA:** Não.: conhecia lá no Pará... onde eu morava era um local bastante....

**HÉRICA:** Afastado...

**JULIANA:** Afastado... aí nós não tivemos bom conhecimento... portanto o que eu vim ter conhecimento de estudar aqui em Araguaína...

**HÉRICA:** Tem quantos anos que você mora aqui...

**JULIANA:** Eu não fiz nem um ano ainda...

**HÉRICA:** Não...

**JULIANA:** Não... sou novatíssima aqui em Araguaína...

**HÉRICA:** Seja bem vinda na nossa cidade... Então... fala um pouco sobre sua relação com a escola...

**JULIANA:** minha relação com a escola é boa... faço amizade com todo mundo com os professores... da cantina a maioria me conhece se chego do bom dia tem uma senhora que já me conhece aqui... porque quando eu vi pra cá eu tava no primeiro ano aí eu fiz o segundo e o terceiro na EJA...

**HÉRICA:** A o primeiro ano você ainda fez na escola...

**JULIANA:** No ano passado vai fazer um ano que eu tô aqui em Araguaína mês que vem em novembro... aí eu fiz o primeiro ano aqui quando eu cheguei aqui o povo ficou meio assim porque meu cabelo era diferente eu era diferente aí viu que eu era uma novata... aí eu cheguei já falando com todo mundo...

**HÉRICA:** Mas o primeiro ano que você fez foi na EJA também...

**JULIANA:** Não foi no regular...

**HÉRICA:** Não né... Ah tá...

**JULIANA:** Fiz o primeiro ano no regular... agora que tô fazendo a EJA... portanto que eu fiquei sabendo da EJA eu tava no primeiro ano né... aí que eu conversei com a Paula... Paula é uma ótima diretora a gente tem bastante conhecimento com ela... ela orienta bastante a gente né... como que funciona aí fiquei sabendo por meio dela...

**HÉRICA:** O que é ser aluno da EJA para você...

**JULIANA:** É uma oportunidade muito grande... porque assim como eu não tive muita oportunidade de estudar através da dificuldade que eu já tive... é uma oportunidade muito grande da gente ter uma.: nova conquista na vida da gente... que se não fosse a EJA eu ia ficar mais atrasada ainda né... aí aquilo dali ia perde um pouco do todo foco que a gente tem porque eu falo poxa eu tenho vinte um ano tenho um cunhado que tem vinte um ano e já é professor de português ele já é formado e o outro... a outra é mais nova e já é formada aí aquilo lá me deixava um pouco pra baixo mais aí surgiu a EJA aí tô mais animada um pouco já deu vontade de desistir mais....

**HÉRICA:** Não desisti não... e o curso superior ainda...

**JULIANA:** É tem isso né...



**HÉRICA:** Você pensa em fazer né...

**JULIANA:** Penso... penso em fazer...

**HÉRICA:** Muito bem... Conte-nos um pouco sobre o modo como os professores ensinam em sua aula... em sua turma...

**JULIANA:** Na minha turma...

**HÉRICA:** Como os professores ensinam na sua turma...

**JULIANA:** Na minha turma pelo meu conhecimento eles ensinam bem... porque... porém tem algumas pessoas que não querem aprender tão ali por obrigação... é tem uns ali que tão por obrigação ou então tão ali esforçado tem gente ali que não querem nada com nada então isso dificulta muito nossos professores da aula porque o nossos professores estão ali com os planejamentos deles pra da aula... aí muitas das vezes tá ali no.: deixam ele dar aula aí estresse um pouco sai fora do normal mais tudo tranquilo comigo tudo tranquilo pra quem querem aprender eles são de boa...

**HÉRICA:** Conte-nos um pouco sobre como você aprende nas aulas....

**JULIANA:** Meu desenvolvimento em algumas matérias são boas... agora chegou na parte do cálculo tipo matemática química... química eu não sei nem pra onde vai é um número não sei nem o que tem a ver número com letra... portanto que eu fiquei com nota baixa em química e matemática mas isso a gente dá um jeito no segundo bimestre...

**HÉRICA:** Mas assim você acha que aprende como assim... os professores debatendo... debate... explicação...

**JULIANA:** Mais é o barulho... porque... portanto quando a gente tá ali dentro da sala o professor começa a explicar os... o povo que tá no fundo não deixa a gente ouvi... então eu tenho certeza que muita pessoa não dá conta de aprender com barulho... então eu tenho muita dificuldade de aprender com barulho... mas que eu chegue em casa e estudo não é a mesma coisa de um professor explicar... prova de física eu respondi ela toda só na explicação do professor

**HÉRICA:** Ah então você aprende com a explicação...

**JULIANA:** Explicação...

**HÉRICA:** Porém sem o barulho...

**JULIANA:** Porém sem o barulho com o barulho já me bagunça toda eu já fico toda perdida....

**HÉRICA:** E como a sala de vocês é...

**JULIANA:** Bastante difícil...

**Carlos 36 anos.**

**HÉRICA:** Boa noite... é... Conte-nos um pouco sobre a sua história de vida...

**CARLOS:** Minha vida é um pouco... foi um pouco meio complicada... tá sendo complicada... mas ao mesmo tempo boa né... muitas experiências é... hoje estudando aí concluído o terceiro ano né... e no pensamento talvez de fazer um curso para melhorar um pouco o conhecimento e... um tempo atrás tinha parado de estudar porque... gostava mais de trabalhar né... não sou muito chegado na escola mais... às vezes a vida nos força a estudar... aí voltei estudar e... hoje lutando aí pra ter... como se diz... uma vida própria um trabalho próprio... e... tentando melhorar as coisas um pouco mais...

**HÉRICA:** Quando você falou aí mais atrás um pouquinho... quando você falou boa... você refere quando voltou a estudar que está sendo melhor sua vida...

**CARLOS:** É... boa em questão de...

**HÉRICA:** Ou de seu serviço...

**CARLOS:** Nova oportunidade... porque como antes eu tava trabalhando... aí tinha parado de estudar para trabalhar...aí aconteceu um problema comigo um acidente né... aí eu fiquei em possibilidade de trabalhar... aí teve essa opção de é... fazer um.: estudar para poder... fazer outro tipo de trabalho... exerce outro tipo de cargo de serviço... porque através desse acidente eu fui possibilidade de trabalhar não resisti... então procurar um serviço melhor mais leve...

**HÉRICA:** Tá certo...então a parti daí que você voltou a estudar...

**CARLOS:** Foi...

**HÉRICA:** é... Conte-nos um pouco sobre sua relação com a escola... como é sua relação com a escola...

**CARLOS:** Eu acredito que é... boa né.. porque eu sou o tipo de pessoa que cada qual é... cada cargo tem que ser respeitado... eu na minha área de serviço eu.: trabalho com minha responsabilidade... e... serviço lá é serviço às vezes venho para a escola quando eu venho pra escola é pra estudar eu acredito que os

professores... também podem acha que eu não sou mau aluno... ruim aluno porquê... eu não sou a chegada a estudar... não tenho muita cabeça boa mais através de problema pra poder pra escola não doou não...

**HÉRICA:** O que é ser aluno da EJA para você...

**CARLOS:** Tem sido muito bom né... aqui ajuda a gente concluir mais rápido... não tem aquele procedimento muito lendo... as vezes quando a gente já tá cansado e às vezes de trabalhar a EJA é bom porque é a gente conclui mais rápido o curso né..

**HÉRICA:** Conte-nos um pouco sobre o modo como os professores ensina na sua turma...

**CARLOS:** Os professo... nem todos são cem por cento né... mais são muitos bons eu acredito que é muito bom eu tiro conclusão porque quem faz o professor também é o aluno... às vezes o professor tá super carregado de problema o aluno problemático demais... e às vezes o aluno paga por um aluno ruim e os professores se torna ruim por conta dos alunos... porque é... quando eu entrei aqui os professor eu não tenho que reclamar não porque eles explica bem se eu não aprendi foi porque eu não aprendi mesmo... mas que eles explicou explicou...

**HÉRICA:** Que bom então... Conte-nos o modo sobre como você aprende nas aulas...

**CARLOS:** Eu aprendo mais através de explicação... é... no quadro o professor explica e tudo aí quando guardo na cabeça guardou... quando... é... tipo assim pegar um caderno em casa eu não aprendo...

**HÉRICA:** Então no caso pra você aprender o professor tem que ir no quadro explicar...

**CARLOS:** É...

**HÉRICA:** E você fixa mais rápido...

**CARLOS:** O que eu consigo aprender só aquilo ali... o professor explica direitinho né... aí a gente guarda na memória...

**HÉRICA:** Mas se caso exemplo o professor passou por exemplo uma aula sobre o verbo... você aprendeu ali... se você chegar em casa amanhã de manhã e pega o caderno estudar... você lembra assim...

**CARLOS:** Não se eu pegar um caderno de estudar eu faço é esquecer o que o professor explicou

**HÉRICA:** Então no caso tem que estudar no mesmo dia ainda...

**CARLOS:** Não tipo assim eu sou um tipo assim que o professor explicou eu tiver que de aprender aprendi se não aprender não dou conta mais...

**HÉRICA:** Tem que ser outra explicação... pois é isso...

### **Maria 43 anos.**

**HÉRICA:** A pergunta que vou fazer pra ti... é.: você conta um pouco sobre a sua vida... sobre a sua história de vida...

**MARIA:** Hum... bom eu.: custei me forma assim aprender né... como eu morava mais no interior eu custei ir pra escola né... na verdade quando eu fui me alfabetizar eu tinha onze ano... aí minha mãe me colocou na escola né...aí assim trabalhei muito né quase não estudei né... terminei quando eu tinha assim uns vinte e um ano engravidei né... aí abandonei a escola... de novo aí depois de quatro anos voltei de novo aí desisti novamente né... aí agora que eu tô continuando a estudar né... pra ver se termina o segundo grau...

**HÉRICA:** Tá certo... fala um pouco sobre a sua relação com a escola... como é sua relação com a escola....

**MARIA:** Olha eu gosto muito da escola... dos professor graças a Deus... eu procuro me dar melhor assim com os professores né com os colegas de aula... todo mundo assim eu gosto de me comunicar bem né... não acho que eu seja uma pessoa assim muita bagunceira assim na sala de aula né... eu gosto de prestar atenção às vezes assim... tem vezes que eu peço ajuda assim alguns dos professores quando eu tô realmente né... inclusive professor de português me ajudou muito o Wesley me ajudou bastante e a professora de matemática gosto muito dela assim... porque às vezes... tem gente que não gosta dela... assim acha ela muito fechadona mas ela é uma boa pessoa a gente conversando assim com ela...

**HÉRICA:** Pra você o que é ser aluna da EJA...

**MARIA:** Sia... eu acho ótimo... porque assim é uma oportunidade que você tem de não ter terminado o segundo grau né... porque muitos lugares hoje em dia pra você conseguir um emprego melhor você não estiver o segundo grau... você não consegue né... tem que ter pelo menos ter o segundo grau completo né... aí o que faz me.: fez mais vim pra escola foi isso né... porque assim pra mim... conseguir uma locação melhor... assim...

**HÉRICA:** Um emprego melhor?

**MARIA:** Um emprego melhor né? tem que termina o segundo grau...

**HÉRICA:** Fala um pouco sobre o modo como os professores ensina na sua turma...

**MARIA:** Olha os professores da minha turma ensina muito bem... eles tem aquela dedicação de ensina mais a sala minha fia.. é uma benção a nossa sala tá muito bagunçada e assim a gente tá levando muito prejuízo sabe... porque tem umas que quer realmente né... mais tem outras que no.: que não procura ajudar aí...

**HÉRICA:** E a sala de vocês tem aquela variação um mais novo outros mais...

**MARIA:** Pois é... é verdade... na verdade essa sala tem mais jovens do que mais de idade... a minha sala tem mais jovens mesmo....

**HÉRICA:** Fala sobre o.: fala sobre o modo como você aprende nas aulas... fala um pouco como você aprende nas aulas...

**MARIA:** Assim que eu aprendo mais assim é... mais é conversando principalmente na aula de biologia... porque a professora de biologia ela conversa muito né... então ela interagem com os alunos.. ela... conversa bastante aí eu acho assim... que a gente acaba aprendendo mais... do que você fica só escrevendo ali no quadro... explica aí tan tan né... assim conversando mais... botando a gente pra ler né... bora fulano lê ali uma parte aí outro lê assim, aí a gente acaba aprendendo mais do que...

**HÉRICA:** Aí hoje tá mais assim né... os alunos pode participar... comunicar... porque antes era mais difícil...

**MARIA:** Isso... a professora de redação gosta de fazer isso... assim... ela mesmo uma vez colocou nos pra conversa cada um fala um pouco da sua vida né... que.: cada um falou da sua vida... e a gente reconheceu mais o colega né...

**HÉRICA:** Voltando aí um pouquinho sobre a primeira pergunta... quando você fala sobre a sua história de vida... é você parou de estudar... demorou de estudar ... você achou difícil essa trajetória como foi assim pra você...

**MARIA:** Eu achei difícil... porque assim é poderia ter conseguido uma coisa melhor né... com meu estudo como minhas irmãs mesmo tudinho são formadas... elas hoje são enfermeiras... outra fez... fez faculdade de... como é que fala... de educação mesmo... se formou né... e a outra também né... todas terminaram... e eu já fiquei pra trás né... de nós... de todas eu fiquei pra trás... porque eu... sou costureira hoje né... só costuro não tenho um estudo melhor... pra conseguir um emprego melhor...

**HÉRICA:** Mas isso aconteceu porque você casou cedo... ou...

**MARIA:** Na verdade eu não casei só tive fie dois filhos mais não casei né... eu acho que foi mais mesmo de mim assim dedica demais a família né... é às vezes acabei esquecendo de mim... aí agora resolvi terminar...

**HÉRICA:** Isso aí e vai conseguir...

### **Vitor 19 anos.**

**HÉRICA:** Conte-nos um pouco sobre a sua história de vida...

**VITOR:** Minha história de vida... minha história de vida foi bastante difícil né...

**HÉRICA:** Porque difícil...

**VITOR:** Porque... relação ao preconceito ((inaudível)) sabe... aí meu pai mandou eu ir embora de casa sabe... eu tinha quinze anos... aí eu fui morar com minha vó... minha vó é super tranquila comigo minha bisavó também minha mãe também... só que meu pai nunca me aceitou desde os quinze anos não falo mais com ele...

**HÉRICA:** Nossa...

**VITOR:** Entendeu...

**HÉRICA:** Mas na época você morava com seus pais ou só com seu pai...

**VITOR:** Morava só com meu pai...

**HÉRICA:** Aí ele já era separado da sua mãe...

**VITOR:** Isso... aí ele não me aceitou aí mandou eu ir embora foi... e até hoje em dia eu não falo com ele... só que tipo assim foi sempre tranquilo sabe nunca passei fome... vivi super bem eu tinha tudo o que eu queria é... até hoje...

**HÉRICA:** É... mas foi por isso que você desistiu de estudar...

**VITOR:** Não... é foi assim... eu já reprovei três vezes só que aí eu fui morar em Belém né... quando meu pai me.: aí lá a pessoa acho que com dezesseis anos não pode fazer o.: oitavo ano ainda... aí eu tava no oitavo ano aí fiz uma prova e passei para o primeiro aí no segundo ano eu desisti no... março maio eu acho aí eu desisti porque eu tava viajando muito pra casa da minha mãe ela mora em outra cidade aí eu voltava pra cá de novo matava muita aula minhas notas tava ruim aí eu desisti... aí eu fiz dezoito anos aí eu falei vou fazer o EJA termina logo...

**HÉRICA:** Mas lá quando você foi pra Belém... você morava com sua avó lá...

**VITOR:** Isso...

**HÉRICA:** Ah tá... sua mãe aqui...

**VITOR:** Minha mãe mora em Rio dos boi...

**HÉRICA:** Conte-nos um pouco com sua relação na escola... como é sua relação com a escola...

**VITOR:** A minha relação na escola é tranquilo... eu me dou bem com os professor os alunos...

**HÉRICA:** Não sofre preconceito aqui...

**VITOR:** Não... eu sou bem tirão também...

**HÉRICA:** O que é ser aluno da EJA pra você...

**VITOR:** Aí... não sei... é uma coisa mais rápida né... é... a gente vê pouca coisa não aprende muito... mas é bom que acaba logo né...

**HÉRICA:** Mas pensa em fazer um curso superior né...

**VITOR:** Sim... sim

**HÉRICA:** Ah tá... Conte-nos um pouco sobre o modo como os professores ensina na sua turma...

**VITOR:** Como eles ensina...

**HÉRICA:** É...

**VITOR:** Eles resume né... a matéria de resume... mas eles explica super bem os professores daqui do Adolfo... eles explicam super bem... e.: eu sinto o máximo para tu aprender as coisas que pelo o pouco tempo que eles tem né... mas passa...

**HÉRICA:** Conte-nos sobre um pouco o modo como você aprende nas suas aulas...

**VITOR:** Como eu aprendo... aí... com a explicação deles... ah... eu também procuro muito na internet... porque eu sou muito ruim... em algumas matérias sabe aí eu pesquiso vejo video aula quando antes da prova... semana antes eu vejo vídeo aula... pra mim aprender melhor... o que é muito pouco né... eles não tem muito tempo pra explicar...

**HÉRICA:** Então você acha melhor na explicação e chegar em casa dá uma revisão...

**VITOR:** Isso... uma revisão...

**HÉRICA:** Bacana... então é isso...